



UNIVERSIDADE da MADEIRA

Centro de Competências de Ciências sociais

Departamento de Ciências da Educação

Mestrado em Ciências da Educação- Inovação Pedagógica

Maria Lúcia Vieira Farias

Da Informação ao Conhecimento:

Uma prática pedagógica da leitura para o exercício da cidadania.

Dissertação de Mestrado

FUNCHAL- 2013

Maria Lúcia Vieira Farias

Da Informação ao Conhecimento:

Uma prática pedagógica da leitura para o exercício da cidadania.

Dissertação de Mestrado apresentado ao Conselho de Científico do Centro de Competência de Ciências Sociais da Universidade da Madeira como requisito parcial para obtenção do grau de mestre em Ciências da Educação.

Orientador: Professor Doutor José Paulo Brazão

FUNCHAL-2013

Aos meus filhos Sâmia e Caio César, ao meu esposo Gonzaga, à minha mãe Luiza, ao meu Pai Sebastião (in memória), e a todos aqueles que contribuíram para a concretização desta conquista.

AGRADECIMENTOS

A Deus acima de qualquer coisa por estar comigo em todos os momentos de minha vida.

Ao meu pai Sebastião (in memória) e a minha mãe Luiza por me concederem a vida.

Ao meu esposo Gonzaga e aos meus filhos Sâmia e Caio César pela compreensão e apoio dado durante a realização deste mestrado.

À minha Prima-irmã Lucilene, que considero um exemplo de pessoa por perceber na leitura do mundo o que aprende nas leituras dos livros tornando-se um ser autêntico e capaz de sobressair bem em qualquer obstáculo que possa surgir em sua vida.

Ao meu coorientador Prof. Dr. José Paulo Brazão que me orientou nessa jornada acadêmica.

A Professora Doutora Roseane Amorim da UFPE que me auxiliou e me deu força para persistir na busca desta conquista.

Aos Professores do curso de Mestrado da Universidade da Madeira- UMA que enriqueceram meus conhecimentos com seus conceitos e ideias.

Aos meus professores de Língua Portuguesa que me estimularam a fazer descobertas fascinantes pelo caminho da leitura.

A Assessoria Educacional prestada pela DH2 que me acompanhou durante toda a caminhada deste Mestrado.

Às colegas que se mantiveram mais próximo no decorrer deste curso, com os quais convivi e vivi momentos de partilhas, alegria e angustias.

Aos autores que me proporcionaram o prazer de mergulhar no mundo dos livros que foram meus melhores parceiros durante a realização desta pesquisa.

Enfim, a todos que contribuíram para o sucesso deste trabalho.

”Gosto de ser gente porque, como tal, percebo afinal que a construção de minha presença no mundo, que não se faz no isolamento, isenta de influência das forças sociais que não se compreende fora do que herdo geneticamente e o que herdo social, cultural e historicamente, tem muito a ver comigo mesmo”.

Paulo Freire.

RESUMO

A presente pesquisa é uma iniciativa que partiu da realização do Curso de Mestrado em Ciências da Educação pela Universidade da Madeira- Funchal- Portugal, objetivando entender a proposta de promover mudanças nas práticas educativas, com a perspectiva de analisar a aprendizagem, através da prática enfocada no projeto escolar “Da Informação ao Conhecimento”. Sendo esta, o objeto de estudo que propõe o conceito de que leitura e escrita são instrumentos fundamentais para a formação do ser, portanto devem ser estimuladas logo nos primeiros anos da existência humana e perdurar por toda a vivência. Lembrando que serão consideradas facilitadoras de autonomia, segurança e desenvolvimento pessoal se abordadas de forma individual ou coletiva. Trata-se de um estudo que visa encontrar Inovação nas práticas educativas para romper com o atual paradigma fabril que sistematiza a educação nos dias atuais, propondo um novo modelo educacional no qual o aluno é agente construtor, enquanto o professor assume o papel de mediador. Refere-se a um estudo qualitativo descritivo, com características voltadas para etnografia, pois, analisa os costumes, hábitos e valores de um grupo de estudantes do ensino médio de uma escola da rede pública do estado do Ceará –Brasil. Em consonância com os estudos realizados compreendemos que diante das dificuldades apresentadas no trabalho pedagógico da escola pública é possível perceber inovação no ambiente escolar, a partir do reconhecimento de que a leitura constitui-se como ferramenta propulsora para uma boa formação de leitores críticos e conscientes. Esta iniciativa tem embasamento na orientação epistemológica das ideias de Freire (1987, 1999, 2008), Soares (2009), Mendonça (2009), Bourdieu e Passeron (2008), Lajolo (1993), Morin (2007), Papert (2008), Sousa e Fino (2007) Toffler (1971) Koch (2006), dentre outros que contribuíram para a análise dos diversos aspectos sócio-culturais evidenciados.

Palavras-chave: Leitura; Conhecimento; Aprendizagem; Etnografia; Inovação.

ABSTRACT

This research is an initiative that came from the realization of the Master Course in Education from the University of Madeira- Funchal - Portugal, aiming to understand the proposed changes to promote educational practices, with a view to analyze learning through practice focused the school project "From Information to Knowledge". This being the object of study that proposes the concept that reading and writing are fundamental in the formation of the so should be encouraged in the first years of human existence and persist throughout the experience. Recalling that will be considered facilitators of autonomy, safety and personal development are addressed individually or collectively. This is a study to find innovation in educational practices to break the current paradigm that systematizes manufacturing education today, proposing a new model of education in which the student is agent builder's, while the teacher assumes the role mediator. It refers to a qualitative descriptive study, with features geared towards ethnography therefore examines the customs, habits and values of a group of high school students of a public school in the state of Ceará, Brazil. In line with the studies we understand that given the difficulties presented in pedagogical work of the public school can realize innovation in the school environment, from the recognition that reading is as a good tool for driving training and aware of critical readers. This initiative has grounding in epistemological orientation of the ideas of Freire (1987, 1999, 2008), Soares (2009), Mendoza (2009), Bourdieu and Passeron (2008), Lajolo (1993), Morin (2007), Papert (2008), Sousa and Thin (2007) Toffler (1971) Koch (2006), among others who contributed to the analysis of various socio-cultural aspects highlighted.

Keywords: Reading, Knowledge, Learning, ethnography, Innovation

RÉSUMÉ

Cette recherche est une initiative qui vient de la réalisation du programme de Master en éducation de l'Université de Madère, Funchal, au Portugal, dans le but de comprendre les changements proposés afin de promouvoir les pratiques éducatives, en vue d'analyser l'apprentissage par la pratique lecture, en s'attachant le projet d'école «De l'information à la connaissance". Ce faisant l'objet de l'étude que propose le concept que la lecture et l'écriture sont essentielles dans la formation de ce que l'on devrait être encouragée dans les premières années de l'existence humaine et persistent tout au long de l'expérience. Rappelant que sera considéré comme facilitateurs de l'autonomie, la sécurité et le développement personnel sont traitées individuellement ou collectivement. Il s'agit d'une étude visant à trouver des innovations dans les pratiques éducatives de briser le paradigme actuel qui systématise l'éducation de fabrication d'aujourd'hui, en proposant un nouveau modèle d'enseignement dans lequel l'étudiant est propre apprentissage d'agent constructeur, pendant que l'enseignant assume le rôle médiateur. Elle se réfère à une étude qualitative descriptive, avec des fonctionnalités orientées vers l'ethnographie examine donc les coutumes, les habitudes et les valeurs d'un groupe de lycéens d'une école publique dans l'État du Ceará, Brésil. En accord avec les études que nous comprenons que, étant donné les difficultés que présente dans le travail pédagogique de l'école publique ne peut se rendre compte de l'innovation dans le milieu scolaire, de la reconnaissance que la lecture est aussi un bon outil pour conduire la formation et conscient des lecteurs critiques. Cette initiative a mise à la terre de l'orientation épistémologique des idées de Freire (1987, 1999, 2008), Soares (2009), Mendoza (2009), Bourdieu et Passeron (2008), Lajolo (1993), Morin (2007), Papert (2008) , Sousa et Thin (2007) Toffler (1971) Koch (2006), parmi d'autres qui ont contribué à l'analyse des différents aspects socio-culturels mis en évidence.

Mots-clés: lecture, connaissances, apprentissage, ethnographie, Innovation

RESUMEN

Esta investigación es una iniciativa que surge a partir de la realización del Curso de Maestría en Educación de la Universidad de Madeira, Funchal, Portugal, con el objetivo de comprender los cambios propuestos para promover prácticas educativas, con el fin de analizar el aprendizaje mediante la práctica de lectura enfocado el proyecto de la escuela "De la información al conocimiento". Este es el objeto de estudio que propone el concepto de que la lectura y la escritura son fundamentales en la formación de lo que se debe alentar en los primeros años de la existencia humana y persisten durante toda la experiencia. Recordando que serán considerados facilitadores de la autonomía, la seguridad y el desarrollo personal se tratan de forma individual o colectiva. Se trata de un estudio para conocer la innovación en las prácticas educativas para romper el paradigma actual que sistematice la educación fabricación actual, que propone un nuevo modelo de educación en la que el estudiante está aprendiendo propio agente constructor, mientras que el profesor asume el papel mediador. Se refiere a un estudio descriptivo cualitativo, con funciones orientadas a la etnografía tanto, examina las costumbres, hábitos y valores de un grupo de estudiantes de secundaria de una escuela pública en el estado de Ceará, Brasil. De acuerdo con los estudios que entendemos que, dadas las dificultades que se presentan en el trabajo pedagógico de la escuela pública puede darse cuenta de la innovación en el ámbito escolar, a partir del reconocimiento de que la lectura es como una buena herramienta para la conducción de formación y conocimiento de los lectores críticos. Esta iniciativa ha de tierra en la orientación epistemológica de las ideas de Freire (1987, 1999, 2008), Soares (2009), Mendoza (2009), Bourdieu y Passeron (2008), Lajolo (1993), Morin (2007), Papert (2008), Sousa y Delgado (2007) Toffler (1971) Koch (2006), entre otros que contribuyeron al análisis de diversos aspectos socio-culturais destacadas.

Palabras clave: lectura, conocimiento, aprendizaje, etnografía, Innovación

LISTA DE SIGLAS

SPAECE – Sistema Permanente de Avaliação

SAEB – Sistema Avaliativo do Ensino Básico

OBMEP-Olimpíada Brasileira do Ensino Médio nas Escolas Públicas

LDB- lei de Diretrizes e Base da educação nacional

PCN's- Parâmetros curriculares Nacionais

IBOPE- Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística

AMB- Associação dos Magistrados Brasileiros

PPP- Projeto Político Pedagógico

LEI- Laboratório Educativo de Informática

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01- RELAÇÃO DE ALUNOS MATRICULADOS, PARTICIPATIVOS E NÃO PARTICIPATIVOS.

QUADRO 02- ORGANIZAÇÃO DA ATUAÇÃO DOS PROFESSORES DA ESCOLA ESTADUAL ALFREDO GOMES.

QUADRO 03- CONTROLE DE PROFESSORES ENTREVISTADOS QUE CONTRIBUÍRAM PARA REALIZAÇÃO DESTA PESQUISA.

QUADRO 04- ALUNOS ENTREVISTADOS QUE CONTRIBUÍRAM PARA REALIZAÇÃO DESTA PESQUISA.

QUADRO 05 – PARTES E DESCRIÇÕES DA COMPOSIÇÃO DO PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DA ESCOLA ALFREDO GOMES.

QUADRO 06- REFERÊNCIA DO PROJETO ESCOLAR “DA INFORMAÇÃO AO CONHECIMENTO”

SUMÁRIO

PÁGINA

1.INTRODUÇÃO.....	01
2. A LEITURA, A ESCOLA E O HOMEM COMO SER SOCIAL: A Problemática Educacional.....	06
2.1 A educação escolarizada e o capital cultural dos educandos: contextos e dilemas	07
2.2 O papel da escola e a função social da leitura na formação cidadã.....	13
2.3 A leitura crítica e dialógica na prática social.....	19
3. CONCEITUANDO A INOVAÇÃO NO CONTEXTO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA.....	27
3.1.Conceituando a inovação nas práticas pedagógicas.....	28
3.2 A leitura conscientizadora e o contexto histórico da linguagem na busca de promover inovação na prática pedagógica.....	36
3.3 Contextualizando a leitura e a escrita numa prática social para descoberta de inovação pedagógica.....	42
4. O CAMINHO TEÓRICO-METODOLÓGICO.....	50
4.1 A trilha metodológica: os caminhos escolhidos.....	51
4.2 Estudo etnográfico na nossa pesquisa: escolha teórica.....	56
4.3As experiências escolares de leitura: O Projeto Da Informação ao Conhecimento	58
4.4 O estudo de campo: as técnicas, os instrumentos de coletas, os sujeitos da pesquisa e a análise documental.....	62
5. A ESCOLA ESTADUAL ALFREDO GOMES: OS FIOS E OS SIGNIFICADOS DO PROJETO ESCOLAR “DA INFORMAÇÃO AO CONHECIMENTO”.....	71
5.1 O Projeto Político Pedagógico da Escola Alfredo Gomes: cenários e contextos na produção do conhecimento.....	72
5.2 O projeto escolar “Da Informação ao Conhecimento” numa abordagem da leitura e da escrita para construção da autonomia do educando.....	76
5.3 Os fazeres e dizeres dos educadores e educandos sobre o projeto escolar “Da Informação ao conhecimento”	81
CONCLUSÃO.....	91
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	95

INTRODUÇÃO

Na tradição brasileira, literatura infantil e escola mantiveram sempre relação de dependência mútua. A escola conta com a literatura infantil para difundir – ataviados pelo envolvimento da narrativa, ou pela força encantatória dos versos- sentimentos, conceitos, atitudes e comportamentos que lhe compete inculcar em sua clientela. LAJOLO (1993; p.66)

A leitura por ser considerada um dos primeiros e principais aprendizados nos possibilita a inserção no mundo do conhecimento cientificamente mais formalizado, portanto, precisa tornar-se uma prática sociocultural inserida no contexto educativo desde os primeiros passos dados pelo ser em direção à escola. Considerando que ler é um ato que estabelece relação com o poder da sociedade e pressupõe criticidade para grupos sociais que se integram na camada popular.

Sendo esta constituída de maior número de pessoas que formam um grupo que se encontra em situação menos privilegiada na população mundial e é penalizado pela falta de instrução e conhecimento, tornando-se um alvo fácil de ser manipulado por políticos, administrador e até mesmo por indivíduos que compartilham as mesmas experiências de vida.

O que nos leva reconhecer que o ensino público não oferece em sua prática educativa a acessibilidade a uma leitura dialógica e reflexiva para que o aluno adquira em sua aprendizagem a capacidade de pensar e argumentar oral e verbalmente e muito menos de se impor com autonomia e segurança.

O que vemos nas escolas hoje é o retrato de jovens inconscientes e alheios ao que ocorre na própria realidade, fato que contribui para que eles frequentem a instituição escolar apenas por obrigação, sem reconhecer que ela tem a função de formar cidadãos críticos e passam a frequentá-la apenas em troca de algum benefício, o que os leva a participarem das atividades em prol de uma nota para aprovação na série cursada.

Esta realidade se apresenta camuflada pela divulgação de percentuais que devem ser contestados por nós que experimentamos uma vivência diferenciada do que é mostrado nas redes de comunicação, por exemplo, censo de 2009, fornecidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE apresentou pela primeira vez, um

índice abaixo de 10 % de analfabetos, ou seja, de 9,7%, representando uma queda significativa que coloca nosso país no rol dos que são considerados desenvolvidos.

No entanto, esses dados não ofuscam da nossa visão de educador a consciência de que estamos lidando com muitos jovens que chegam as séries finais do Ensino Fundamental, 8º e 9º ano, e continuam pelos três anos do Ensino Médio com dificuldades consideráveis pertinentes à leitura, tais como: sem a capacidade de identificar a ideia principal de um texto; não reconhecer as relações entre as partes de um texto; não reconhecem recursos coesivos; apresentar dificuldade em detectar o propósito comunicativo em diferentes gêneros; dentre outros fatores que não favorecem o bom desempenho desse aprendizado.

Podemos comprovar este fato com a nossa própria experiência de mais de uma década em sala de aula, na qual lidamos com alunos que chegam ao primeiro ano do Ensino Médio, apenas decodificando letras e conseqüentemente conseguindo juntá-las para formação de palavras que eles reconhecem nos textos do livro didático, porém não refletem e nem compreendem o que leem, o que faz com se torne habitual responderem provas objetivas com marcações aleatórias e as subjetivas ficam sem respostas.

E assim, eles se encaminham para o terceiro ano e ao final deste período e recebem um certificado de conclusão do ensino médio para participarem de uma competição desigual na tentativa de ingressar em uma universidade ou conseguirem ser aprovados em concurso público que lhes dará garantia profissional.

Desta forma, torna-se comum lidarmos com adolescentes desmotivados e desinteressados em dar continuidade aos estudos e em conquistar a formação profissional almejada, optando por uma vida dedicada ao alcoolismo e às drogas, porque não possuem concepções próprias para imporem-se como seres pensantes e sentem-se excluídos do grupo de cidadãos que se socializam em busca de transformações sociais.

Estas questões trazem uma forte preocupação para a prática pedagógica dos professores da área de Língua Portuguesa, posto que, são os mais cobrados para trabalharem a leitura e a escrita, isso gera grandes dificuldades para lidar com os alunos no momento de trabalhar com os textos literários dos livros didáticos ou qualquer outro instrumento que seja direcionado para o ato da leitura.

O que faz com que os docentes se deparem com o desafio de convencer os discentes de que a ação de ler não se limita apenas ao espaço escolar, mas, se trata de

uma realização que se estenderá como uma continuidade pelo percurso de toda a vivência do ser humano.

Sendo assim, esta pesquisa tem como proposta a observação da prática pedagógica que aborda o projeto escolar “Da Informação ao Conhecimento” integrado a temas diversificados abordados no contexto escolar, o qual visa despertar no aluno a possibilidade de refletir, dialogar, socializar-se e participar ativamente nas diversas situações que surgirem pela vida. Tendo em vista que a leitura viabiliza melhor formação humana, bem como favorece uma abertura maior para a continuidade dos estudos ao longo de toda a vida.

Diante disso, a pesquisa tem em seu contexto a seguinte problemática: até que ponto a prática educativa aplicada no projeto “Da Informação ao Conhecimento” vem favorecendo o desenvolvimento da leitura para os jovens de uma escola do ensino Médio do Ceará e oportunizando a construção da cidadania de forma inovadora?

Em decorrência da problemática explicitada à investigação tem como objetivo geral: Conhecer uma prática desenvolvida pelos professores e alunos que participam do Projeto “Da Informação ao Conhecimento” buscando a identificação de uma prática educativa que utiliza a leitura como recurso formador de sujeitos capazes de compreender, criticar e produzir diferentes tipos de textos para aquisição de saberes mediados pelos professores de forma que a aprendizagem esteja articulada com o exercício da cidadania e se efetive ao longo da escolaridade e da vida.

Apresentamos ainda como objetivos específicos: conhecer pressupostos teóricos norteadores de prática pedagógica, que aproxime o aluno da escrita e da leitura numa perspectiva formadora para o exercício da cidadania; identificar aspectos que dificultam a aprendizagem da leitura; verificar melhorias na aprendizagem através da leitura e da escrita como possíveis elementos favorecedores de inovação pedagógica; reconhecer sucessos e entraves encontrados na prática que envolve o projeto “Da Informação ao Conhecimento” para identificar inovação efetivada que pode sugerir alternativas para o aperfeiçoamento e conquista de resultados cada vez melhores para educação.

A relevância da pesquisa consiste na compreensão da proposta em relação às atividades de leitura desenvolvidas pelo projeto escolar “Da Informação ao Conhecimento” para favorecer o hábito da leitura e da escrita e utilizá-las como recursos favorecedores da aprendizagem e propulsores de autonomia, desempenho e

criatividade, garantindo o direito dos adolescentes de aprender através das próprias ações e práticas que realizam em busca de sua integração ao meio social.

Assim sendo, formulamos a hipótese que pressupõe a concepção de que a medida que ocorrem avanços nos diversos aspectos da sociedade, conseqüentemente a humanidade enfrenta desafios que exigem o repensar educativo para que a escola do futuro possa formar cidadãos com acesso a informação e ao conhecimento, pressupondo a implementação da leitura e da escrita de forma dialógica, construtiva e reflexiva para favorecerem maior abertura para as mudanças que melhoram o trabalho escolar e a atuação do professor em sala de aula e efetive uma aprendizagem significativa que enfoca a socialização, cooperação, comunicação e articulação da linguagem.

Em decorrência do pressuposto abordado, a investigação segue os parâmetros qualitativos descritivos da etnografia para analisar documentos e dados que propõem o entendimento da realidade vivenciada numa prática pedagógica que aborda a leitura e a escrita contextualizadas nas ações que envolvem a compreensão e a produção de diversos gêneros textuais para promover o desenvolvimento da aprendizagem nos vários aspectos que movem a vivência sociocultural do aprendiz.

Enfatizamos que a categoria teórica da pesquisa: prática pedagógica, leitura e escrita que veem ressaltadas pela contribuição de Lajolo (1993); Bajard (2002); Regis (2002); Yunes (1988); Silva (2009); Kock (2006; 2010); Kramer (2010); Solé (1998); Cagliari (2009); Paiva (2008), Micheletti & Brandão (2007), Antunes (2003), Soares (2009), dentre outros que ressaltam a valorização da leitura e da escrita para formação do ser.

Salientando que a escola precisa atender satisfatoriamente a diversidade cultural com respeito ao conhecimento que o ser traz consigo e buscar novos saberes que fortaleçam o pensamento reflexivo na relação que integra educação mediante as inovações, os avanços da ciência e da tecnologia que movem a sociedade, com base nos conceitos definidos por: Perrenoud (2000); Bourdieu (2008); Toffler (1971); Papert (2008); Freire (2008; 1987; 1999); Ferreiro (2001); Bento & Mendonça (2010); Sousa e Fino (1996; 2008; 2009; 2010); Morin (2008); dentre outros.

No capítulo 2 a função social da leitura enfoca uma perspectiva crítica dialógica e conscientizadora para favorecer inovação na prática educativa que percebe no ato de ler e escrever uma abertura para formar seres capazes de resolver seus problemas, conforme idealiza Freire (2008; p. 20) para conquista de uma prática

democrática e libertadora em busca da conquista de “uma pedagogia moderna que conduza a educação para a decisão de responsabilidade social e política”.

Assim, o capítulo 3 estende-se numa tentativa de conceituar Inovação Pedagógica, fazendo-se entender que a leitura crítica e dialógica desperta no aluno interesse de tornar-se um sujeito que constrói e rompe barreiras que lhe impedem de ser atuante, conseqüentemente a prática educativa adota um novo paradigma que pode conduzir ao avanço educacional.

Não poderia deixar de apresentar os capítulos seguintes nos quais se destaca o percurso metodológico e a análise dos dados que detalha o caminhar da pesquisa, ressaltando métodos e técnicas utilizadas para a realização deste processo investigativo sobre a prática da leitura abordada no projeto escolar “Da Informação ao Conhecimento”. Salientando ainda, que, esta realização só se tornou concretizada através da participação dos sujeitos coordenadores, professores e alunos que nos auxiliaram com informações precisas.

Para finalizar, ressaltamos a observação de uma prática pedagógica que aborda a aprendizagem integrada na “transferência de competência”, termo usado por Bajard (2002; p. 60) para fazer referência ao processo que leva o aluno a construir o novo embasado em conhecimentos anteriores tornando-se um sujeito ativo e capaz de descobrir mecanismos por si próprios para alcançar seus objetivos, através das concepções apresentadas nos capítulos subsequentes que nos levam a reconhecer a relação estabelecida entre a primordialidade da leitura e a função da escola para formar cidadãos críticos que dialogam e se interrelacionam numa busca comum de mudança social.

CAPÍTULO 2 - A LEITURA, A ESCOLA E O HOMEM COMO SER SOCIAL: A Problemática Educacional.

A dificuldade do pensamento consiste em conferir lugar a uma ideia.
(Edgar Morin 2008)

As mudanças na sociedade brasileira têm provocado muitos desafios aos profissionais atuantes na educação básica do nosso país. Dentre as discussões que permeiam o ensino, evocamos a necessidade de uma educação que promova a autonomia do sujeito, sendo este objeto de intenso debate. Formar sujeitos críticos, participativos e criativos parece ser algo inalcançável. A busca de uma formação com estas qualidades, muitas vezes, não passa de um discurso evasivo ou de apenas um sonho efêmero, posto que para alguns jamais será concretizada. Entretanto, percebemos que alguns educadores apresentam inquietação pela implementação de uma prática educativa mais eficaz na instituição que atuam. Consideramos que estes profissionais acreditam que há possibilidade de mudança e de transformação mesmo diante de um sistema opressor.

Diante das questões evidenciadas, enfatizamos a leitura e a escrita como elementos importantes para formação dos estudantes. Nesta perspectiva, entendemos que a escola precisa cumprir sua função de socializar a informação e o conhecimento que já se integram no mundo tecnológico e letrado como o nosso. Assim sendo, temos consciência de que os nossos alunos precisam ter acesso a diferentes gêneros textuais para ampliarem suas ideias e formarem outros conceitos que podem aplicar no cotidiano.

Com base nestas discussões, este capítulo versa sobre a importância da leitura na educação escolarizada e conseqüentemente na sociedade. Para este feito buscamos apoio teórico em diversos autores que nos ajudam a perceber na leitura e na escrita o encarte fundamental no processo de preparação dos sujeitos para a vivência de mundo.

No primeiro debate, apontamos que a Instituição escolar traz consigo o compromisso de enriquecer o capital cultural dos aprendizes. Portanto, entendemos que a cultura escolar deve ser embasada em um novo paradigma que venha estabelecer mudanças comportamentais. Em seguida procuramos enfatizar o conceito de inovação e prática pedagógica que abrem um leque para enfocarmos a leitura numa perspectiva

crítica e dialógica na prática social por último discutirá o papel dela como instrumento de conscientização e de transformação.

Considerando que a partir da prática educativa que envolve uma leitura crítica abre-se espaço para um trabalho em sala de aula que forma leitores com habilidades e acesso aos conhecimentos satisfatórios que contribuirão para o desenvolvimento das diversas abordagens sociocognitivas e a valorização da leitura escolar e da leitura de mundo.

Neste sentido, procuramos pensar uma nova escola, que estabeleça aproximação do contexto da escola pública estadual com o contexto local, na busca de promover aprendizagem e acesso a informação que os mantenham conectados com a vivência global para maior entendimento da nossa realidade educacional.

2.1 A educação escolarizada e o capital cultural dos educandos: contextos e dilemas

Desde os primórdios da humanidade o homem sentiu necessidade de se comunicar para adquirir novas ideias que lhe permitisse melhor convivência social. Para este feito, ele fazia anotações com desenhos rupestres para registrar seus feitos e avaliar seu trabalho, buscando novas técnicas para caçar, pois esta era sua única fonte de sobrevivência.

Com o passar dos tempos, novos interesses foram surgindo e outros aspectos foram despertados na vivência da humanidade, conseqüentemente a linguagem se aperfeiçoou e o homem descobriu novas formas de analisar, avaliar e registrar suas ações, dando início ao surgimento de novas instituições que passaram a ter um papel fundamental no controle de suas vidas.

Assim, modelos educativos foram aparecendo seguindo uma visão cada vez mais complexa e pluralizada dedicadas à religião, ao pensamento antigo, à linguagem, ao mito, à passagem da cultura oral para escrita e ao nascimento da consciência. (FRANCO, 1999).

Diante desta complexidade a linguagem permaneceu presente no cotidiano da humanidade adentrando a pedagogia contemporânea que tem como principal fundador Jean-Jacques Rousseau, filósofo de língua francesa. Franco (1999; p. 343) diz que Rousseau:

Colocou no centro de sua teorização a criança, (...) elaborando uma nova imagem da infância que se aproxima do homem por natureza, bom e animado pela piedade, sociável, mas também autônomo, como articulado em etapas sucessivas (da primeira infância à adolescência); (...) justificando que a política e pedagogia estão estritamente ligadas em Rousseau: uma é o pressuposto da outra, e juntas tornam possível à reforma integral do homem e da sociedade, reconduzindo-a – por vias novas (...).

A escola contemporânea, com embasamento nas concepções Rousseauianas, deveria realizar um trabalho que buscasse reforma integral do homem e da sociedade, porém, ela se distanciou dessa perspectiva, passando a não atender a todos com equidade, priorizando a motivação e a cultura de forma diferenciada para os meios sociais e familiares que recebem atenção proporcional ao nível que ocupam, limitando saberes e determinando metas que apenas contribuem para insucesso escolar.

Dessa forma, Mendonça (2009, p.67) define que o insucesso escolar ocorre quando:

[...] a escola, ao vincular a transmissão do saber instituído, propõe aquisição desse saber, através de metas e limites que demarcam as fronteiras reais entre sucesso e insucesso escolar, pelo que, quando o aluno “fica para trás, já está em insucesso [visto] que não atingiu alguma coisa que é suposto ser atingido por todos os alunos”.

É notável que esse distanciamento na integração entre escola e sociedade evidenciada por Rousseau, deve-se à falta de priorização da leitura, tendo em vista que esta ausência contribui para a alienação de muitos jovens que apenas ocupam espaço na sociedade em que vivem, demonstrando carência intelectual e baixo rendimento nas atividades escolares.

Chamamos de carência intelectual a falta de perceptividade do aluno diante do que ocorre ao seu redor, mantendo-se alheio aos problemas reais, desconhecendo a importância do saber e ignorando fatos sociais (corrupção, violência, desemprego, miséria, fome, aquecimento global e outros) que deveriam despertar sua atenção, no entanto, continuam acontecendo e estão alheias aos seus olhos como se fosse uma normalidade do cotidiano.

O que torna necessário refletir a prática educativa que se condiciona ao papel de aparelho ideológico da escola e esquece que traz em si a grande responsabilidade

social de preparar seres capazes de agirem dignamente diante da sociedade se fazendo respeitar e transformando o meio em que vive.

Perrenoud (2000) nos diz que para que ocorra esta transformação é preciso haver o que ele chama de transferência, posto que, para ele a transferência passa por uma aprendizagem na situação, uma “reflexão-ação” que realiza amplo trabalho a partir do que o aluno já sabe.

Neste sentido, o próprio Perrenoud (2000; p. 67) nos diz:

Para transferir, é necessário unir saber e experiência. A escola o faz no registro do discurso, frequentemente para a forma, com referência a um futuro abstrato: *“Quando você for maior, compreenderá a que ponto o que está aprendendo agora é indispensável”*, isso não basta para favorecer transferência, mesmo por antecipação. Para exercitar a transferência, o ideal seria reconstruir, durante a escolaridade, situações próximas daquelas do mundo do trabalho, da vida fora da escola, quer seja das crianças, dos adolescentes ou dos adultos que se tornarão.

Desta forma, buscamos uma educação escolarizada que se volta para o entendimento de que a leitura é o caminho para compreensão e transformação que propõe situações de mudanças proporcionadoras de uma boa formação de seres, tornando-os preparados para enfrentar os dilemas e desafios impostos pela sociedade moderna.

Porém, entendemos que ainda dispomos de um currículo que pouco prioriza a exploração da leitura e da escrita com o objetivo despertar no aluno o interesse de fazer descobertas e de se reconhecer como sujeito capaz de agir e argumentar sobre o que considera adequado para desenvolver sua consciência crítica e construtiva, o que gera a necessidade de analisarmos as brechas deixadas pelo currículo que direciona a grade de disciplinas exploradas nas salas de aula.

Diante dessa lacuna deixada pelo currículo escolar, atribui-se também o favorecimento para aumentar o índice de ociosidade nos jovens, portanto, o fato de não possuírem o hábito de ler faz com que prefiram se reunir com colegas em bares para consumir alguma bebida alcoólica ou participar de algo que possam lhes proporcionar mais prazer, excluindo uma boa leitura, pois não entendem mesmo o que leem ou não se concentram para compreender. Precisamos adequar o currículo a nossa realidade própria (FINO 1996).

É importante dizer também que, a escola como instituição formadora tem por obrigação dar continuidade a esse hábito da leitura, entretanto, ela se distancia cada vez mais desta a inserção. Posto que, está se tornando comum nos depararmos com professores que também não tem o hábito de ler, pois, trabalham os três turnos ou até mesmo por desinteresse próprio, conseqüentemente, o aluno não se sente motivado e também não se insere no mundo da leitura, porque não reconhece o seu valor para formação do ser como agente social.

Para ressaltar a importância da leitura na Formação do cidadão atuante Koch (2010) muito contribui ao nos dizer que os textos são objetos vistos de diferentes formas e não pode ser entendido como estrutura acabada e salienta ainda, que estes são resultados da atividade verbal de indivíduos socialmente atuantes que coordenam suas ações no intuito de alcançar um fim social de conformidade com as condições sob as quais a atividade verbal se realiza.

Com esta perspectiva, esperamos desfrutar de uma educação escolar que perceba a leitura como um elemento fundamental para despertar a capacidade de entender, criar, gerar conceitos e formar concepções libertadoras para a realização de uma prática que utiliza a estratégias mentais e exercita a interação entre os seres.

Para isso tomamos como referência as palavras de Kleiman (2000; p. 10) muito contribui ao ressaltar a abrangência da compreensão textual:

A compreensão de textos envolve processos cognitivos múltiplos, justificando assim nome de “faculdade” que era dado ao conjunto de atividades, recursos e estratégias mentais próprios do ato de compreender. [...] A leitura é um ato social, entre dois sujeitos – leitor e autor- que interagem entre si, obedecendo a objetivos e necessidades socialmente determinados.

Diante do que a autora ressalta, percebemos que a escola carrega em si a grande responsabilidade de proporcionar esta interação sem selecionar apenas os aprendizes que são detentores de capital cultural (BOURDIEU, 2008) mais avançado, pois, aqueles que se enquadram nas classes menos privilegiadas não dispõem de fácil acesso aos textos e demais conteúdos que lhes permita interagir e crescer como ser social.

Para obtenção desse crescimento social do “ser” torna-se necessário que a escola reflita também a sua postura como aparelho ideológico do estado, ao valorizar

conceitos de alguns que possuem poder aquisitivo melhor e tem maior acesso aos meios culturais, enquanto os menos favorecidos economicamente recebem informações de forma restrita e tornam-se eliminados do direito de aprender e não dispõem das mesmas oportunidades que são dadas aos mais favorecidos.

Como afirma Bourdieu (2008, p.41):

Ora, vê-se nas oportunidades de acesso ao ensino superior o resultado de uma seleção direta ou indireta que, ao longo da escolaridade, pesa com rigor desigual sobre sujeitos das diferentes classes sociais. Um jovem da camada superior tem oitenta vezes mais chances de entrar na universidade do que o filho de um assalariado agrícola e quarenta vezes mais que um filho de operário, e suas chances são, ainda, duas vezes superiores àquelas de um jovem de classe média.

Essa reprodução torna-se bastante evidenciada quando os alunos de nível menos elevado são obrigados a competirem com aqueles possuidores de maior poder econômico, disputando alguma vaga para possíveis benefícios que lhes proporcionem ascensão nos diversos níveis. Então, percebe-se que a própria escola valoriza o aluno que tem acesso a mais informação, que frequenta ambientes socialmente mais elevados e principalmente que tem mais dinheiro para pagar professores particulares e cursinhos preparatórios.

Esta concepção se reforça na definição de Bourdieu (2008) quando relembra que os indivíduos são caracterizados pela bagagem econômica e social e que o capital cultural tornou-se institucionalizado, pois a escola quando percebe na cultura a incorporação de elementos como o gosto por obras de arte, o uso da linguagem formal, dentre outros que caracterizam o sujeito pelo contexto social que ele herda.

Para o autor a educação escolar estabelece uma forma de falar e o estilo de escrever que considera adequada para o aluno e esquece que cada indivíduo traz consigo uma variação linguística que merece ser explorada nos diversos gêneros textuais que são trabalhados em sala de aula. Assim, o autor estabelece que os indivíduos não se condicionem apenas a posição da classe social que ocupam.

Assim, percebe-se na escola a ampla necessidade de uma prática pedagógica reflexiva que busque através da linguagem a representação do pensamento e que conduza o sujeito a aquisição do conhecimento embasado na concepção de que não há cultura superior e nem inferior e que os valores e atitudes de todos os aprendizes merecem ser respeitados para que haja fortalecimento da relação entre o sistema de ensino e estruturas das classes sociais.

Desta forma, Bakhtin (2010; p.16) também estabelece uma relação entre signo e situação e afirma que:

O signo e a situação social estão indissolivelmente ligados. Ora, todo signo é ideológico sistemas semióticos servem para exprimir a ideologia e são, portanto, modelados por ela. A palavra é signo ideológico por excelência, ela registra as menores variações das relações sociais, mas isso não vale somente para os sistemas ideológicos constituídos, já que a “ideologia do cotidiano”, que se exprime na vida corrente, é o cadinho onde se formam e se renovam as ideologias constituídas. Se a língua é determinada por ideologia, a consciência, portanto o pensamento, a “atividade mental”, que são condicionadas pela linguagem, são modeladas pela ideologia.

Associamos então, o estudo da linguagem através da leitura e da escrita como elos para a formação de sujeitos que constrói uma representação mental e se mostra como ser histórico e social que interage sem desprezar os valores, seus costumes e sua forma de expressar a compreensão de enunciados usados nas aulas de língua portuguesa ou outras situações com as quais se depara fora da escola.

A confirmação desta postura escolar ressalta-se nos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs, importantes referenciais da educação brasileira atual, reconhecem a importância do estudo da linguagem no aprendizado, da Língua Portuguesa em uma dimensão ampliada:

A linguagem permeia o conhecimento e as formas de conhecer, o pensamento e as formas de pensar, a comunicação e os modos de comunicar, a ação e os modos de agir. Ela é a roda inventada, que movimenta o homem e é movimentada pelo homem. Produto e produção cultural, nascida por força das práticas sociais, a linguagem é humana e, tal como o homem, destaca-se pelo seu caráter criativo, contraditório, pluridimensional, múltiplo e singular, a um só tempo. (BRASIL: 1999, p.125)

Desta forma, a leitura e a escrita vistas como instrumentos da linguagem dão maior abertura para assimilação da informação e fazem com que o indivíduo possa aperfeiçoar cada vez mais o aprendizado que traz consigo integrando-o a outros saberes que surgem no decorrer de sua caminhada para construir conceitos e concepções que o coloque na condição de ator social em busca de promover transformações sociais.

Considerando que ler e escrever são requisitos fundamentais para uma formação cidadã que tem como objetivo a construção de mudanças que favoreçam a constituição de sujeitos emancipados e capazes de perceberem que leitura e escrita são formadoras e transformadoras de conceitos codificados em palavras e signos

linguísticos que estabelecem a comunicação entre os seres, o que torna necessário estabelecer vínculo entre a prática pedagógica e a prática social para concretizar mudanças significativas na vivência da educação.

2.2 O papel da escola e a função social da leitura na formação cidadã.

A sociedade contemporânea movida por uma aceleração desenfreada de informação e conhecimento tem gerado competições mais caracterizadas pelo desejo de consumir do que pela busca de desenvolvimento cognitivo e cultural, o que acentua cada vez mais a falta de respeito aos valores morais e a perda de identidade do indivíduo.

Estes atributos são em parte responsabilidade do fenômeno chamado globalização que tornou o mundo uma aldeia global e adotou produtos tecnológicos modernos e eficazes que passaram a ser referência de uma comunicação condicionadora que, de certa forma aliena e massifica os seres.

Esta massificação se reflete na acentuação da prática consumista que se intensifica cada vez mais na sociedade contemporânea, nos deparamos com seres adeptos de uma prática que consome tanto bens materiais como valores e costumes, seguindo um padrão global que se tornou determinante na vivência dos indivíduos.

Como nos alerta Toffler (1971; p. 16):

A aceleração da mudança não se limita a afectar indústrias ou nações; é uma força concreta que se infiltra profundamente na vida pessoal, nos obriga a representar novos papéis e nos coloca frente a frente com o perigo de uma nova e muitíssimo perturbadora doença psicológica.

Além disso, passamos a vivenciar um processo de comunicação excessiva que inicia um processo de aceleração esmagador que atinge todos os níveis, colocando à prova família, amizade e relacionamentos, dando início a um novo modelo de sociedade em que a informação é o requisito necessário para a aprendizagem.

Diante disso, a leitura e a escrita na função de fortalecerem o uso da linguagem para valorizar a comunicação entre os seres, perdem a essência de elementos interativos e assumem a postura de poder dominante da mente humana que se tornou escrava do consumismo capitalista e do modismo que estabelece padrões de beleza e impõem

condições para que o homem se integre à sociedade num processo de submissão que o condiciona e impede de refletir.

Com o intuito de modificar esta situação torna-se necessário que a escola reconheça a importância da leitura na prática pedagógica, tendo em vista que ela assume a função crítica e social para mediar a interação entre o leitor e o mundo, levando-o a reflexões que ampliem as oportunidades de acesso ao saber e ao conhecimento para inserção nas novas formas de refletir e construir a realização de um projeto pessoal que engrandece a existência do cidadão.

Carraher (2003; p. 32) ao ressaltar a importância da leitura na formação da criança que será um futuro cidadão nos diz:

[...] a criança que aprende a ler pensando parte de um nível de desenvolvimento cognitivo que lhe permite compreender como a fala está representada num sistema de escrita alfabética e por isso, progride com maior rapidez e eficácia.

Desta forma, tratar da função social da leitura é pensar na escola oportunizando uma relação pragmática com o saber para a preparação dos “**aprendizes**” numa relação de construção da própria história dentro de um contexto social que inclui seres de diversas etnias, culturas, religiões e poderes aquisitivos para que eles busquem ideias que promovam mudanças benéficas nos diversos aspectos sociais.

Para essa acepção Perrenoud (2000; p.65) diz:

[...] Será importante que se favorecesse na escola uma relação pragmática, até mesmo oportunista com o saber, assim como com as tecnologias; uma relação menos ingênua, que relativizasse o saber, por perceber suas condições e seus modos de produção na história humana; uma relação mais autônoma, que autorizasse a ir além dos procedimentos conhecidos, a inventar, a assumir os riscos de pensar por si mesmo.

Neste sentido, o desenvolvimento intelectual e o êxito escolar dependem da prática pedagógica que instiga a leitura e a escrita, como instrumento gerador de ideias, concepções, permitindo ao aluno o acesso ao mundo graduado e letrado para envolver-se em ações sociais e tornar-se capaz de modificar situações e problemas que causam impacto na sociedade contemporânea.

Para o fortalecimento deste argumento, Soares (2009; p.18) indica a seguinte situação:

[...] Adquirir a “tecnologia” do ler e escrever e envolver-se nas práticas sociais de leitura e de escrita – tem consequências sobre o indivíduo, e alterar seu estado ou condição em aspectos sociais, psíquicos, culturais, políticos, cognitivos, linguísticos, e até mesmo econômicos; do ponto de vista social, a introdução da escrita em um grupo até então ágrafo, tem sobre esse grupo efeitos de natureza social, cultural, política, econômica, linguística. O “estado” ou “condição” que o indivíduo ou grupo social passam a ter, sob o impacto dessas mudanças, é que é designado por literacy.

A autora ressalta que o “ser” é considerado letrado quando começa a ter contato com os livros mesmo que não seja alfabetizado, por exemplo, a criança que ainda não frequenta escola, porém, tem o hábito de folhear um livro, identificar as figuras e começar a criar um mundo imaginário a partir do que vê, ela deve ser considerada uma pessoa letrada.

Esta colocação nos leva a reconhecer o quão importante é a leitura na vida do homem, por ser uma ação que carrega em si a função de conduzir o aluno ao acesso a novas informações e pela interação intelectual que se dá entre leitor e livro, para que ele conquiste suas concepções, liberdade pessoal e aprenda a refletir, argumentar, debater e questionar para demonstração de identificação, autonomia e contato social.

Numa visão que estabelece relação e entre ler e dialogar, Kleiman (2000; p. 40) faz uma brilhante colocação quando afirma:

[...] ler é dialogar com a consciência do autor, com outros enunciados e vozes, não decifrando, mas produzindo sentidos com os conhecimentos que se tem de outros textos / enunciados e com os que o autor traz. Compreender um texto é indicar o que se tem a dizer em relação a ele e para ele.

Esta concepção entre leitura–diálogo e texto-enunciado dá-se o acesso a informação que resulta da compreensão ativa dos diversos gêneros de textos que são colocados a disposição dos alunos para que eles leiam, escrevam e analisem criticamente numa condição de sujeito ativo que evidencia o reconhecimento da própria identidade e da própria história.

Diante dessa evidência, é importante lembrar que qualquer texto escolhido pelos alunos oportuniza um momento de reflexão, por se tratar de um objeto que

permite a integração do “eu” para com o outro e com o meio em que vive, favorecendo uma relação com as principais instituições que fundamentam a vivência humana, dentre elas: a família, escola, trabalho, pátria e outros.

Sobre a vivência social dos aprendizes Antunes (2003, p. 67) nos diz:

A atividade da leitura completa a produção da atividade produção escrita. É, por isso, uma atividade de interação entre sujeitos e supõe muito mais do que uma simples decodificação dos sinais gráficos. O leitor; como um dos sujeitos da interação, atua participativamente, buscando recuperar; buscando interpretar e compreender o conteúdo e as intenções pretendidas pelo autor.

Portanto, a função social da leitura e da escrita é a de promover ao indivíduo interação e a conquista de uma liberdade que faz com que ele renasça a cada descoberta que realiza em busca do conhecimento adquirido que surge paulatinamente e sequencialmente para propiciar transformação na vivência escolar e social dos sujeitos.

Conforme nos diz Freire (1987): “A liberdade é uma conquista que exige uma busca permanente e não uma doação”. Essa conquista só se torna possível, a partir de um desencadear de informações repassadas pelos textos que dão abertura para novos conceitos aliados às opiniões e aos pensamentos expostos nas produções escritas que contestam ou aprovam situações vivenciadas.

Assim, a ação de ler favorece essa libertação e permite o crescimento interior do ser, proporcionando-lhe habilidades e competências para criar e recriar ações em busca da transformação do mundo para uma aprendizagem significativa que possa influenciar, também, situações sociais como o desenvolvimento da autoestima e a relação dialógica entre alunos e professores e no convívio com os demais integrantes do meio em que vivem, preparando-os para se inserirem no conjunto de recursos que Bourdieu (2008) referencia, dentre os quais enfatizamos o “capital cultural”.

Dessa forma, a aquisição ao hábito da leitura pode promover um avanço significativo na interação social do educando, permitindo-lhe se desvincular do condicionamento de obter uma aprendizagem adequada à situação econômica em que está inserido, favorecendo então, uma formação cidadã que desperta a consciência crítica dos direitos e deveres para que ele se reconheça no papel de agente ativo e construtor de uma sociedade equilibrada.

Este despertar de consciência valoriza o desempenho da prática educativa que se volta essencialmente para a preparação de leitores que adentram o mundo da leitura

em busca de explorar e compreender textos para aquisição do conhecimento e de informações que lhes permita participar de qualquer situação competitiva que possa surgir nos círculos da vida, conseqüente, estejam preparados para atender às exigências propostas e que se adequam ao nível mais elevado para uma vivência melhor.

Para esta concepção Kleiman (2000; p. 20) nos diz que:

Há outros conhecimentos relativos ao texto que são também parte desse conjunto que chamamos de conhecimento prévio, sendo, portanto, importantes para a compreensão . [...] Quanto mais conhecimento textual o leitor tiver, quanto maior a sua exposição a todo tipo de texto mais fácil será a sua compreensão, pois, o conhecimento de estruturas textuais e de tipos de discursos que determinará, em grande medida, suas expectativas em relação aos textos, expectativas estas que exercem um papel considerável na compreensão.

O fortalecimento desta relação que assola a leitura e o conhecimento também é focado por Lajolo (1993) na obra “Do mundo da leitura para a leitura do mundo” nos remete a importante compreensão de que a leitura dos livros se aprende nos bancos formais da escola, porém outras leituras se aprendem na escola da vida, e enfatiza que a leitura não pode e não deve se estreitar apenas nos círculos da escola, mas estender-se nos círculos da vida para que a mesma transforme-se numa prática circular e infinita que promova a construção de mudança social.

Nessa contextualização a autora ressalta que:

Em movimento de ajustes sutis e constantes, a literatura tanto gera comportamentos, sentimentos e atitudes, quanto, prevendo-os, dirige-os, reforça-os, matiza-os, atenua-os; pode revertê-los, alterá-los. É, pois, por atenuar na construção, difusão e alteração de sensibilidades, de representações e do imaginário coletivo, que a literatura torna fator importante na imagem que socialmente circula, por exemplo, de crianças e de jovem (LAJOLO, 1993, p. 26).

Este movimento citado pela autora torna-se importante para ressaltar que tanto a leitura como a escrita quando lhes são atribuídos os seus devidos valores e adotadas adequadamente se tornam elementos fundamentais para reverter o quadro de insensibilidade que domina o espírito do aluno em sala de aula.

Resgata ainda, atitudes que precisam ser lembradas para o bom desempenho das aulas de língua materna, pois é comum escutar no relato de professores a falta de interesse dos alunos no momento de trabalhar a leitura e as produções textuais, além

disso, o próprio professor sofre com a falta de interesse e desmotivação dos que não veem sentido em exercitar a leitura e a escrita da forma imposta pelo currículo escolar sistematizado.

É por isso que refletimos aqui, a falta da leitura e da escrita na imagem social do ser, pois, esta falta torna-o discriminado diante dos demais seres com os quais se relaciona na comunidade, passa a ser vistos com olhos de desprezo porque não conseguem ter argumentos para justificar suas ações perante o grupo social de convívio e é taxado com estereótipos e preconceitos que o coloca na posição de indivíduo incapaz.

Analisando a leitura e a escrita no processo de inclusão do ser ao meio social; buscamos apoio nas palavras de Freire (1999; p.65) quando reflete a imagem social do homem como ser inacabado e diz:

Entre nós, mulheres e homens, a inclusão se sabe como tal. Mais ainda, a inclusão que se reconhece a si mesma, implica necessariamente inserção do sujeito inacabado num permanente processo social de busca. Histórico-sócio-culturais, mulheres e homens nos tornaram seres em quem a curiosidade, ultrapassando os limites que lhe são peculiares do domínio vital, se torna fundante da produção do conhecimento.

Diante desta compreensão devemos lembrar que o ato de ler estende-se a todas as disciplinas escolares e contribui para melhor formação dos seres de forma igualitária, para vida e para o mundo quando atua como uma ação reflexiva e questionadora. Voltando-se para uma atitude interdisciplinar que se tornará habitual no cotidiano escolar e que envolverá professores e alunos numa aprendizagem que os permite a refletir e criar oportunidade de melhor qualidade de vida.

Por consequência, oportunizará também, a existência de correntes solidárias de informações para toda comunidade e reforça também laços de afetividade familiar para embasar a diminuição dos altos índices de violência e promoverá relações socioculturais que tragam benefícios e bem-estar de todos e da sociedade.

Com bem ressalta Lajolo (1993; p. 07):

(...) Lê-se para entender o mundo, para viver melhor. Em nossa cultura, quanto mais abrangente a concepção de mundo e de vida, mais intensamente se lê, numa espiral quase sem fim, que pode e deve começar na escola, mas não pode (nem costuma) encerrar-se nela.

Portanto, o desempenho da ação de ler e escrever consiste em transmitir informação e estabelecer comunicação entre os seres para valorizar as aulas da língua materna integradas na relação da escola com a sociedade, focalizando o papel do leitor agente que age de forma consciente e se integra ao meio do qual faz parte, fazendo com que ele adote a postura de transformador da própria realidade para acompanhar os avanços que ocorrem ao seu redor.

Este processo de conscientização contribui para fazer com que o aluno comece a identificar o quanto é importante buscar conhecimento e informação para criar novas perspectivas de qualificação para si e para a própria vida, assim ele poderá ultrapassar as fronteiras de formalizações que limitam seu potencial de crescimento pessoal.

As questões aqui evidenciadas mesclam-se nas concepções de Kock (2006), Paiva (2008), Soares (2009) e Freire (1987) e outros que nos fazem encontrar na leitura e na escrita a função de mudar a realidade social através da prática que leva o homem a pensar por si mesmo, alterar seu estado nos aspectos sociais, psíquicos, culturais, políticos, cognitivos, linguísticos, e econômicos para conquista da liberdade de participar, agir e de construir, posto que, produzir é uma tarefa inerente à vivência do indivíduo- cidadão.

Estas ações são fundamentais para formação humana, tendo em vista que elas dão abertura para uma “práxis autêntica” (Freire 1987) que vem definida como reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo. O autor salienta ainda que esta transformação só será possível se houver o despertar da consciência crítica que o ser adquire com a interpretação e a produção textual desenvolvida na reflexividade da leitura para formar seres letrados com perspectiva de uma consciência crítica e dialógica para fundamentação das práticas que mudam a realidade vivenciada no meio social.

2.3 A leitura crítica e dialógica na prática social

Não é possível abordar a leitura numa perspectiva crítica dialógica sem referenciar a pedagogia de Paulo Freire, sobre a qual o próprio autor trata como método de aprendizagem que permite ao homem aprender a efetivar e exercer a liberdade conquistada numa linha de entendimento entre a reflexão e o mundo.

Na concepção do autor, a leitura de mundo precede a leitura da palavra, sendo a primeira identificada na perceptividade e na interpretação que a criança faz dos gestos,

ações, imagens, movimentos e até dos sentidos humanos. O que nos reporta ao conceito de que cada pessoa tem sua forma de compreender e produzir, portanto devemos nos voltar para a prática do diálogo como forma de promover a interação de ideias e conceitos para a socialização da informação e do conhecimento.

Ao ressaltar a importância do diálogo e da interação de ideias entre os seres, Freire (1987; p. 10) diz:

O diálogo não é um produto histórico, é a própria historicização. É ele, pois, o movimento constitutivo da consciência que, abrindo-se para a infinitude, vence intencionalmente as fronteiras da finitude e, incessantemente, busca reencontra-se além de si mesma. Consciência de mundo busca-se ela a si mesma num mundo que é comum; porque é comum esse mundo, buscar-se a si mesma é comunicar-se com o outro. O isolamento não personaliza porque não socializa.

Assim, este trabalho tem a perspectiva de desenvolver o senso crítico e dialógico da aprendizagem do indivíduo ao buscar no pensamento de Freire (2008; p.47) a concepção de diálogo como o resultado da relação que o homem trava consigo mesmo e com seu semelhante e na pluralidade dessas relações é que transcende a necessidade de encontrar resposta para os desafios e transtornos que partem do contexto histórico vivenciado pela humanidade.

O autor reforça em nós a necessária compreensão de que o homem é um ser de relações e que não está apenas no mundo, mas com o mundo, lembrando que ele está condicionado a desafios que exigem a capacidade de pensar, de se organizar e de agir, tornando-se capaz de transcender, motivado pela consciência crítica que se faz presente na singularidade do seu discernir reflexivo por uma existência coletiva.

Na obra “Pedagogia da Autonomia”, Freire (1999) associa a criticidade a uma curiosidade indagadora que nos move a fazer algo pelo mundo para construirmos e reconstruirmos uma experiência histórica e social que possibilita ao homem a capacidade de debater e discutir através do diálogo.

Partindo deste ponto de vista, o autor (1999; p. 154) nos faz a seguinte referência:

O sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inclusão em permanente movimento na história. Conduz a tomada das decisões e os

fazem construir e participar da transitoriedade que caracteriza a época em que vive.

Esta construção se faz percebida na prática da leitura quando feita de forma crítica e dialógica para dá abertura ao envolvimento do aluno em ações que demonstram a inclusão na sociedade contextualizando a reflexividade do que lê, compreende e escreve para se reconhecer como um ser histórico que vivencia as possíveis mudanças que atingem a humanidade, afinal, o homem existe no tempo que transita e, essa transição exige a sua participação para se enraizar, para não se reconhecer como ser absoluto, mas como um ser de convívio social e principalmente para ter domínio da história e da cultura.

Ao relacionar o diálogo com a cultura Luria relata um estudo feito com adultos numa aldeia de camponeses nômades de países da Ásia Central. Lá a massa campesina permanecia analfabeta e separada da alta cultura de outras partes do país que pertencia a uma sociedade tecnologicamente, mas avançada, porém mantinha-se ligada aos costumes tradicionais.

O autor define que a pesquisa parte da necessidade de entender as rápidas mudanças culturais que ocorrem nos Estados Unidos. Então ele escolheu para sua investigação aldeias e campos que se mantinham conservados e sem muita transformação.

Desta forma Luria (2010; p.41) relata:

[...] Procuramos estabelecer relações cordiais. [...] nossas sessões começavam com longas conversas em grupo. A conversa normalmente assumia forma de uma livre troca de opinião entre os participantes, e um problema particular poderia ser solucionado por duas ou três pessoas, cada uma dando uma resposta. Quando um dos sujeitos propunha uma solução para um problema, o pesquisador conduzia uma conversa “clínica” para determinar como é que ele havia chegado à solução e para obter mais informações acerca do significado do que fora proposto. A resposta de um sujeito, em geral, levava a outras questões e a um debate.

A citação acima ressalta muito bem a valorização do diálogo na vida do ser para que ele possa interagir com os outros sobre seus conceitos e opiniões e ao mesmo tempo aprender a ouvir o que seu semelhante tem para dizer, assim, juntos podem solucionar problemas e descobrir novas formas de transformar o que precisa ser modificado em sua realidade.

A partir da solução encontrada através do diálogo estabelecido entre os sujeitos, representa aspectos de atividade cognitiva que pode ser estimulada pela leitura dialógica e pode promover desenvolvimento pessoal, autonomia e segurança através da realização de ações coletivas que contribuem para o respeito ao próximo e o despertar da criticidade, no momento em que dialoga o indivíduo expressa o próprio pensamento e identifica outras formas de pensar e compreender.

Como dizem Brandão e Micheletti (2007; p. 17):

O ato de ler é um processo abrangente e complexo; é um processo de compreensão, de intelecção com o mundo que envolve uma característica singular ao homem: a sua capacidade simbólica e de interação com o outro pela mediação da palavra. Da palavra enquanto signo, variável e flexível, marcado pela mobilidade que lhe confere o contexto. Contexto entendido não só no sentido mais restrito de situação imediata de produção do discurso, mas naquele sentido que enraíza histórica e socialmente o homem.

Tornando-se importante lembrar que a criticidade é adquirida tanto na leitura dialógica que se dá entre os homens, como entre o texto e o leitor, pois como diz Brandão e Micheletti (2007), à medida que o leitor atribui significações e pressupõe uma reconstrução do texto que nos é apresentado ele desenvolve um processo que envolve mecanismo de descodificação e ativação, pois, para o autor, “ler um texto põe em ação todo conhecimento de mundo”.

Salientamos que, estas ações que não se limitam a inadequação dos procedimentos linguísticos, mas se estendem a enunciação completa e possibilita a preparação interna do aprendiz para envolver-se num diálogo social estimulando o uso da linguagem e valorizando a comunicação que tem como unidade base a língua materna que estabelece a comunicação oral e verbal entre os seres para o diálogo social.

Neste sentido, Bakhtin (2010; p. 16) evidencia claramente esta enunciação:

[...] “a inadequação de todos os procedimentos de análise linguística (fonéticos, morfológicos e sintáticos) para dar conta de enunciação completa, seja ela uma palavra, frase ou uma sequência de frases. A enunciação compreendida como uma réplica do diálogo social, é a unidade da base da língua, trata-se de discurso interior (diálogo consigo mesmo) ou exterior. Ela é de natureza social, portanto ideológica. Ela não existe dentro de um contexto social, já que cada locutor tem um horizonte social”.

Assim, a leitura revela-se como peça fundamental da prática pedagógica que

mantém a perspectiva de favorecer uma compreensão mais relevante da linguagem em seu funcionamento de interagir e socializar pessoas, especificamente nos dias atuais que retratam a era da “Informação e do Conhecimento” que reflete forte necessidade de diálogo entre os seres humanos para melhor compreensão da leitura e da escrita para entendermos o cotidiano mundial, tendo em vista que, no aspecto geográfico já não somos apenas um país, e sim o todo de um globo no qual estamos inseridos.

Em concordância Lopes (2008; p. 129) nos diz que:

O saber ler e saber escrever já eram marcados entre civilizações do passado como conceitos de formação global de certos indivíduos. Sendo eles, comumente, relacionados à atuação e capacidade de convívio social, político e econômica. Ainda, que, em alguns momentos, sejam relegados, esses paradigmas permeiam a sociedade contemporânea, refletindo em quem ministra aulas de língua materna, o trabalho árduo de ler e interpretar textos que visam à formação básica, dando oportunidade de desenvolver habilidades intelectuais, que, mais tardiamente, refiro-me ao vestibular, possibilitarão que alunos frequentem salas de aulas de universidade.

O desenvolvimento dessas habilidades e o acesso a uma sala de aula universitária representam avanço educacional para aqueles que ainda se mantêm privados do direito de expressar sua criatividade diante das mudanças ocorridas na sociedade, cabendo-nos evidenciar a importância de se trabalhar a leitura numa perspectiva crítica como representação de um trabalho que manifesta o diálogo social em que o aluno mostra o que sabe e o que aprende expondo argumentos satisfatórios para explicar o tema abordado.

Antunes (2003; p.81-82) ao definir a leitura crítica diz:

A leitura se torna plena quando o leitor chega à interpretação dos aspectos ideológicos do texto, das concepções que, às vezes sutilmente, estão embutidas nas entrelinhas. O ideal é que o aluno consiga perceber que nenhum texto é neutro, que por trás das palavras mais simples, das afirmações mais triviais, existe uma visão de mundo, um modo de ver as coisas, uma crença. Qualquer texto reforça ideias já sedimentadas ou propõe visões novas.

Esta forma de leitura além de promover a aquisição ao conhecimento, também desperta nos alunos aptidão para realizarem novas descobertas, através de pesquisas e investigações que despertam tendência a reflexão crítica e dialógica mantendo uma relação harmoniosa e participativa entre os seres, no decorrer das realizações de eventos

grupais e individuais que priorizem a exploração de diversos gêneros textuais explorados com uso de recursos tecnológicos avançados e técnicas modernas.

Para ressaltar o pouco acompanhamento da educação aos avanços que assolam a humanidade através da utilização de recursos tecnológicos, Papert (2008; p. 19) afirma:

Os professores viajantes do tempo de nossa parábola, que não encontraram nada irreconhecível na sala de aula contemporânea, ficariam muito surpresos se tivessem ido para as casas de alguns estudantes, pois lá descobririam que , com diligência e vivacidade que a escola raramente consegue gerar, muitos alunos estariam profundamente envolvidos na aprendizagem de regras e estratégias do que parceria, à primeira vista, ser algo muito mais exigente do que qualquer tarefa de casa.

O uso destes recursos e de novas técnicas dinamiza as aulas de Língua portuguesa, tornando-as mais atrativas para os alunos fazendo com que eles se interajam e se socializem na compreensão de conteúdos reflexivos que favorecem a habilidade de ouvir o que o outro tem a dizer, assim, a aprendizagem permeia uma nova política educativa que enfatiza uma cultura democrática e unificadora.

Em concordância com a questão exposta, Paiva et al (2008; p. 20) afirmam:

Uma democracia cultural plena supõe que todos os cidadãos tenham acesso à leitura, isto é, supõe uma distribuição equitativa das condições de possibilidade de leitura e de direito à leitura. Sob esta primeira perspectiva de análise das relações entre leitura, democracia e cultura, discute aqui três aspectos: em primeiro lugar, pretendo demonstrar que a distribuição equitativa das condições de possibilidade de leitura e do direito à leitura não ocorre na sociedade brasileira; em segundo lugar, busco causas porque assim o é; finalmente, em terceiro lugar, arrisco uma modalização do princípio de que a leitura é condição para democracia cultural, propondo limites para essa relação condicionante.

Aproveitamos os três aspectos sugeridos pela autora para ressaltar que a má aplicação da leitura nas escolas e na sociedade brasileira, deve-se à falta de priorização dada pelo currículo escolar que exclui atividades que instiguem a capacidade de pensar e construir do aprendiz e acentua muito mais a exploração dos termos gramaticais, fonéticos, morfológicos e sintáticos ditados apenas pelo saber do professor, enquanto o aluno escuta e memoriza o que é dito.

Dai a necessidade de fortalecer o compromisso com a democracia de um ensino de qualidade, para o qual reiteramos o que rezam os parâmetros educativos da nossa Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional – LDB N° 9.394/96, enfatizando a necessidade de espaço para que o professor de Língua Portuguesa prepare os alunos de forma crítica e dialógica, mediando adequadamente, sem preconceito, sem diferenciá-los e respeitando a diversidade de saberes, opiniões e habilidades que todos possuem.

Desta forma, ocorrerá modalização necessária para o exercício da democracia cultural e o desenvolvimento da sociedade, referenciando envolvimento dos jovens em práticas sociais que lhes deem suporte para construir sua identidade pessoal e profissional, despertando habilidades e competências que eles trazem consigo.

A preparação humana de forma solidária e com liberdade de expressão para construção da identidade pessoal encontra-se ressaltada no Art. 2º da nossa Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (2010):

A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Nesta perspectiva de encontrar desenvolvimento pleno para a solidariedade humana, buscamos um novo modelo de prática educativa que envolva o estudo da linguagem de forma crítica e reflexiva para despertar a consciência de que é necessário descobrir o novo, porém, respeitando conhecimentos anteriores que aluno traz consigo.

Desta forma adentraremos o processo de Transferência (PERRENOUD: 2000) em que o sujeito aluno se manifesta em ações que demonstrem participação ativa, poder de decisão e construção coletiva para obtenção de transformação da sociedade.

Para melhor entendimento do que aqui foi exposto, é interessante dizer que Perrenoud define transferência como um mecanismo que permite o sujeito utilizar em um novo contexto conhecimentos adquirida anteriormente. Sendo assim o autor nos lembra:

[...] preparar os formandos à transferência é negociar um novo contrato didático com os alunos, convidá-los a admitir que enfrentar o desconhecido, a incerteza, o destino faz parte do seu ofício. Isso só é concebível com a condição de explicar aos alunos o que é transferência e porque ela exige que

se aventure fora dos Caminhos conhecidos. (PERRENOUD. 2000; p. 63)

Sabemos que o aluno se torna conhecedor da própria realidade e consciente de suas limitações a partir do momento que reflete e compreende, portanto, voltamo-nos para a leitura como um ato que nos auxilia na compreensão de mundo, tornando-nos capazes de compreender a realidade em que vivemos e de assumirmos nossas ações com criticidade e consciência.

No momento em que se tonam responsáveis pelos resultados de seus próprios atos eles adquirem potencial para se reconhecer como sujeitos ativos que podem provocar mudanças que possibilitem inovação nas práticas educativas para descobrirmos novos perfis de educadores e educandos. Sobre este tema faremos uma abordagem mais aprofundada no capítulo seguinte em que tentamos conceituar inovação e prática pedagógica numa contextualização com o processo de aprendizagem.

3. CONCEITUANDO A INOVAÇÃO NO CONTEXTO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA

A inovação pedagógica não é induzida de fora, mas um processo de dentro, que implica reflexão, criatividade e sentido crítico e autocrítico.

(Fino 2010)

Há algum tempo que às práticas pedagógicas educativas demonstram claramente a necessidade de serem inovadas, pois estamos nos deparando constantemente com docentes e discentes que se sentem desmotivados diante do cotidiano repetitivo que vivenciam, no qual eles se encontram subordinados a uma sistematização ultrapassada que rege o caminhar educativo.

Assim sendo, procuramos estruturar este capítulo dentro de um contexto que engloba o conceito de inovação relacionada às práticas pedagógicas, visando encontrar propostas que favoreçam embasamento para mudanças significativas que promovam um novo universo escolar.

Nesta perspectiva buscamos subsídios teóricos na compreensão de um verbete que nos foi dada por Ferreira (1987), e também nas definições apresentadas por Fino (2010), nas explanações sobre mudanças e inovação na sociedade pós-moderna feitas por de Fernandes (2000), nas ideias de Nunes (2004) que relata na sua obra, dentre outros assuntos, experiências inovadoras que nos ajudaram a entender melhor o significado dos termos abordados.

Para este contexto, enfatizamos que o presente capítulo enfoca a forte necessidade educacional de romper com o paradigma fabril e adotar uma nova postura de discentes e docentes em busca de voltarmos nosso olhar para o nascimento de estudantes que se apresentem como sujeitos autônomos, participativos e criativos que contam com a mediação dos professores para uma aprendizagem significativa que promove transformação no âmbito educacional.

Enfatizamos ainda no referente capítulo, o subitem “leitura conscientizada” que vem ressaltar em seu contexto a concepção de que o ato de ler e escrever se relacionam diretamente com a mudança que inova as práticas pedagógicas que enfatizadas na utilização de recursos tecnológicos para a dinamização das aulas de Língua Portuguesa. Lembrando que os recursos tecnológicos não são instrumentos que representem

inovação para as práticas educativas, mas, nos dão suporte para que ocorram mudanças que provam transformação no processo de aprendizagem.

Neste sentido, procuramos aprofundar nossa visão com base nas ideias de autores como Papert (2008) e Toffler (1971) que ressaltam a importância da tecnologia na conexão dos seres e conseqüentemente para diversificar, agilizar e motivar nossos alunos para se tornarem agentes transformadores de uma possível prática educativa inovadora.

Em síntese, a nossa perspectiva neste momento tem a pretensão de conceituar os termos inovação e prática pedagógica para uma definição mais concreta que nos conduza a uma visão que desperte o interesse de todos a buscarem transformações significativas para estabelecer o acesso ao conhecimento e a informação e, conseqüente, para inovar a postura e a prática dos educadores no favorecimento de aprendizagem satisfatória e da boa formação do educando.

3.1 Conceituando a inovação nas práticas pedagógicas

Torna-se necessário dizer que Ferreira (1987) no “Novo Dicionário da Língua Portuguesa” define o verbo inovar como um termo que vem- **[do latim] v.t.d.1. e significa- tornar novo; renovar 2. Introduzir novidade em.**

A acepção deste verbete associado ao termo inovação pedagógica traduz-se em tornar nova ou renovar a prática escolar para introduzir novidade na aprendizagem de forma que esta se desvincule de uma formalidade condicionadora e se volte para uma mudança que permita um novo perfil de aluno com uma postura de cidadão consciente de que não está só no mundo, mas com o mundo.

Diante disso, não podemos deixar de citar que as práticas pedagógicas se concretizam com a objetividade de formar estudantes éticos, críticos e reflexivos que demonstram potencial na tomada de decisões e resolvam problemas da sociedade com desenvoltura e empenho.

Assim, reportamo-nos ao paradigma educativo Fabril para apresentá-lo como o condutor do atual sistema educativo que nos leva a tendência pedagógica tradicional castradora da criatividade do aluno, colocando-o no papel de sujeito passivo, assim, o professor torna-se o único detentor do “saber” sendo “apenas ele” capaz repassar o

conhecimento, enquanto ao aluno cordialmente se encarrega de memorizar o que lhe é ditado.

Esta concepção nos leva ao anseio de querer romper com este modelo educativo para dá início a um novo paradigma que promova a construção do aluno, centrando a aprendizagem no processo para inovar as práticas que englobam a formação humana com domínio de habilidades que o individuo possui e que muitas vezes ele mesmo desconhece, conduzindo-o para despertar valores e aptidões que proporcionem novas possibilidades de conhecer, e saber, buscando conhecimentos que vão além das limitações impostas.

Amparados nas palavras de Khun (2009; p. 147) podemos perceber que a busca por novos paradigmas conduz a novos caminhos trilhados pela vivência humana:

O historiador da ciência que examinar as pesquisas do passado a partir da perspectiva da historiografia contemporânea pode sentir-se tentado a proclamar que, quando mudam os paradigmas, muda com eles o próprio mundo. Guiados por um novo paradigma, os cientistas adotam novos instrumentos e orientam seu olhar em novas direções. [...] É como se a comunidade profissional tivesse sido subitamente transportada para um novo planeta, onde objetos familiares são vistos sob uma luz diferente a eles se apregam objetos desconhecidos.

Desta forma, o autor retratar no paradigma a base das comunidades científicas que nos leva a identificar conceitos determinantes da prática pedagógica que precisa ser inovada para melhor se adequar as revoluções que assolam o contexto histórico da sociedade contemporânea.

O resquício destas revoluções vem resultando em avanços que se estenderam sobre diversas áreas do contexto social, como a ciência e a tecnologia, por exemplo, porém outras se mantiveram em um ritmo mais lento e conseqüentemente não conseguiram avançar proporcionalmente, como é o caso da educação que se mantém regida por um paradigma arcaico e ultrapassado.

Em relação à abrangência dos avanços ocorridos, Papert (2008; p. 18) nos diz:

[...] Na esteira do espantoso progresso da ciência e da tecnologia em nosso passado recente, algumas áreas da atividade humana passaram por megamudanças. As telecomunicações, o lazer e os transportes, assim como a medicina, estão entre elas. A escola é um notável exemplo de uma área que não mudou tanto. Pode-se dizer que praticamente não houve mudança na maneira como ministramos educação aos nossos estudantes.

A colocação do autor nos remete ao anseio de inovarmos a educação, pois, como referencia o próprio autor, as mudanças seguem outros rumos, enquanto o sistema educativo segue o mesmo padrão condicionante e deixa de buscar novas formas de aprender. A partir deste condicionamento é que se dá a forte necessidade de buscarmos inovação para modificarmos a realidade educativa.

Neste contexto, salientamos que a concepção de inovação na prática pedagógica parte da necessidade de transformar o cenário tradicionalista que prepara o individuo desde cedo para seguir uma rotina de atividades em determinado tempo com a execução de tarefas direcionadas e prepara-o para tornar-se apto para o mercado de trabalho, sendo esta uma condição imposta que perdura desde os tempos da Revolução Industrial.

Lembramos também que a preparação do aprendiz apenas para o mercado de trabalho ampara-se na utilização de práticas que mecanizam o sujeito, tornando-o um mero repetidor do que lhe é ensinado, enquanto o conhecimento que ele traz consigo se torna esquecido, por conseguinte a escola segue o ensino em massa, que se sintetiza na existência de salas de aula lotadas com grandes números de alunos subordinados a conteúdos que são apenas repassados em um período de 50 minutos (tempo de duração de uma aula) seguindo uma grade curricular que sistematiza o ensino e ignora a aprendizagem.

Para reforçar o que foi dito, Toffler (1971; p. 393) lembra que o ensino em massa foi à máquina genial criada pela civilização industrial para conseguir o tipo de adulto que precisava, acrescentando que:

A solução só podia ser um sistema educacional que, na sua própria estrutura, simulasse esse mundo novo. Tal sistema não surgiu logo; ainda hoje conserva elementos retrógrados da sociedade pré-industrial. No entanto, a ideia geral de reunir multidões de estudantes (matéria-prima) destinados a ser processados por professores (operários) numa escola central (fábrica), foi uma demonstração de gênio industrial.

Tomamos então, a referência do autor para dizer que a Inovação Pedagógica, tem como foco central “o aluno” e traz em seu cerne uma aprendizagem significativa, ou seja, ele constrói para aprender e identifica para formar novos saberes, fazendo cumprir seu papel de agente participativo que busca mudanças para si e para a

sociedade. Desta forma, a ação pedagógica rompe com as barreiras formalizadas do atual paradigma e propõe um novo modelo educativo.

O uso do termo “mudança na ação pedagógica” tem embasamento nas palavras de Fino (2010; p. 277) quando diz:

Inovação pedagógica implica mudanças qualitativas nas práticas pedagógicas e essas mudanças envolvem sempre um posicionamento crítico, explícito ou implícito, em face às práticas pedagógicas tradicionais. É certo que há factores que encorajam, fundamentam ou suportam mudanças, mas a inovação, ainda que se possa apoiar nesses factores, não é neles que reside, ainda que possa ser encontrada na maneira como são utilizados.

Portanto, o autor nos diz que a inovação pedagógica implica mudanças qualitativas nas práticas pedagógicas desde que envolvam um posicionamento crítico, explícito ou implícito, em face às práticas pedagógicas tradicionais. Esta definição nos dá embasamento para entendermos que a inovação envolve obrigatoriamente as práticas e buscam transformação para educação partindo de um distanciamento concreto e total do condicionamento fabril que desconsidera as demandas dos avanços científicos e tecnológicos.

Ainda fazendo um paralelo da Inovação Pedagógica com o ensino tradicional, Carraher (2003; p.12) diz que: ”No modelo tradicional o ensino é a transmissão de informações e a aprendizagem é a recepção de informações e seu armazenamento na memória”.

Em contraposição ao que ressalta a autora, é necessário dizer que o conceito de Inovação Pedagógica coloca-se na posição de que a aprendizagem é um processo contínuo que se dá através da ação do aluno, na qual ele faz descobertas por si só, tornando-se necessário a utilização de mecanismos que possibilitem o envolvimento e a socialização que favoreça novas descobertas que contam com o uso de instrumentos tecnologicamente avançados para a transmissão de informação e o acesso ao conhecimento globalizado.

Fernandes (2000; p. 48) também enfatiza a Inovação Educacional da seguinte forma:

[...] Toda inovação transporta consigo uma intenção de mudança, nem toda mudança, introduz necessariamente inovação. A mudança pode, por vezes, significar apenas a recuperação de Práticas do passado. Se nos reportarmos ao conceito de inovação numa perspectiva cultural, este

parece definido como fase inicial do processo de mudança, caracterizando-se por combinar elementos familiares com estruturas novas.

As palavras da autora vão de encontro com a questão evidenciada anteriormente, no momento em que defendemos a participação e autonomia do aluno no papel de agente construtor da própria aprendizagem, assim ele poderá concretizar na sua vivência lá fora o que aprende na escola na convivência com a família e com outras pessoas da comunidade, sugerindo que a aprendizagem tem suas bases no aprender coletivo.

Em complementação ao que foi citado anteriormente, Fernandes (2000) afirma ainda, que o conceito de mudança está associado ao de evolução gradual, sendo utilizado por agentes internos e externos, enquanto o termo inovação educativa refere-se a ruptura com situações ou práticas anteriores que são caracterizadas por uma mudança que sabe compatibilizar o individual e o coletivo na integração de toda a comunidade com professores, alunos e pais.

Desta forma a autora nos leva a considerar que a família vista como a primeira instituição a participar da formação do ser, não pode e nem deve estar omissa da participação nesta inovação educativa, o que nos leva a entender que a escola não pode ser dissociada de outras instituições responsáveis pela “formação do ser”, pois juntas podem acompanhar as mudanças e contribuir com ações que determinam a eficácia de um novo modelo que garanta uma formação digna para os seres.

É preciso lembrar que este conceito de inovação transporta também a intenção de transformar principalmente a área de Linguagens e Códigos, e nos faz pensar numa nova maneira de focalizar a leitura e a escrita como instrumentos geradores de questionamentos e argumentos que valorizem as aulas de Língua Portuguesa com o uso de recursos, métodos e técnicas que estimulem a criatividade e a participação dos alunos nas diversas atividades que relacionem aprendizagem e democratização nos setores da educação.

Nesta questão, Nunes ET. al (2004; p.27) ressalta que:

As iniciativas, consideradas inovadoras, porque propiciam processos criativos de articulação e transformação do clima escolar, promovem uma maior interação dos diferentes setores da escola, fortalecendo laços e mecanismos de compartilhamento de interesses e objetivos.

Neste sentido, as práticas inovadoras são vistas como elementos que perpassam pelo universo escolar com iniciativas e realizações significativas que envolvem a todos com compromisso e responsabilidade em prol de uma aprendizagem mais articulada com os mecanismos que nos dão abertura para a preservação da imagem institucional como espaço de direito e deveres no cumprimento de sua missão educativa.

A escola deve se tornar um espaço que integra os sujeitos em diversas ações constituidoras de conhecimento, cultura, cidadania e cooperativismo solidário, partindo do pressuposto de que a transição para um novo paradigma educativo abrangerá campos distintos no espaço escolar para proporcionar desenvolvimento da aprendizagem, relacionando-a com os diversos aspectos como: a Informação, a comunicação, a Globalização, descobertas científicas e mundialização da economia.

Fino (2008) nos diz ainda, que o termo “Inovação Pedagógica” relaciona-se a uma descontinuidade do Paradigma fabril e acontece no espaço físico ou virtual, nos quais professores e alunos se movimentam e atuam como agentes de mudança, contextualizando a aprendizagem na preparação para o exercício da cidadania para modificar o perfil de seres alienados e indiferentes aos problemas que assolam a sociedade.

Esta nova tendência escolar propõe também uma aprendizagem interativa entre educador e educando, na qual as descobertas se dão pela troca de experiência e pela participação ativa do aluno nas atividades que conduzem ao processo de conscientização, possibilitando a reformulação do currículo escolar para englobá-lo, numa visão mais estimuladora e autônoma para aqueles que buscam uma formação mais promissora.

Lembramos ainda que se trata de exigências que se enquadram nas demandas existentes na sociedade que vivemos, em que a tecnologia acelera a comunicação e influencia o desempenho cognitivo do indivíduo ligando-o a redes sociais que buscam modelo educativo centrando na formação de indivíduos informados e preparados para lidarem com as novidades da ciência e da tecnologia, desta forma preparam-se para agir adequadamente nesta nova era.

Nos dias atuais não podemos deixar de dizer que o conhecimento mantém uma forte relação com a globalização do conhecimento. Para reforçar este feito Fernandes (2000; p. 28) nos diz:

Para Globalização da informação e comunicação contribuiu a enorme sofisticação que atingiram as tecnologias de informação e a cada vez maior

independência entre forma e conteúdo, ou seja, entre o conhecimento produzido e os meios que tornam possíveis a sua difusão, alterando o funcionamento da sociedade em que vivemos complexificando-o e diversificando as formas de interação e comunicação.

Podemos dizer que esta nova visão abrange uma complexidade que exige do aluno uma observação precisa sobre o que ler, compreende e observa, posto que como diz Morin (2007) é uma era planetária cheia de antagonismo, vulnerabilidade e incertezas que provocam a necessidade de inovar a prática pedagógica para estimular a complexidade do pensamento e modificar o paradigma educativo.

Em relação à complexidade que Morin (2008; p. 44) diz:

À primeira vista, complexidade é um tecido de elementos heterogêneos inseparavelmente associados, que apresentam a relação entre o uno e o múltiplo. A complexidade é efetivamente a rede de eventos, ações, interações, retroações, determinações, acasos que constituem nosso mundo fenomênico. A complexidade apresenta-se, assim, sob o aspecto perturbador da perplexidade, da desordem, da ambiguidade, da incerteza, ou seja, de tudo aquilo que é se encontra no emaranhado, inextricável.

Diante deste emaranhado que amplia as exigências de maior acesso à informação, percebemos na educação o forte anseio de mudanças paradigmáticas para melhor adequar-se aos movimentos que revolucionam a humanidade.

Estas mudanças que movimentam outros setores da sociedade nos levam à compreensão de que a educação se torna ultrapassada, pois não consegue acompanhar os avanços que se deram em áreas como a saúde, por exemplo, o que retrata Papert (2008, p.17) quando imagina como viajantes do tempo, um professor e um médico e observa o espanto do cirurgião diante do aparato eletrônico e das novas técnicas de anestesia e antisepsia, enquanto o professor não estranharia muito porque a escola praticamente não mudou nada.

Esta colocação do autor nos conduz a uma reflexão mais profunda quanto à atuação do educador como mediador de aprendizagem e nos faz perceber a necessidade de levar o aluno a interagir com o uso de instrumentos tecnológicos como: painéis digitais, data show, vídeos, computadores dentre outros, manuseando-os em atividades escolares para adaptando-se a utilizar ferramentas para leitura, jogos, desenhos, pesquisa, tabelas, gráficos, mapas e outros conteúdos necessários.

Conforme já dito anteriormente, a tecnologia em si não é uma inovação Pedagógica, mas podemos afirmar que ela contribui como recurso que possibilita a inovação, pois pode ser utilizada para exploração de conteúdos, realização de pesquisas e outras atividades que estimulam a aprendizagem associada aos avanços da ciência e da tecnologia.

Assim, inovação pedagógica consiste em mudar a prática educativa, numa perspectiva de promover aprendizagem significativa que possibilita o uso de recursos avançados que contribuam para a atuação da escola numa abertura para novas culturas que se dá através da construção do conhecimento numa parceria do aluno com o professor como agentes transformadores para realizarem mudanças qualitativas no sistema educacional.

No tocante à prática pedagógica Sousa (2007) afirma que a formação docente ou de qualquer profissional, não resulta apenas da prática docente e sim da prática pedagógica das diversas instituições. Um professor ou uma professora vai se formando a partir da participação em variadas experiências escolares. Esta ação tem um papel decisivo na vivência desses sujeitos. Sendo assim, a prática docente é apenas uma dimensão da prática pedagógica.

Faz-se necessário voltarmos o nosso pensamento para a busca de alcançarmos mudança do paradigma educativo, visando inovar a prática docente que segue o padrão arcaico e ultrapassado. Tendo em vista que a cada dia surgem novas descobertas que trazem em si ampla necessidade de garantirmos uma aprendizagem significativa e construtiva para proporcionar benefícios para humanidade.

Desta forma, pensar a inovação e a prática pedagógica é entender que o trabalho produzido por um conjunto de educadores pode promover a aprendizagem dos educandos de forma significativa e, portanto, contribuirá para mudanças na vida desses educandos e educandas.

Nunes (2004; ps.54-55) caracteriza algumas escolas que apresentam inovações nos afirmando que:

Observa-se desde projetos bem estruturados e deflagradores de mudanças palpáveis na vida escolar até ações pontuais, de expressão limitada. Ainda que frequentemente se apoiem em diretrizes e intervenções da Secretaria de Educação, as escolas assumem identidade própria na forma como se desenvolvem, produzindo resultados distintos do seu trabalho. [...] Muitos alunos e ex- alunos coordenam atividades e permanecem na escola além do horário regular para tais atividades.

Com base nesta acepção, entendemos que a inovação na prática pedagógica supõe uma pedagogia que contribui para que todos os envolvidos nesta busca de transformação atribuam sentido nas ações realizadas, escolhendo caminhos em que as pessoas sejam colocadas em primeiro plano para que possamos galgar caminhos para a inovação na prática pedagógica, tornando-a permeada de intencionalidades que pretendem romper com o *status quo*, em prol de uma ação social coletiva, realizada pela instituição que tem como foco tanto a prática docente como a prática discente.

No dizer de Souza (2009, p.37), “nessa proposição, a educação tem uma única finalidade que é contribuir para a construção da humanidade dos seres humanos, em suas diversas feições”. Entendemos, nesse caso, que a leitura conscientiza e promove espaços em que a cultura escolar passa a ser transformada e permite autonomia na construção da aprendizagem tanto do educador como o do educando.

3.2 A leitura conscientizadora e o contexto histórico da linguagem na busca de promover inovação na prática pedagógica

O termo “leitura” traz em seu bojo uma complexa compreensão que no remete a diversificação de pensamentos que despertam amplas operações cognitivas, tendo em vista que se fazem leitura de ambientes, paisagens, pinturas, ações humanas, gestos, enfim de infinitas situações, coisas, pessoas e objetos que levem o aluno a diversificar suas ideias e a tornar-se construtor nas práticas educativas e socioculturais. Em concordância com Bajard (2002) quando afirma que “ler é construir sentido, portanto não há leitura se não há compreensão”.

Esta concepção nos faz entender que o ato de ler não se restringe apenas a capacidade de juntar letras para formar palavras e nem da junção de palavras para formar frases, e sim da ampla compreensão que nos leva a aprender e evoluir para tomar atitudes de maturidade que demonstrem aprendizagem concretizada na reflexividade dada pela mensagem expressa no texto.

Neste sentido, Brazão (2010; p.107) reflete que:

[...] aprender significa tornar-se uma pessoa diferente face às possibilidades dos sistemas de relações, como significado, que as tarefas,

as funções e compreensões possibilitam. Aprender é condição e forma evolutiva de pertença a uma comunidade social.

Com base na citação referenciada, focalizamos a leitura com a perspectiva de dar sentido ao texto para tratar do processo cognitivo que conscientiza e infere maior abertura para a inserção do aluno ao mundo da informação que estabelece ampla necessidade leva-lo a compreender e criar para que se estabeleça trave de relações com o mundo (FREIRE 2008) numa visão de transformação da própria realidade.

Para explicitar o valor que consiste na exploração do sentido de um texto Koch (2006; p.30) ressalta que:

O sentido de um texto, qualquer que seja a situação comunicativa, não depende tão somente da estrutura textual em si mesma (daí a metáfora do texto como iceberg). Os objetos de discurso a que o texto faz referência são apresentados em grande parte de forma lacunar, permanecendo muita coisa implícita. O produtor do texto pressupõe da parte do leitor/ ouvinte conhecimentos textuais. [...] O leitor/ouvinte por sua vez, espera sempre um texto dotado de sentido e procura a partir da informação contextualmente dada, construir uma representação coerente, por meio da ativação de seu conhecimento de mundo e/ou de deduções que o levam a esclarece relações de causalidade etc.

Nesta contextualização, podemos dizer que o ato de ler faz com que o indivíduo percorra caminhos diversos, conheça e valorize diferentes culturas e estabeleça variadas formas de comunicação relacionando o que aprende na escola com a sua vivência de mundo em prol da conquista de formar a “consciência crítica” que segundo Freire (2008) está sempre submetida a análise e suposta ao conceito de que assim como não há ignorância absoluta, também não há sabedoria absoluta.

Nesta incerteza do absolutismo, é que nos voltamos para a abordagem de temas que ressaltam situações que retratam a realidade do cotidiano para obtermos uma prática educativa que proporcione ao aluno a capacidade de associar o que lê com o que vivencia para não se sentir um ser diferenciado no espaço escolar e conseqüentemente, consiga refletir para compreender e estabelecer relação entre a escola e o mundo habitado por ele. Pois, de acordo com o que referencia Freire (2008) não basta que o homem esteja no mundo, mas com ele.

Devemos entender que a leitura é um processo complexo que nos conduz a diversidade de fases e transferências que vem definida por Bamberger (1975; p.23) da seguinte forma:

O ensino da leitura deveria corresponder à percepção que conseguimos da natureza da leitura. Processo complexo, a leitura compreende várias fases de desenvolvimento. Antes de mais nada, é um processo perceptivo durante o qual se reconhecem símbolos. Em seguida, ocorre a transferência para conceitos intelectuais. Essa tarefa mental se amplia num processo reflexivo à porção que as ideias se ligam em unidades de pensamento cada vez maiores.

Esta definição retrata o processo reflexivo da leitura para ampliar conceitos e pensamentos na perceptividade dada por cada aluno, pois no momento em que lhes é dado espaço para apresentação argumentativa (oral ou escrita) nos deparamos com uma diversidade de ideias que podem contribuir para possíveis transformações que tem como base a coletividade de opiniões, por exemplo, se pegarmos o mesmo texto e fizermos uma distribuição para todos os estudantes de uma mesma sala, obteremos diversas opiniões no momento da reflexão, manifestadas por cada aluno ali presente.

A questão nos faz perceber a importância de manter o convívio dialógico dos alunos com livros e com textos diversificados e com eles mesmos para apresentarem visões coletivas que podem contribuir para apreensão de conceitos transformadores que os faça entender as diversas causas e fatos vivenciadas no mundo real para estabelecer relação de interlocução entre o contexto lido e a aprendizagem significativa que se concretiza na intervenção do aluno- leitor.

Koch (2006; p. 62) reflete esta relação do leitor com os livros da seguinte forma:

Refletimos, agora, sobre a compreensão da leitura, de modo geral. Admitindo como certo que não existem textos –orais ou escritos- totalmente explícitos, e que se constitui de um conjunto de pistas destinadas a orientar o leitor na construção do sentido; e, mais ainda que, para realizar tal construção, ele terá de preencher lacunas, formular hipóteses alternativas, [...] tudo isso por meio de inferenciamentos que exigem mobilização de seus conhecimentos prévios de todos os tipos, dos conhecimentos pressupostos como partilhados, do conhecimento da situação comunicativa, do gênero textual e de suas exigências, a compreensão terá de dar-se de forma linear.

Neste contexto, entendemos que a relação entre o indivíduo e o texto aguça o anseio do aluno em estabelecer sentido para o que lê, conduz a um processo de investigação que exige ampla compreensão do que identifica e desperta curiosidade em relação ao que não aparece explicitamente. Esta prática da descoberta poderá ser concretizada em outras situações da vivência cotidiana para que seja iniciado um processo de aprender de forma concreta e construtiva.

Perrenoud (2000; p. 66) nos diz que:

Para aprender, jamais é supérfluo compreender o sentido daquilo que se aprende. Para tanto, não basta que o saber seja inteligível, assimilável. É necessário que esteja ligado a outras atividades humanas, que se compreenda por que foi desenvolvido, transmitido, por que é conveniente apropriar-se dele.

Através desta ligação com as atividades humanas dá-se o desenvolvimento da aprendizagem manifestado em ações que levam os alunos a raciocinar e refletir para adquirir consciência do que precisa ocorrer com o seu próprio “eu”, com a sociedade e com o mundo, precisamos dizer que para esta ocorrência será necessário a adoção de uma postura diferenciada por parte da escola para que os estudantes se sintam estimulados a se tornarem bons leitores que sejam capazes de fazerem suas próprias produções com empenho e dedicação para se sentirem envolvidos no contexto social.

Não podemos nos esquecer de que a leitura e a escrita se apresentam como instrumento de conscientização a partir do momento em que o aluno participa por prazer e questiona, expondo o seu ponto de vista, concordando com os pontos que considera interessantes para serem aperfeiçoados na vida e discordando daqueles que ele acha que não condizem com o que defende para sua própria realidade, em suma, a leitura tem função de conscientizar, quando instiga o aluno a refletir e a participar do que vivencia.

Em relação à leitura Silva (2009; p. 33) explica que há três tipos:

Leitura Mecânica, a que consiste na habilidade de decifrar sinais; Leitura de mundo é um processo continuado, que começa no berço e só se encerra no leito de morte. [...] nos ensina a ler mais do que sinais pretos sobre folha branca. É a leitura tomada em seu sentido mais amplo; a terceira é a leitura crítica, que se alia a leitura mecânica à de mundo, numa postura de avaliativa, perspicaz, tentando descobrir intenções, comparando a leitura daquele momento com outras que já foram feitas, questionando, tirando conclusões.

Percebemos que a leitura crítica nos dá maior suporte para adentrarmos o processo de conscientização e na formação do ser humano, possibilitando a descoberta de potencial para avaliação das leituras e relacioná-las com as experiências vivenciadas para reconhecer em si competências que lhes são inerentes e são ofuscadas pela falta de oportunidade para expressá-las na sua convivência social e na reflexão do que vivenciam na escola e no mundo.

Como diz a autora à leitura crítica aliada a leitura de mundo proporciona mudança na prática educativa em busca de alcançar “um novo percurso” no cotidiano escolar, pois a partir do momento em que o aluno põe em prática o saber que adquire na escola aliado ao que tem dentro de si, ele adquire confiança e autonomia para questionar as informações que capta nos textos, enriquecer os diálogos que mantem com colegas e professores e gerar a construção de uma fonte de interação apoiada na comunicação e na ampliação dos recursos argumentativos da linguagem.

Essa fundamentação da leitura como elemento de interação surge refletida nas palavras de Koch (2006; p. 16) que afirma:

Na concepção interacional (dialógica) da língua, na qual os sujeitos são vistos como atores construtores sociais, o texto passa a ser considerado o próprio lugar da interação e os interlocutores, como sujeitos ativos que dialogicamente – nele se constroem e são construídos. Desta forma há lugar, no texto, para toda uma gama de implícitos, dos mais variados tipos, somente detectáveis quando se tem, como pano de fundo, o contexto sociolinguístico dos participantes da interação.

Enxerga-se na interação a oportunidade de provocar o rompimento paradigmático e elevar a posição da escola que passa a exercer verdadeiramente sua função social ao permitir que o aluno se torne um ser construtor de diálogos, que identifica nas diversidades a valorização do estudo da língua materna, faz descobertas interpessoais e resgata valores adormecidos e contextos históricos que caracterizam a própria vida.

Salientamos que aluno só pode ser visto como sujeito ativo se lhe for dada oportunidade de construir e se deixar construir, mas para que isto ocorra é necessário que ele seja estimulado para estar aberto a dialogar e a tomar decisões, assim, dará início a um processo de socialização que o levará a tomar consciência de que não é um

ser isolado e sim de convivências que lhe permitem troca ideias, questionar e argumentar.

O argumento é um forte elemento interativo da linguagem, que no Brasil só passou a ser vista como instrumento de comunicação a partir de 1970, para a qual foi dada a ênfase na existência de um interlocutor e uma mensagem que deveria ser entendida pelo aluno para reproduzi-la na escrita que seguia e segue um padrão preestabelecido que prioriza as estruturas gramaticais como: substantivos; preposições; adjetivos; verbos; conjunções; etc. e não as questões reflexivas com referências sociais.

Só algum tempo depois as concepções marxistas de Mikhail Bakhtin (1895-1975) trouxeram uma nova visão sobre o estudo da linguagem, ao relacioná-la com a sociedade, colocando o signo da dialética como efeito das estruturas sociais. Em sua obra “Marxismo e Filosofia da linguagem” (2010; p. 36) o autor diz que:

Cada signo ideológico não é apenas m reflexo, uma sombra da realidade, mas também um fragmento material dessa realidade. [...] A realidade do signo é totalmente objetiva e, passível de um estudo metodologicamente unitário e objetivo. Um signo é um fenômeno do mundo exterior. O próprio signo e todos os seus efeitos (todas as ações, reações e novos signos que ele gere no meio social circundante) aparecem na experiência exterior.

Para Bakhtin o estudo da língua valoriza-se não pela sua individualidade, mas pela sintonia com a fala que está indissolivelmente ligada a comunicação e identifica-a como motor das transformações linguísticas que se ligam as modificações ideológicas que reflete as estruturas sociais.

Neste percurso, a leitura não é vista como uma atividade habitual de exploração gramatical da rotina escolar, e sim como um elemento de promissor de mudança na vivencia humana, que tem a função de instigar no homem o desejo e refletir e analisar sua atuação diante da vida e do mundo, seja individual ou coletivamente, em voz alta ou silenciosamente, promovendo interação entre os seres que possuem o hábito de ler e escrever.

Daí a consciência de que a leitura é a principal forma de aquisição para o conhecimento, tendo em vista que ela torna os alunos mais abertos para realizarem novas descobertas, participarem de pesquisas e capacitações que podem favorecer a efetivação das políticas de inclusão das pessoas que se integram a escola e a sociedade numa relação harmoniosa de participação em atividades grupais e individuais.

Desta maneira espera-se que a escola promova aulas mais dinâmicas e atrativas que despertam no aluno a autonomia e independência, dispondo de recursos e técnicas que sejam bem aproveitadas nas explorações de livros e textos que despertem a efetivação dessa nova política de educação embasada na concepção democrática e unificadora.

Em concordância com a questão exposta, Paiva et al (2008; p. 20) afirmam:

Uma democracia cultural plena supõe que todos os cidadãos tenham acesso à leitura, isto é, supõe uma distribuição equitativa das condições de possibilidade de leitura e de direito à leitura. Sob esta primeira perspectiva de análise das relações entre leitura, democracia e cultura, discute aqui três aspectos: em primeiro lugar, pretendo demonstrar que a distribuição equitativa das condições de possibilidade de leitura e do direito à leitura não ocorre na sociedade brasileira; em segundo lugar, busco causas porque assim o é; finalmente, em terceiro lugar, arrisco uma modalização do princípio de que a leitura é condição para democracia cultural, propondo limites para essa relação condicionante.

A democracia cultural pressupõe que a leitura conscientizadora desperta no educando o reconhecimento de se enxergar como cidadão conhecedor as mudanças que atingem a sociedade, identificar os avanços alcançados pela ciência e a tecnologia e reconhecer fatores que provocam a necessidade de transformar a prática educativa no que diz respeito ao uso da leitura e da escrita para que estas passem ser elementos que promovem construções sociais.

3.3 Contextualizando a leitura e a escrita numa prática social para descoberta de inovação pedagógica.

A leitura e a escrita sempre foram vistos como mediadoras das práticas sociais, pois, nos meados da Era Literária Humanista, especificamente, entre o século XV e XVI, “o cronista Português Fernão Lopes (c. 1380-1460), considerado o pai da historiografia portuguesa, já demonstrava na escrita de suas crônicas que a história de um povo era constituída também por movimentos populares e forças econômicas, nas quais descreviam não só o ambiente das cortes, mas também aldeias, rebeliões da rua, sofrimento e alegria da população” (SARMENTO, 2004).

Ainda na Idade Média as peças teatrais que eram vinculadas apenas às cerimônias religiosas católicas, passaram por transformações no momento em que Gil

Vicente começa a se expressar oralmente através da escrita para mostrar uma visão crítica da sociedade, denunciando os exploradores do povo, criticando a hipocrisia dos religiosos, apontando a imoralidade das alcoviteiras, dentre outras injustiças sociais.

No século XVIII período da Revolução Industrial, a evolução das máquinas provocou a falta da leitura e da escrita, ou seja, tornava as pessoas incapacitadas de operá-las adequadamente por falta de instrução, então, para que as produções rendessem bastante lucro para os burgueses proprietários, eles resolveram sistematizar e criar uma escola que proporcionasse um ensino de massas, ou seja, um espaço escolar que fosse preenchido com uma grande quantidade de operários para aprender a ler e escrever rapidamente e conseqüentemente, pudessem atender os interesse da sociedade industrial.

Segundo Toffler (1971; p.333):

Uma vez que o industrialismo pedia uma nova espécie de homem. Pedia técnicas que nem a família nem a igreja podiam por si mesmas, favorecer. Forçou uma revolução no sistema de valores. Acima, exigia que o homem desenvolvesse um novo sistema de tempo. A educação em massa era a engenhosa máquina construída pelo industrialismo para produzir a espécie de adultos de que precisava.

O autor vai mais além ao ressaltar a complexidade de um problema desordenado, que se estendia a pré-adaptação das crianças para um mundo no tempo regulado pelo apito da fábrica. Em relação a esta questão, o próprio Toffler faz um comentário sobre a implantação de um sistema educacional que não emergiu pronto e acabado, mas que se arrasta de forma ultrapassada seguindo uma sociedade pré-industrial, no qual a massa de estudante é associada a matéria- prima; os professores aos operários; e a escola a fábrica.

A partir daí a escola seguiu este percurso de produzir seres preparados para atuarem na era industrial, desta forma, não conseguiu acompanhar os avanços que foram surgindo com novas revoluções, deixando em aberto a forte necessidade de vivenciar a transitoriedade constante que ora assola a humanidade.

Em relação à transitoriedade Toffler (1971; p. 23) ressalta que:

Se a desaceleração é uma nova foça social, a transitoriedade é o se equivalente psicológico, e se não compreendermos o papel que ela representa no comportamento humano contemporâneo, todas as nossas teorias de

personalidade, e toda a nossa psicologia permanecerão irremediavelmente pré-modernas.

Assim, tomamos consciência de que a criação da escola, desde a sua origem vem se arrastando de forma arcaica até os nossos dias, mantendo os resquícios de contexto histórico condicionador, onde os sujeitos são privados de pensar e agem mecanicamente em ações repetitivas que favorecem a universalização dos indivíduos, tornando a leitura e a escrita uma atividade restrita para os que pertencem a uma classe social mais elevada.

Esta percepção reflete-nos a consciência de que a escola se manteve sempre ausente da prática da leitura e da escrita por razões que a levaram a seguir um sistema que reproduz ideologicamente as demandas do Estado no seu interesse de atender apenas um pequeno grupo privilegiado da sociedade, isentando-se de cumprir sua função de ofertar uma educação qualificada para formar equitativamente os cidadãos.

Esta questão aparece exposta por Bourdieu e Passeron (2008; p.229).

Se não é fácil perceber simultaneamente a autonomia relativa do sistema de ensino e sua dependência relativa à estrutura das classes é porque, entre outras razões, a percepção das funções de classe do sistema de ensino está associada na tradição teórica a uma representação instrumentalista das relações entre a Escola e as classes dominantes, enquanto que a análise das características de estrutura e de funcionamento que o sistema de ensino deve à sua função própria tem quase sempre tido por contrapartida à cegueira face às relações Escola e Classes sociais, como se a comprovação da autonomia supusesse a ilusão da neutralidade do sistema de ensino.

Diante desta alusão frente à dependência do sistema de ensino, torna-se preciso perceber que a escola deve assumir sua verdadeira função social estruturada em uma prática pedagógica que desenvolve a leitura como elemento formador de consciência do aprendiz e a escrita como reprodução e registro desta consciência adquirida.

Conforme diz Freire (2008; p. 13) em relação ao círculo da cultura:

A visão da Liberdade tem nesta pedagogia uma posição de relevo. É a matriz que atribui sentido a uma prática educativa que só pode alcançar efetividade e eficácia na medida da participação livre e crítica dos educandos. É um dos princípios essenciais para a estruturação do círculo da cultura, unidade de ensino que substitui a “escola” autoritária, por estrutura e tradição.

A participação livre e crítica do educando enfatizada por Freire, ainda é uma ideologia utópica, porém não impossível de ser realizada, então, cabe aos educadores mudarem suas práticas para iniciarem a busca de transformação da escola para que ela demonstre preocupação em formar bons leitores que pensam e agem para constituir uma sociedade culturalmente avançada.

Neste aspecto, Kramer (2010; p.192) contextualiza que:

É a escola que tem o dever (logo, a obrigatoriedade) de formar leitores. Professores e professoras, alunos e alunas têm o direito de ler e de escrever, têm o direito de gostar de não gostar de ler. Precisam, pois de acesso a textos dos mais diferentes tipos e a práticas reais de leitura e de escrita, práticas revestidas de significado e que se consolidem como experiências efetivas, e não como meros exercícios para prestar contas à contabilidade escolar e suas exigências burocráticas.

As palavras da autora realçam a necessidade de transformar as práticas educativas para que a instituição escolar adote uma postura de implantação da leitura e a escrita não como mera atividade burocrática que resulta apenas numa imposição desnecessária geradora de violência e rebeldia, mas como elementos modificadores de concepções que levam o aluno a atribuir significado ao que compreende nos textos trabalhados.

Esta visão estabelece uma forte relação com a necessidade de preservar o conhecimento que o aluno traz consigo por se trata de uma competência própria dele que lhe permite fazer uso do senso crítico para identificar situações, fatos e acontecimentos que caracterizam a era que vivenciam e concretizam o saber. O que se percebe, Porém é que a escola é a principal castradora deste saber.

Nesta questão do saber, Perrenoud (2000) alerta que no decorrer do ano letivo o trabalho educativo se volta para desvinculação desse saber natural que o aluno possui, estabelecendo o que deve ou não aprender, além do mais faz uma seleção injusta ao priorizar como melhor aluno aquele que tem melhor poder aquisitivo porque tem acesso a lugares e instrumentos que lhe favorecem maior informação.

O que não podemos excluir da nossa consciência é que estamos vivendo em um tempo que é movido por transformações aceleradoras, portanto a escola não pode se dar ao direito de limitar culturas e saberes. Precisa sim, se empenhar em contribuir para o repasse de informações respeitando a capacidade de expressão do aluno para que ele saiba enfrentar os desafios que se intensificam, conseqüentemente, buscar subsídios

para diversificar a leitura e a escrita para o domínio de saber que se propõe no uso de novos instrumentos que se expandem na sociedade contemporânea.

Para esta questão Papert (2008; p.27) relata uma experiência vivenciada por ele mesmo:

No meu caso, ocorreu uma virada no início da década de 1960, quando os computadores mudaram na essência do meu modo de trabalhar. O que mais me impressionou foi que determinados problemas abstratos e difíceis de captar tornaram-se concretos e transparentes e que certos projetos potencialmente interessantes, mas complexos demais para empreender tornaram-se manejáveis. Ao mesmo tempo tive minha primeira experiência de empolgação e do poder de domínio que mantêm as pessoas trabalhando noite a dentro com computadores.

Este relato do autor tem no cerne a importância da diversificação da leitura e da escrita com uso de ferramentas tecnológicas que podem despertar o interesse do aluno em manusear instrumentos avançados que o instigam a se socializar consigo mesmo, com os instrumentos e com os colegas para dividirem experiência, trocarem ideias, adquirirem uma nova consciência social e transformarem a si mesmos e ao meio global em que habitam.

Para Cagliari (2009, p.133) a leitura é um processo de decifração da escrita que conduz o leitor a entender a linguagem e decodificá-la para formar o próprio conhecimento e opinião sobre o que leu, enquanto Solé (1998, p.22) a identifica como um processo sob o qual se compreende a escrita e envolve um leitor ativo que processa as informações do texto com objetivos e finalidades de confirmar um conhecimento prévio, aplicar informações obtidas e construir significativamente.

Desta forma, podemos inferir o conceito de que a leitura e a escrita estão intrinsecamente ligadas e mantêm uma forte relação com o gigantesco crescimento tecnológico da informação e do conhecimento, portanto, não podemos deixar de reconhecer a primordialidade do uso desses instrumentos para estimular o ato de ler e escrever, tendo em vista, que são fontes de novas ideias que podem sugerir um possível rompimento com o paradigma tradicional ora dominante, porém, já não consegue atender o ritmo acelerado destes avanços que movimentam o roteiro social.

Sobre este processo de aceleração Toffler (1971; p.23) ressalta muito bem:

Descoberta. Aplicação. Impacto. Descoberta. Vemos aqui, uma reação em cadeia de mudanças, uma longa e crescente curva de aceleração no roteiro

social do desenvolvimento humano. - Este impulso acelerativo atingiu, nos dias atuais, um nível que não pode mais ser tomado como “normal”, segundo qualquer referência exagerada da imaginação. As instituições normais da sociedade industrial não mais podem contê-lo, e o seu impacto está sacudindo todas as nossas instituições sociais. A aceleração é uma das menos compreendidas e das mais importantes forças sociais.

O interessante é que o autor há décadas já nos avisava sobre a necessidade de buscarmos inovações nas instituições escolares, porém nada foi feito e a educação não prosseguiu no acompanhamento deste avançar, manteve-se estática, talvez por se tratar do caminho mais fácil ou por não exigir dos profissionais a tentativa de enfrentar o novo. Então chegamos ao ponto crucial de uma movimentação estarrecedora que nos obriga hoje a abirmos nossa visão para enxergarmos formas e maneira de implementar a inovação nas práticas educativas.

Recorremos ao pensamento de Bakhtin (2010; p.74) “quando encontra na linguagem uma evolução ininterrupta que tem caráter construtivo, descritivo, proveniente de um processo ininterrupto de construção (“energia”), que se materializa sob a forma e atos individuais da fala”, ressaltando o exercício da leitura e da escrita como fonte de uma prática que conduz ao exercício da cidadania para nortear inovação no sistema educativo.

Neste sentido Morin (2008; p.26) também contribui expondo em suas ideias a necessidade da reforma de pensamento:

A reforma do pensamento contém uma necessidade social-chave: formar cidadãos capazes de enfrentar os problemas de seu tempo. Com isso, tornar-se-ia possível frear o delimitamento da democracia que suscita em todos os campos da política a expansão da autoridade dos experts, de especialista de toda ordem, que limitam progressivamente a competência dos cidadãos, condenados a aceitação da ignorante daqueles que são considerados conhecedores, mas que de fato praticam a compreensão que rompe com a contextualidade e a globalidade dos problemas.

O autor nos dá embasamento para nos rearmarmos intelectualmente, ou seja, nos instruímos para enfrentarmos os desafios da era contemporânea que ele chama de “era Planetária”, ressaltando a importância de solidarizar o conhecimento entre os seres humanos através da utilização da linguagem para estabelecer comunicação e favorecer o sentido de responsabilidade e de cidadania.

Entendemos que a inovação reflete-se num contexto sócio histórico-cultural através de situações reais concretizadas na utilização da escrita da leitura para que seja vinculada a situação social que se apresenta constituída na dimensão linguístico-textual. Assim, encontraremos subsídios que podem inovar a prática pedagógica na área de Linguagens e Códigos, tendo como foco a leitura e a escrita para valorizar as aulas de Língua Portuguesa.

Pois o que vivenciamos hoje durante as aulas de língua portuguesa é uma realidade que demonstra uma perspectiva reducionista de aprendizagem, através da qual se percebe um quadro que retrata alunos que demonstram grande dificuldade em praticar a leitura e conseqüentemente em aprender a língua portuguesa.

Antunes (2003; p. 20) identifica este quadro e nos diz:

Com enormes dificuldades de leitura, o aluno se vê frustrado no seu esforço de estudar outras disciplinas e, quase sempre, “deixa” com a quase inabalável certeza de que é incapaz, de que é linguisticamente deficiente, inferior, não podendo, portanto, tomar a palavra ou ter voz para fazer valer seus direitos, para participar ativa e criticamente daquilo que acontece a sua volta. Naturalmente, como tantos outros vão ficar à margem do entendimento e das decisões de construção de sociedade.

Neste entendimento, voltamos nossa atenção para a questão exposta pela autora e propomos a valorização da leitura e da escrita nas aulas de língua portuguesa para que formemos alunos- leitores que são capazes de mergulhar nos textos e se relacionar com eles dando-lhes sentido, construindo imagens acerca do que ler, refletir, dialogar e ampliar sua visão de mundo.

Esta valorização elenca a diversidade de gêneros textuais que relaciona o ensino da leitura e da escrita ancorada nas práticas socioculturais que se apresentam numa perspectiva interacionista e tem como proposta a compreensão e produção textual que abordam definições do que é: ideia principal e secundária, mensagem, vocabulário, discursos da linguagem dentre outros itens que devem ser reconhecidos pelos alunos para que se tornem seres letrados e preparados para a continuidade do aprendizado.

A partir desta continuidade teremos uma instituição escolar que oferece ao aluno a capacidade de expressar seus sentimentos e de compartilhar experiências e ideias que podem contribuir para dar abertura a um novo sistema de educação que rompe as barreiras do paradigma tradicional e favorece uma aprendizagem concreta e significativa.

Para melhor ressaltarmos a aprendizagem do educando, discorreremos no próximo capítulo os caminhos percorridos para a realização desta investigação e buscamos detalhar da forma mais clara possível todo o percurso feito com o objetivo de mostrar para os leitores os encaminhamentos do nosso trabalho.

4. O CAMINHO TEÓRICO-METODOLÓGICO

O papel do pesquisador é justamente o de servir como veículo inteligente e ativo entre esse conhecimento acumulado na área e as novas evidências que serão estabelecidas a partir da pesquisa.

(Ludke & André 1986)

Neste capítulo abordaremos todo o percurso teórico-metodológico utilizado para realização da pesquisa, o qual descreve detalhadamente a escolha da trilha metodológica que galgamos em busca de interpretar nossos objetivos da pesquisa de conhecer uma prática que utilize a leitura e a escrita desenvolvida com estudantes do ensino médio por meio do projeto “Da Informação ao Conhecimento” realizado numa Escola da rede Estadual do Ceará –Brasil.

Conforme já citado na introdução explicitada à investigação tem como objetivo geral: Conhecer uma prática desenvolvida pelos professores e alunos que participam do Projeto “Da Informação ao Conhecimento” buscando a identificação de uma prática educativa que utiliza a leitura como recurso formador de sujeitos capazes de compreenderem, criticarem e produzirem diferentes tipos de textos para aquisição de saberes mediados pelos professores de forma que a aprendizagem esteja articulada com o exercício da cidadania e se efetive ao longo da escolaridade e da vida.

Nesta perspectiva buscamos conhecer pressupostos teóricos norteadores de prática pedagógica, que aproxime o aluno da escrita e da leitura numa perspectiva formadora para o exercício da cidadania; verificar melhorias na aprendizagem através da leitura e da escrita como possíveis elementos favorecedores de inovação pedagógica; reconhecer sucessos e entraves encontrados na prática que envolve o projeto “Da Informação ao Conhecimento” para identificar inovação efetivada que pode sugerir alternativas para o aperfeiçoamento e conquista de resultados cada vez melhores para educação.

Entendemos que toda pesquisa tem uma história que vale a pena ser descrita, narrada, analisada e interpretada. Assim, este capítulo representa o esforço de apresentar o caminho percorrido na realização do nosso trabalho. No processo de reflexão para compreendermos a realidade investigada a teoria foi o nosso guia e para isso realizamos investimentos em diferentes ordens na tentativa de interpretação dos dados levantados.

Recorreremos ainda, ao uso da etnografia e ao uso de técnicas variadas para análise dos dados a partir de entrevistas, aplicação de questionários para a observação in lócus com intuito de responder nosso problema de pesquisa.

Para este feito. Macedo (2006; os. 46- 47) afirma que:

[...] educadores críticos estabelecem uma competência até o momento outorgada a especialistas tecnocratas da pesquisa que, muitas vezes não experimentariam em sala de aula. [...] Imbuídos da etnopesquisa, educadores críticos conhecem a liberdade responsável das metodologias inerentes a essa alternativa científica, conduzindo investigações pertinentes e contingentes do contexto, e, na necessidade de conhecer, educadores etnopedagogos críticos podem abraçar estratégias cognitivas compatíveis com as situações vivenciadas e problematizadas.

Então, torna-se interessante dizer que o processo metodológico integra-se de uma descrição mais aproximada possível do percurso da pesquisa que se caracteriza pela busca a descoberta de uma nova prática da leitura que seja capaz de combater a falta de interesse e o despertar crítico do aluno que vem gerando obstáculos para o desenvolvimento da aprendizagem.

Ressaltamos, portanto, que neste capítulo tentamos esclarecer para os leitores o porquê da pesquisa, a forma como ela foi conduzida e os recursos utilizados para concretização de sua realização.

Tendo em vista que a nossa meta para esta investigação reporta-se à necessidade de entender a inovação das práticas educativas, que envolvem a participação mais ativa dos alunos nas atividades escolares de forma que consiga aplicar na sua vivência de mundo o que aprende no espaço escolar. Assim, no próximo ponto iremos descrever o caminho percorrido.

4.1 A trilha metodológica: os caminhos escolhidos

Para determinação da trilha metodológica a ser seguida foi necessário a identificação de uma problemática que se acentuava na vivência de um grupo de estudantes provocando um determinado índice de desnivelamento na aprendizagem escolar.

A identificação da problemática da nossa pesquisa foi originada da experiência vivenciada há mais de uma década em sala de aula de uma Instituição da Rede pública,

mediando à aprendizagem, especificamente na disciplina de Língua portuguesa que muito contribuiu para o percurso desta investigação.

Esta vivência nos permitiu um contato direto com a rotina da escola que paulatinamente foi nos revelando a dificuldade que os alunos sentiam para compreender e interpretar textos relacionados ao próprio cotidiano, nos revelando que ler e escrever adequadamente não estavam inseridas nas atividades realizadas no dia a dia do mundo real e muito menos no contexto sistematizado pelo currículo para o mundo escolar.

Severino (2007; p. 100) alerta que:

[...] não basta seguir um método e aplicar técnicas para se completar o entendimento do procedimento geral da ciência. Esse procedimento precisa ainda referir-se a um fundamento epistemológico que sustenta e justifica a própria metodologia aplicada. É que a ciência é sempre o enlace de uma malha teórica com dados empíricos, é sempre uma articulação do lógico com o real, do teórico com empírico, do ideal com real.

Consequentemente, passamos a lidar com uma realidade que mostrava os alunos chegando ao ensino médio sentindo dificuldade em entender mensagens corriqueiras do cotidiano e não manifestavam nenhuma atitude que represente autonomia e segurança diante das imposições que lhe são aplicadas, demonstrando dificuldade em se tornarem seres pensantes.

Esta concepção nos levou a entender que a falta da leitura e da escrita provocam deficiências constrangedoras na aprendizagem do aluno e que o mesmo precisa destes dois elementos para aquisição de uma boa formação desde o seu primeiro contato com a escola, a qual se omitiu e ainda omite-se da função de motivar e estimular a criticidade do aluno, através deste ato para obedecer a critérios estabelecidos por um sistema que exige o condicionamento dos seres.

Percebemos que a falta de incentivo para a leitura e a escrita tornou-se uma lacuna bem espaçosa na vida do aprendiz, tornando-o acomodado e alheio ao que ocorre ao seu redor, talvez pelo simples fato de que desde o seu primeiro contato com as letras, estas, sejam vistas apenas como símbolos que representam o alfabeto e em seguida passam a lidar com as palavras utilizadas para produção de frases e textos que são vistos apenas como uma atividade proposta pelo professor sem nenhuma atribuição significativa.

A cada série que avançava, o aluno foi se distanciando cada vez mais da aquisição desse hábito e quando lhe é imposto dentro da sala de aula torna-se uma ação cansativa que não desperta o menor interesse para por em prática, por se tratar de algo que ele não associa a nada relacionado a sua realidade e por ser vista por ele como mais um exercício escolar que pode servir simplesmente para conquista de ponto a mais ou de nota que renda uma aprovação.

Diante de tudo isso, cabe a nós educadores despertarmos a nossa consciência para este fato que muito contribui para o insucesso escolar e cabe-nos a missão de buscarmos novas formas de trabalhar a leitura e a escrita tornando-as mais dinâmicas e interessantes para fazer com que os alunos sintam prazer em praticá-las e reconheça-as como elementos primordiais para fazê-los pensar, agir e conquistar a autonomia para o exercício da cidadania.

Mediante a problemática apresentada, buscamos amparar na observação da prática aplicada no Projeto escolar “Da Informação ao Conhecimento” uma iniciativa que muito contribuiu para favorecer o desenvolvimento da leitura de forma significativa. O referido projeto nos possibilitou o entendimento sobre práticas pedagógicas que podem favorecer o desenvolvimento da leitura numa perspectiva de possíveis transformações educacionais.

No princípio da construção do nosso projeto de pesquisa elaboramos como pergunta a seguinte: Como as práticas pedagógicas da leitura são implementadas nas instituições escolares, de forma que representem possibilidade de aprendizagem, favoreçam a continuidade dos estudos ao longo da vida, articuladas as ações presentes no exercício da cidadania?

No decorrer dos nossos estudos e aprofundamentos dos trabalhos reelaboramos a questão com o objetivo de atender melhor nosso objeto de pesquisa. Assim, destacamos como questão central a ser respondida por essa investigação a seguinte indagação: em que medida a prática educativa aplicada no projeto “Da Informação ao Conhecimento” vem favorecendo o desenvolvimento da leitura de jovens de uma escola do ensino Médio do Ceará e oportunizando a construção da cidadania de forma inovadora?

Diante disso, deu-se a priorização da leitura trabalhada no projeto “Da Informação ao Conhecimento” como objeto deste estudo, tendo em vista que Severino

(2007) afirma que o conhecimento se dá como construção do objeto, mediante a reconstrução simbólica dos dados de nossa experiência.

Assim, a escolha deste objeto atende o nosso anseio pela busca de transformação para prática educativa, tendo em vista que qualquer ação que representa uma manifestação de segurança e autonomia por parte do aluno sugere mudança e ruptura que se apresentam como primordiais para a comunidade da Nova Russas – Ceará–Brasil que ainda possui uma vivência educacional relativamente arcaica e tradicionalista.

Diante desta confirmação, encontraremos nos aspectos metodológicos o acesso que nos permite chegar ao conhecimento científico a partir de uma investigação que gera uma perspectiva de transformação tanto para área acadêmica educacional em que os aprendizes adquirem uma formação mais cidadã como para a busca de Inovação para prática do professor.

Portanto, a presente pesquisa segue o caminho metodológico qualitativo descritivo, que tem por objetivo analisar o conhecimento do jovem aprendiz de Nova Russas, adquirido através do que ler e escreve. Levando-nos a identificar pontos importantes que fundamentem novos perfis de alunos que melhor se adeque ao pensamento da sociedade moderna.

Para referenciar a análise qualitativa descritiva, Fazenda (1994, p.51) define que:

A questão da descrição na análise qualitativa nas ciências humanas fundamenta-se no modo de ser do homem, tal como se constitui no pensamento moderno como fundamento de todas as positivities e, ao mesmo tempo, situado no elemento das coisas empíricas.

Pegando como pano de fundo as definições dadas e o modo de ser do homem para fundamentação das ciências humanas o presente estudo adentra o universo da investigação para verificar as possíveis transformações que venham ocorrer qualitativamente no comportamento dos alunos de forma que eles adotem uma postura de participação reflexiva nas ações propostas pela escola e nas demais situações com as quais se deparam perante a sociedade.

Para melhor enfatizar André (1995; p. 03) nos diz que:

Esta abordagem de pesquisa tem sua origem de pesquisa na fenomenologia. Esta corrente de pensamento contemporâneo vê-se envolvida com a utilização e com o desenvolvimento e metodologias que permitem ao pesquisador descrever a visão de mundo dos sujeitos estudados.

Desta forma, ao adentrar neste universo da pesquisa, propomo-nos a analisar o espaço escolar em busca da identificação de dados que mostrem implementação do projeto em turmas do ensino médio na escola Alfredo Gomes da Rede Estadual do estado do Ceará- Brasil, visando identificar características de inovação para a prática pedagógica.

Para isso, nos prontificamos a buscar embasamento teórico por meio da opinião de autores que conceituam sobre a importância da prática pedagógica vivenciada numa escola. Realizamos observação de campo, na qual acompanhamos algumas aulas da disciplina de Língua Portuguesa, ouvimos depoimentos pessoais dos alunos, professores que contribuíram como fonte de informação para a realização desta pesquisa.

Inicialmente o tempo determinado para observação constava no cronograma do Projeto de pesquisa nos meses de Abril e Maio do ano de 2011. Porém, esta realização teve início no mês de Maio do mesmo ano e estendeu-se até o mês de Agosto por razões de algumas programações previstas pela escola que consideramos primordiais para obtermos mais informações.

Os primeiros contatos ocorreram no mês de Maio para sondarmos o ambiente e conhecermos as pessoas que seriam envolvidas na realização desta investigação, pois, como dizem Ludke e André (1986, p.17) O pesquisador etnográfico:

Deve ser capaz de trabalhar sob sua própria responsabilidade; deve inspirar confiança; deve ser pessoalmente comprometida, autodisciplinada, sensível a si mesma e aos outros, madura e consciente; e deve ser capaz de guardar informações confidenciais. Desde os primeiros contatos o pesquisador deve se preocupar em ser aceito, decidido quão envolvido estará nas atividades e procurando não ser identificado com nenhum grupo particular.

Com base nestas referências procuramos nos aproximar do local escolhido para nos aprofundarmos sobre o objeto do estudo, considerando que o contato inicial é decisivo para estabelecer relação de cooperação e coletivismo.

Consequentemente Severino (2007; p.119) também nos diz que:

A pesquisa etnográfica visa compreender, na sua cotidianidade, os processos do dia-a-dia em suas diversas modalidades. Trata-se de um mergulho no microssocial, olhado com uma lente de aumento. Aplica métodos e técnicas compatíveis com a pesquisa qualitativa. Utiliza-se do *método etnográfico*, descritivo por excelência.

Torna-se importante dizer que para esta realização recorreremos ao uso de métodos e técnicas que norteiam o andamento dos procedimentos necessários para esta investigação. Os quais apresentam fundamentações necessárias para o êxito do caminho percorrido que se encontra aqui descrito.

Salientamos ainda que no momento inicial pensamos em utilizar o estudo de caso e etnográfico, porém optamos apenas pela etnografia por se tratar de uma opção que melhor se adequa ao objeto da pesquisa. Portanto, no próximo item iremos discorrer sobre tal questão.

4.2. Estudo etnográfico na nossa pesquisa- escolha teórica

Para a escolha do caminho metodológico recorreremos a Fino (2008) que nos alerta que a etnografia deve ser entendida como a descrição de uma cultura, que pode ser dentre outros grupos, o de uma turma de uma escola dos subúrbios, cabendo ao investigador etnográfico compreender a maneira de viver do ponto de vista dos nativos.

Enquanto Lapassade (2005) nos diz que a etnometodologia trata-se de um estudo utilizado na vida cotidiana, sem atenção para comunicar e interpretar o social para fins práticos, posto que constitutivos do raciocínio sociológico.

O autor anteriormente citado (2005) diz ainda que os etnometodólogos não se referem a “papeis”, “normas” ou “regras” que transcendem as interações e as governam, e sim compreendem como as pessoas utilizam normas para interpretar o social nas suas interações.

Portanto, a etnografia apresenta características que se enquadram na observação dos costumes, tradições, cultura e comportamento de um grupo de estudantes da comunidade novarrussense, recorrendo também, à coleta de dados nos dá suporte para identificar sucessos e entraves que interferem na aprendizagem escolar.

Ao explicitar a Etnografia, André (2008; p 27) diz:

É um esquema de pesquisa desenvolvido pelos antropólogos para estudar a cultura e a sociedade. Etimologicamente etnografia significa “descrição cultural”. Para os antropólogos, o termo tem dois sentidos (1) um conjunto de técnicas que eles usam para coletar dados sobre os valores, os hábitos, as crenças, as práticas e os comportamentos de um grupo social; (2) um relato escrito resultante do emprego dessas técnicas.

Desta forma, a análise do comportamento dos educando diante da leitura e da escrita realizada, estende-se coleta de dados que envolvem os valores, hábitos e crenças dos alunos, sendo refletidos sobre o antes e o depois desta nova prática para que possamos identificar se houve ou não uma mudança de perfil ou de postura tanto na escola como no meio social.

A constituição desta ferramenta dialógica intersubjetiva ocorre na contextualização do que o aluno lê e compreende para debater e confrontar opiniões dentro da sala de aula, em seguida, produzir textos, promover seminários, organizar palestras, dramatizar seus próprios textos dentre outras atividades.

O acompanhamento destas atividades realizadas dentro de um contexto educacional vem ressaltar que características de uma pesquisa etnográfica que se contextualiza dentro da vivência de um grupo educacional.

É importante lembrar que a definição de etnografia relacionada ao uso das práticas pedagógicas surge como ferramenta que estuda os sujeitos em seus ambientes naturais, ressaltando a sua dada importância para educação tem amparo em Fino (2008, p.04) quando afirma:

[...] a etnografia da educação, sobretudo por recusar qualquer possibilidade de arranjo de natureza experimental, e por, ao invés, estudar os sujeitos nos seus ambientes naturais, pode constituir uma ferramenta poderosíssima para compreensão desses intensos e complexos diálogos intersubjetivos que são as práticas pedagógicas.

Para Matos e Vieira (2001; p. 50) a etnografia surgiu na área educacional na década de 70 e tem realizado estudos do tipo etnográfico como especificidade o interesse dos etnólogos que é a descrição da cultura de um grupo social, mostrando uma preocupação central dos estudiosos da educação, que são os processos educativos.

Fino (2008) ao relacionar inovação e etnografia diz que Inovação tem a ver, fundamentalmente com mudanças nas ações escolares e que estas mudanças apresentam um posicionamento crítico em relação às práticas pedagógicas tradicionais.

Já em relação à etnografia o autor (2008) sugere que acreditemos na etnografia crítica como resultado de um olhar qualificado pela experiência direta do terreno multirreferencialmente informado e refletido que possa provocar nem que seja um pouco de mudança. Ele lembra ainda que o observador aprende, vivendo com as pessoas e partilhando as suas atividades.

Em complementação ao que diz o autor Ludke, Menga (1986; p.17) afirma que:

Um dos grandes desafios da abordagem etnográfica refere-se ao papel e as tarefas exercidas pelo observador. As habilidades exigidas desse profissional não são poucas nem simples. [...] Desde os contatos iniciais com os participantes, o observador deve se preocupar em se fazer aceito, decidindo quão envolvido estará nas atividades e procurando não ser identificado com nenhum grupo particular. Esses cuidados são fundamentais para que ele consiga obter as informações desejadas.

Nesta concepção, Lapassade (2005; p. 25) nos concede a seguinte orientação:

A importância central concedida por esta orientação macrossociológica à questão do sentido dado as ações pelos participantes conduz a levantar, em outros termos, a questão da observação e do trabalho de pesquisa. O interacionismo é um construtivismo. Por essa razão, é preciso admitir que toda observação, e não somente a observação etnográfica é uma construção.

Assim, a realização deste estudo procede do comprometimento com a responsabilidade e confiança do investigador para concretizar o enriquecimento da prática que aborda a leitura e a escrita visando mais valorização do ensino de Língua Portuguesa e conseqüente, melhor desempenho educacional que favoreça avanços e desenvolvimento para o grupo focado.

4.3 As experiências escolares de leitura: O Projeto Da Informação ao Conhecimento.

A investigação focaliza o projeto “**Da Informação ao Conhecimento**”, realizado há dois anos em uma Escola da Rede Estadual do estado do Ceará-Brasil. O

qual enfatiza a leitura e a escrita numa perspectiva de desenvolvimento social para mudança de perfil do aprendiz.

Trata-se de um trabalho escolar que tem como característica o foco central do aluno na aprendizagem em que ele atua como responsável por suas próprias ações, manifestando exemplo de participação e criatividade ao se envolverem nas atividades mediadas pelos professores.

O projeto escolar busca ainda, atender os seguintes objetivos: estar em convívio constante com os instrumentos que facilitam a aprendizagem da linguagem; estimular o desejo pela leitura; conhecer o mundo através das várias formas de leitura; resgatar a importância da escola na formação dos cidadãos e no desenvolvimento sociocultural dos mesmos.

Este foi criado em 2010 por três professoras da sala de Múltiplos, que funciona como biblioteca da escola, visando despertar no aluno o interesse pela leitura utilizando diferentes instrumentos para o desenvolvimento da aprendizagem.

A iniciativa desta criação surgiu após a análise dos índices de empréstimos e doações de livros, revistas, fascículos e informativos que deveriam ser utilizados pelos alunos regularmente matriculados na escola. Ao observarmos os livros de registros da própria biblioteca, percebemos que o número de alunos matriculados somava um total de 720 e o número de leitores limitava-se apenas a 80.

Em seguida, constatamos que os resultados das avaliações aplicadas pelo Governo do Estado do Ceará- Brasil foram considerados críticos, pois os alunos não conseguiam ler e interpretar adequadamente, portanto não conseguiam responder questões consideradas elementares para a série que estavam cursando.

Então tomamos a decisão de que algo deveria ser feito internamente em busca de reverter este quadro desesperador. Daí, os professores criaram este projeto escolar para trabalhar a leitura e a escrita em todas as disciplinas, tendo em vista que a interpretação e a produção textual não se limitam apenas à Língua Portuguesa, mesmo sendo esta a que mais explora o devido conteúdo, e sim a todas as disciplinas integradas à grade escolar.

Em síntese, a primeira preocupação foi fazer um cronograma para a organização do momento da leitura e chegamos à conclusão de que deveria ser realizada uma vez por semana em aulas e dias alternados. Por exemplo, na primeira semana do mês de novembro será na segunda aula da terça-feira, na segunda semana será na terceira aula da quarta-feira e assim sucessivamente.

Depois, textos diversos são colocados dentro de várias caixinhas coloridas para serem lidos pelos alunos, ou seja, cada caixinha contém um conteúdo diferente como: livro de literatura infanto-juvenil, poesias, recordes de jornais, propagandas, fotografias, desenhos, telas, piadas, charges, simulados de atividades, propagandas comerciais e outros.

Assim, as caixinhas ficam organizadas na biblioteca e os alunos visitam o devido ambiente para tomarem conhecimento do conteúdo que tem disponível naquela semana, depois um representante de cada sala vai lá e separa a caixinha que eles querem que seja enviada para eles no momento da leitura.

É importante dizer que a escolha é feita pelos próprios alunos, porém compartilhada com o professor para que ele não se sinta distanciado da escolha dos alunos e para que haja uma interação maior entre eles. Principalmente porque no momento da leitura, não importa a disciplina que ele leciona o que importa é o momento de interação.

Para evitar a repetição de conteúdo na mesma sala, os professores de apoio que ficam na biblioteca mantêm o controle, através de uma tabela que determina o conteúdo lido por cada sala, assim, evitamos a repetição de ideias durante os debates promovidos.

Após a realização da leitura o conteúdo é debatido pelo grupo para promover a troca de ideias e socializar as diferentes formas de pensar dos alunos para que eles possam fazer uma junção de opiniões com as quais se identificam e iniciem suas produções que são avaliadas pelos professores.

Amparamo-nos nas palavras de Kramer (2010; p.63) ao afirmar que é necessário oferecer na escola possibilidades concretas de convívio das crianças com a linguagem escrita, em situações, experiências, eventos reais em práticas culturais da

leitura e da escrita. O que possibilita aos alunos a prática do debate e a organização de palestras possibilitando-lhes a capacidade de argumentar e expor suas próprias opiniões.

Para reforçar cada vez mais o aprendizado, procuramos utilizar os recursos tecnológicos disponíveis na escola para estimular o hábito da leitura adequando-o aos recursos que integram a sociedade moderna visando o enriquecimento das explicações e buscar soluções dos problemas detectados tanto na vivência escolar como no cotidiano social.

Como diz Freire ((2008; p.51);

A partir das relações do homem com a realidade, resultantes de estar com ela, e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando o seu mundo. Vai dominando a realidade. Vai humanizando-a. Vai acrescentando a ela algo que ele mesmo é fazedor. Vai temporalizando o espaço geográfico. Faz cultura. E é ainda o jogo destas relações com o mundo e do homem com os homens, desafiando e respondendo ao desafio, alterando, criando, que não permite a mobilidade a não ser em termos de relativa preponderância, nem das sociedades nem das culturas. E na medida em que cri, recria e decidindo que o homem deve participar desta época.

Torna-se necessário lembrar que todas as produções dos alunos são divulgadas pela escola sendo mostradas para a comunidade em todos os eventos que realiza ou promove para valorizar a participação e criatividade deles. Para este feito a instituição faz exposição dos textos produzidos e criados pelos aprendizes. É interessante perceber independentemente de disciplina, os aprendizes apresentam criações que são identificadas como produções bem diversificadas tanto trabalhadas em grupo como individualmente.

Conforme já citado anteriormente o projeto não limita disciplina e nem série, ou seja, ele é aplicado em todas as salas de aula, nos três turnos, desta forma, eles produzem a partir do que leem.

O acúmulo destas produções exigem maior abertura para criação de alguns mini- projetos, que já vem sendo aplicados com mérito na vivência dos nossos alunos. Dentre estes podemos enfatizar **“O Passado de Nova Russas em cores e sabores do presente”**, o qual aborda o resgate da memória arquitetônica de Nova Russas-Ceará-Brasil e envolve atividades como: desenho, fotografia, poesia cordel e memória literária.

O envolvimento dos alunos nestas atividades estimula-os a se tornarem sujeitos ativos que começam a demonstrar o interesse em mostrarem suas habilidades com determinação e segurança que lhes permitem sobressair-se perante a sociedade com segurança e autonomia tanto por parte dos que participam como daqueles que ainda se sentem inibidos em participar.

O resultado destas atividades contribuiu para a confecção de um livro e a produção de vários objetos que levaram os alunos a participarem de feiras artesanais e outras feiras regionais. Vale salientar que isto contribuiu tanto para aquisição de renda como para despertar a consciência de sustentabilidade como para a desenvoltura e sociabilidade do educando.

Desta forma, trabalhar a leitura e a escrita tornou-se uma atividade prazerosa e significativa tanto para os professores quanto para os alunos pelo respeito ao conceito que cada um defende, pela diversificação de ideias e de produções dos alunos que desperta o desempenho e a criatividade de todos para confirmar a ideia de que não importa quem cria, mas o importante é criar.

A focalização desta investigação nos ajuda a entender até que ponto este projeto é inovador e, portanto, favorece o desenvolvimento do senso crítico do estudante. Para atingir tal fim vamos descrever o estudo de campo e os instrumentos de coletas de dados além dos sujeitos da nossa pesquisa.

4.4 O estudo de campo: as técnicas, os instrumentos de coletas, os sujeitos da pesquisa e a análise documental.

Macedo (2006) nos alerta que o trabalho de campo implica uma confrontação pessoal com o desconhecido, reforçando que o campo tem uma resistência natural que demanda uma dose de paciência considerável, em face das rupturas, o ritmo do pesquisador ou determinados prazos acadêmicos.

Consequentemente, precisamos dizer que o processo do estudo de campo tem sido o mais abrangente por se tratar de uma fase que exige bastante atenção para que os fatos observados não fujam da nossa atenção e sejam registrados com a devida fidelidade.

Além disso, conforme referencia o autor requer controle e paciência para lidarmos com reações diferenciadas e manifestações de habilidades diversas, na análise das quais tomamos o cuidado de mantermos nossa postura de investigador que compreende e registra os acontecimentos sem nos envolver.

Durante os estudos realizados no ano de 2011 ao ambiente escolar, os quais foram mesclados ao acompanhamento do trabalho do professor em sala de aula com o intuito de compreender e desempenho dos alunos nas atividades propostas.

O estudo é feito em uma Escola da rede Estadual denominada de Alfredo Gomes- Nova Russas- Ceará – Brasil. Uma Instituição que se empenha na formação dos cidadãos atuando no ensino regular e atende as modalidades EJA- Educação de Jovens e Adultos no Ensino Fundamental e Médio e PROJOVEM.

Esta Instituição está ativa no trabalho educativo há 40 anos e no ano de 1998 adotou uma gestão democrática, através da qual passou a assumir o compromisso de integrar seus alunos no meio social, posto que, atende uma clientela de (623) seiscentos e vinte e três alunos, dos quais apenas (542) quinhentos e quarenta e dois participam, sendo uma pequena parte de uma área de risco da cidade e outra da zona rural.

Observe a distribuição do quadro abaixo:

QUADRO 01- RELAÇÃO DE ALUNOS MATRICULADOS, PARTICIPATIVOS E NÃO PARTICIPATIVOS.

Crede: 13ª COORDENADORIA REGIONAL DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO- CRATEÚS			
OFERTA	ALUNOS MATRICULADOS	PARTICIPAM	NÃO PARTICIPAM
1º ano do ENSINO MÉDIO	99	90	9
1º ano do ENSINO MÉDIO	82	74	8
2º ano do ENSINO MÉDIO	61	57	4

2º ano do ENSINO MÉDIO	34	22	12
2º ano do ENSINO MÉDIO	59	55	4
3º ano do ENSINO MÉDIO	26	25	1
3º ano do ENSINO MÉDIO	35	26	9
3º ano do ENSINO MÉDIO	58	57	1
3º ano do ENSINO MÉDIO	26	25	1
3º ano do ENSINO MÉDIO	59	54	5
EJA ENSINO MÉDIO	84	57	27
TOTAL	623	542	81

Fonte cedida pela Secretária Telma Maria Martins de Carvalho da Escola Estadual Alfredo Gomes- Nova Russas- Ceará – Brasil.

Pelo quadro acima identificamos um total de 623 (seiscentos e vinte e três) alunos matriculados, porém apenas 542 (quinhentos e quarenta e dois) frequentaram a escola desde os primeiros dias de aula, havendo uma dispersão de 81 (oitenta e um) estudantes que não apareceram na escola, desistiram ou abandonaram os estudos.

Em virtude do extenso número de alunos participativos, optamos pela escolha de uma turma do 1º ano e outra do 3º ano, ambas da modalidade ensino Médio, considerando que se trata da série inicial e da série final da respectiva modalidade. Esta opção deu-se pela constatação de que os alunos são mantidos distantes do hábito da leitura desde o primeiro momento que eles entram na escola.

Assim fazem o percurso da alfabetização e ensino Fundamental sem conseguirem compreender e interpretar o que apenas decodificam. Desta maneira adentram o Ensino Médio que se trata da última modalidade escolar da educação básica, pois ao terminarem eles recebem um certificado que os qualificam para se submeterem a provas de vestibulares ou de concursos para definição de uma carreira que os definirá profissionalmente.

Diante de um espaço cedido pelo professor durante a explanação de sua aula de Língua Portuguesa resolvemos aplicar alguns questionários para os alunos que nos responderam individualmente. Estas questões coletavam informação sobre a leitura trabalhada no projeto “Da Informação ao Conhecimento”, que de certa forma, nos deram embasamento para identificarmos os efeitos do trabalho realizado através do referido projeto.

Acreditamos que neste momento é necessário descrever um pouco do espaço físico disponível para esta prática aplicada que busca a participação ativa dos alunos, portanto, a escola dispõe de 10 salas de aula; 01 sala de secretaria; 01 sala de direção; 01 sala de professores; 01 banheiro para os professores; 01 banheiro masculino e outro feminino para os alunos; 01 sala de Informática; 01 sala multifuncional; 01 sala de multimídia; 01 sala de Multimeios; 01 sala que funciona como cantina, 01 pátio para recreação e 01 quadra poliesportiva.

Sendo a sala de Informática coordenada por dois professores que organizam agendamentos e auxiliam o trabalho pedagógico nas pesquisas virtuais, nas apresentações de trabalhos e seminários realizados pelos alunos. Lá eles dispõem de vinte e dois (22) computadores, um (01) Datashow, um (01) telão e um (01) quadro branco para possíveis explicações.

A sala de Multimeios funciona com a organização de três (03) professores, sendo uma regente e duas (02) que dão apoio para as práticas pedagógicas, lá é um espaço onde os alunos realizam suas pesquisas bibliográficas, fazem empréstimos de livros para pesquisa ou para leitura e dispõem também de revistas, jornais, histórias em quadrinhos e outros recursos que contribuem para preparação das atividades que eles realizam.

Nesta sala além de muitas prateleiras com livros didáticos, paradidáticos, enciclopédias, fascículos e outros. Há mesas e cadeiras que acomodam os alunos durante o tempo de estudo, posto que os professores de apoio auxiliam e coordenam tanto as pesquisas bibliográficas como dão suporte na seleção de temas que os aprendizes fazem para serem trabalhados.

Na sala de Multimídia os alunos dispõem de uma (01) TV, um (01) DVD; um (01) Datashow e diversos vídeos. Este espaço, eles utilizam para as apresentações

produzidas por eles mesmos, isto engloba vídeos, mensagens virtuais, e arquivos dos trabalhos realizados por eles em eventos promovidos pela escola.

A coordenação dos trabalhos realizados nesta sala é atribuída a um (01) professor que disponibiliza uma parte de sua carga horária para fazer agendamento e mediar as apresentações e manter o controle do material disponível.

A sala Multifuncional é preparada apenas para os alunos especiais, portanto lá eles dispõem de dois (02) computadores adaptados para o uso de pessoas que tem deficiência como baixa visão e para os que não falam e não ouvem, assim a escola se engaja no processo de inclusão e possibilita o acesso a recursos tecnológico que podem auxiliar o avanço da aprendizagem e melhor contribuição de um bom trabalho pedagógico que é feito com os cinco (05) alunos matriculados na escola.

Para eles é direcionada uma forma especial de se trabalhar, pois mesmo estando devidamente matriculados no ensino regular, dispõem do acompanhamento de uma professora capacitada para atuar com os devidos estudantes, de forma que ela possa orientá-los adequadamente. Esta professora é responsável pela organização da sala e pelo apoio pedagógico prestado aos estudantes especiais.

A Quadra poliesportiva é o espaço mais solicitado pelos alunos, pois foi possível perceber que lá eles se sentem os donos do espaço, organizam seus times e contribuem no controle tanto dos horários quanto do calendário das aulas práticas e dos campeonatos esportivos interestaduais e intermunicipais. Tudo isso conta com a cooperação de duas professoras lotadas na disciplina de Educação Física.

Veja o quadro abaixo com a distribuição de lotação dos professores.

QUADRO 02- ORGANIZAÇÃO DA ATUAÇÃO DOS PROFESSORES DA ESCOLA ESTADUAL ALFREDO GOMES.

DISCIPLINA	NÚMERO DE PROFESSORES LOTADOS	NÚMERO DE PROF. LOTADOS FORA DA SALA DE AULA.	TOTAL GERAL DE PROFESSORES DA ESCOLA
LÍNGUA PORTUGUÊSA	05	03-SALA DE MULTIMEIOS; 02-SALA DE INFORMÁTICA 01- SALA MULTIFUNCIONAL	
LÍNGUA INGLESA	02		
ESPAÑOL	02		
EDUC. ARTÍSTICA	02		
EDUC. FÍSICA	02		
MATEMÁTICA	04		
FÍSICA	02		
QUÍMICA	02		

BIOLOGIA	02		
HISTÓRIA	02		
GEOGRAFIA	02		
SOCIOLOGIA	02		
FILOSOFIA	02		
TOTAL	31	06	37

Fonte cedida pela Secretária Telma Maria Martins de Carvalho da Escola Estadual Alfredo Gomes- Nova Russas- Ceará – Brasil.

A escuta dos professores e estudantes foi essencial para entender os efeitos do projeto na prática. Procuramos entender até que ponto os docentes e estudantes estavam envolvidos com o projeto, assim, buscamos compreender a importância que a realização do trabalho proporcionou para as perspectivas de mudanças tanto nas atitudes como na aprendizagem dos estudantes.

Desta forma, torna-se fundamental que ressaltemos a suma importância da participação dos sujeitos, alunos e professores nas respostas dadas tanto nos questionários quanto nas entrevistas para que possamos avaliar as questões aplicadas e fazer uma análise significativa dos dados.

Vejamos os quadros 03 E 04 que referenciam o os sujeitos, professores e alunos, entrevistados.

QUADRO 03- CONTROLE DE PROFESSORES ENTREVISTADOS QUE CONTRIBUÍRAM PARA REALIZAÇÃO DESTA PESQUISA

DISCIPLINA	QUANTIDADE DE PROFESSORES	TURNOS	TOTAL
Língua portuguesa	05	Manhã, Tarde e Noite	05

QUADRO 04- ALUNOS ENTREVISTADOS QUE CONTRIBUÍRAM PARA REALIZAÇÃO DESTA PESQUISA

QUANTIDADE DE ALUNOS POR SÉRIE	SÉRIE CURSADA	TURMA	TURNOS QUE ESTUDA	TOTAL GERAL DE ALUNOS ENTREVISTADOS
35	1º ano Médio	“C”	Tarde	
30	3º ano Médio	“A”	Manhã	

--	----	----	-----	65
----	------	------	-------	----

Assim, utilizamos como instrumento da pesquisa as entrevistas semiestruturadas, os questionários e análise documental. Dentre os quais nos reportamos agora para a aplicação dos dois primeiros citados para depois nos voltarmos para a análise documental.

Minayo (2007) nos diz que a entrevista toma um sentido amplo de comunicação verbal ao se restringir a coleta de informação de determinado tema, tendo como objetivo construir informações pertinentes para um objeto de pesquisa e pode ser considerada semiestruturadas quando contém perguntas abertas e fechadas que permitem ao entrevistado discorrer sobre tema sem se prender a indagação formulada.

Recorremos à aplicação de questionários e entrevistas semiestruturadas que foram aplicados com 05 professores que lecionam a disciplina de Língua Portuguesa 35 alunos do 1º (primeiro ano Médio) “C” que funciona no turno da tarde, 30 alunos presentes em sala de aula do 3º (terceiro) ano “A” que funciona no turno da manhã e 02 coordenadoras escolares.

Considerando as palavras de André (2008; p. 27) quando nos diz que dentre os meios utilizados na coleta de dados da pesquisa etnográfica a entrevista é o mais eficaz para que o pesquisador se aproxime dos sistemas de representação, classificação e organização do universo estudado.

Para melhor complementar Severino (2007; p. 124-125) nos diz que entrevista é uma técnica de coleta de informação sobre um determinado assunto, diretamente solicitado aos sujeitos pesquisados. Portanto, considerada um meio de interação entre pesquisador e pesquisado.

A escolha dos sujeitos direção e coordenação, professores e alunos foi feita pela principal razão de que eles estão diretamente envolvidos no processo de realização do objeto, conseqüentemente, são considerados elementos primordiais para nos fornecerem informações necessárias para que ocorra esta investigação.

Ressaltamos, portanto, que o trabalho está relacionado exclusivamente com o objeto desta pesquisa que se trata da prática da leitura explorada no projeto escolar “Da Informação ao Conhecimento”. Tomado como tema que norteia o todo deste trabalho de investigação.

Numa visão “antropológica e social” que tem como meta, a observação sobre

o comportamento dos alunos diante da prática educativa que os instigam a ler e entender para em seguida eles mesmos criarem suas próprias produções e despertarem o anseio de participarem de atividades sociais que a escola promove fora da sala de aula, no seu interior e além dos muros da Instituição; passando a envolver toda a comunidade.

Realizamos também a análise de documentos. A escolha por fazer a análise documental se deve à própria natureza do nosso objeto que analisa um projeto de leitura vivenciado por estudantes e professores. Sendo assim, se fez necessário estudar o projeto vivenciado pela escola com o objetivo de recuperarmos o movimento de inovação realizado pela instituição em tela a partir das primeiras ideias lançadas no projeto. Além disso, fizemos também uma análise do Projeto Político Pedagógico da escola com o intuito de compreendermos o que o projeto afirma sobre a leitura e a cidadania.

Para a análise documental, decidimos no primeiro momento quais seriam os documentos analisados e o que iríamos buscar em cada um deles. Procuramos a partir das leituras dos documentos como: PPP e Projeto escolar “Da Informação ao Conhecimento” para buscar questões mais frequentes relacionadas com o nosso objeto de estudo. Salientamos que anteriormente havíamos pensado em utilizar os diários dos professores, porém nos restringimos aos documentos citados por considerá-los satisfatórios para nossa análise.

Considerando a definição de Severino (2007) quando nos diz que documento é todo objeto (livro, registro, foto, filmes, escultura etc). Sendo ainda uma forma de registro e sistematização de dados, informações, quando colocados em análise por parte do pesquisador. O olhar para o campo também nos ajudou a identificar o mundo escolar vivenciado pelos gestores, professores e alunos e muito contribuiu para a nossa reflexão durante a análise dos documentos escritos. Sendo estes instrumentos valiosos para a busca de tentarmos entender o que havia de inovador na prática de leitura do projeto escolar “Da Informação ao Conhecimento” que nos remeteram a uma análise crítica sobre o que estava escrito e o que era vivido pelos sujeitos.

Nesse estudo, elaboramos algumas categorias empíricas da pesquisa. Na elaboração das categorias procuramos encontrar os aspectos que apareciam e reapareciam em contextos variados com certa regularidade, tanto nos documentos como nas entrevistas, como nas observações. Após essa etapa buscamos fazer uma análise dessas categorias buscando o sentido que elas tinham para a nossa pesquisa a partir do

confronto com o aporte teórico.

Para nos reportamos as categorias empíricas da pesquisa, recorremos a Minayo (2007) para nos lembrar que a categorização da pesquisa é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto que nos permite reagrupá-los por diferenciação ou por gênero.

Dessa forma, em termos gerais seguimos os seguintes passos no sentido de guiar nossa análise: leitura fluente do material, produção de quadros comparativos e esquemas que referencia esta pesquisa teórica, elucidada como pesquisa bibliográfica que segue uma trilha metodológica qualitativa qualificada na descrição e interpretação dos fatos para os dados coletados que estão associados à fundamentação teórica para alcançar os resultados de nossa pesquisa.

Minayo (2007; p. 91) diz:

Para fazermos interpretação, além de termos como base as inferências que conseguimos realizar como o resultado da nossa pesquisa precisou também de uma sólida fundamentação teórica acerca do que estamos investigando. No ponto de vista da abordagem qualitativa, a aplicação de testes estatísticos poderia ser uma base para a interpretação dos resultados.

Na aplicação desta categoria interpretativa a pesquisa seguiu a iniciativa de fazer uma leitura aprofundada do material selecionado para uma análise teórica mais aprofundada sobre o objeto estudado para o alcance dos objetivos gerais e específicos da pesquisa associados à relevância ressaltada na introdução da pesquisa.

Neste traçado científico-metodológico cabe-nos ressaltar que tomamos como guia a análise de questionamentos e documentos que se direcionam diretamente para prática da leitura trabalhada no Projeto escolar “Da Informação ao Conhecimento” para nos levar a compreender e interpretar o material coletado para pressupormos os entraves e sucesso da aplicabilidade da leitura na prática educativa que pressupõe características de inovação encontradas no objeto desta pesquisa.

Assim, seguimos o percurso metodológico ressaltado no capítulo 4 e tomamos uma nova trilha pelo capítulo 5, o qual aproveitaremos para discorrer sobre a análise dos dados detalhadas nas técnicas, instrumentos utilizados, tendo como apoio a participação dos sujeitos que nos subsidiaram com opiniões orais e escritas para concretização desta pesquisa.

5. A ESCOLA ESTADUAL ALFREDO GOMES: OS FIOS E OS SIGNIFICADOS DO PROJETO ESCOLAR “DA INFORMAÇÃO AO CONHECIMENTO”

Sem dúvida alguma, o grande desafio da atualidade reside em educar “em” e “para” a era planetária.

(Morin 2007)

A nossa intenção nesta parte da dissertação é apresentar algumas considerações que foram sugeridas na escola onde realizamos a pesquisa. Consideramos que se trata de um estudo que tem como objetivo se aproximar da realidade, portanto, justificamos que os dados expostos são constituídos a partir do referencial teórico e da nossa própria história de vida.

Neste contexto, priorizamos relatos e opiniões dos educadores e educandos que se integram e se socializam na realização do projeto escolar “Da Informação ao Conhecimento”, os quais muito contribuíram para esta investigação, tornando-se principais atores sociais do objeto evidenciado.

Conforme referencia Santo, Filho (2002; p.69):

Quando falamos de epistemologia da pesquisa educacional, fazemo-la com base nas práticas concretas de pesquisa na área da educação, procurando instrumentos analíticos que supõem uma lógica reconstituída ou maneira de ver, decifrar e analisar a realidade.

Temos como ideia principal a busca de respostas plausíveis para o nosso problema da pesquisa já citado anteriormente na introdução e ao longo do trabalho, retratado na necessidade de transformar o perfil dos estudantes do ensino médio das escolas da rede pública estadual.

Em virtude desta problemática vivenciada pela maioria dos jovens que cursam o ensino médio nas escolas públicas brasileiras, torna-se necessário aprimorar as pesquisas científicas na área de educação para aperfeiçoar a produção de conhecimento e favorecer o bom desempenho do aprendiz no decorrer do seu percurso escolar e de toda a sua vida.

Assim apresentamos no capítulo 5 do nosso trabalho a produção de conhecimento contextualizada no Projeto Político Pedagógico da Escola Estadual Alfredo Gomes, a construção de autonomia do educando no Projeto escolar “Da Informação ao Conhecimento” e os fazeres e dizeres dos docentes e discentes que integram a comunidade desta instituição como fonte de informação para subsidiar e respaldar a comprovação da presente pesquisa.

5.1. O Projeto Político Pedagógico da Escola Alfredo Gomes: cenários e contextos na produção do conhecimento

A partir do estudo em questão percebemos a importância de entender todo o processo de funcionamento da Escola Estadual Alfredo Gomes, portanto tomamos como instrumento norteador deste feito o PPP (Projeto Político Pedagógico) que se trata do elemento que retrata a identidade de qualquer instituição educativa.

Desta forma, devemos dizer que o PPP da Instituição escolhida para realização da pesquisa traz consigo o traçar de um conjunto de metas e propostas que sintetizam as aspirações da escola. Vale salientar que o instrumento orienta a direção que deve seguir toda a comunidade escolar, incluindo gestores, professores, funcionários alunos e familiares, apresentando uma flexibilidade satisfatória para atender as necessidades evidenciadas na realidade vivenciada.

Em seu artigo 12 a LDB 9394/96 afirma que os estabelecimentos de ensino deverão elaborar e executar suas propostas de trabalho com respeito as normas comuns do sistema de ensino. Assim, seguimos no caminho – teórico metodológico que identifica no PPP da Escola Estadual Alfredo Gomes (EEFMAG) e que tem como objetivo despertar o interesse dos discentes e docentes pela leitura para superação dos índices baixos relativos a leitura e a escrita da comunidade escolar.

Então para melhor entendimento do leitor resolvemos apresentar nas linhas abaixo um quadro que apresenta as partes que constituem o PPP da EEFMAG com a perspectiva nos fazer entender de forma clara e sucinta.

QUADRO 05 – PARTES E DESCRIÇÕES DA COMPOSIÇÃO DO PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DA ESCOLA ALFREDO GOMES.

PARTES	SINTESE/DESCRIÇÃO
--------	-------------------

APRESENTAÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Discorre sobre uma breve apresentação do instrumento político e pedagógico, descrevendo a intenções e as partes que o compõem e justificam o seu papel para o funcionamento escolar.
IDENTIFICAÇÃO DA ESCOLA ESTADUAL ALFREDO GOMES	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Encontra-se um quadro geral que apresenta os dados de identificação da escola e engloba matrícula e modalidades de ensino que funcionam na instituição evidenciada.
RENDIMENTO ESCOLAR	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Contam tabelas que nos permitem fazer uma análise mais aprofundada sobre os resultados obtidos na atuação da escola referentes aos três últimos anos.
JUSTIFICATIVA	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Justifica a elaboração do Projeto Político Pedagógico contemplado em um conjunto de regras e princípios que norteiam a formação integral do aluno como ser social.
REFERENCIAL TEÓRICO	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Contextualiza teoricamente as concepções da escola na busca de uma aprendizagem significativa.
PROPOSTA CURRICULAR	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Apresenta a teoria curricular norteadora que integra referencial teórico-curricular, valores, objetivos e metas que devem ser alcançados.
ESTRATÉGIAS DE GESTÃO	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Estabelece as estratégias de funcionamento da escola abrangendo a preparação e execução de todas as atividades desempenhadas.
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Indica os autores que nortearam a elaboração do Projeto Político Pedagógico da Escola Estadual Alfredo Gomes.

Fonte: DADOS RETIRADOS DO PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DA ESCOLA ESTADUAL ALFREDO GOMES – NOVA RUSSAS- CEARÁ - BRASIL.

Diante do quadro exposto, podemos dizer que durante a análise feita sobre o presente instrumento documental, verificamos algumas categorias empíricas propostas pela escola, dentre elas destacamos: melhoria para qualidade da educação e transformações que favoreçam uma aprendizagem significativa.

A contextualização destas categorias dá-se através do rompimento com o ensino mecanicista enfatizando conceitos como: solidariedade, autonomia, justiça, ética, sujeito, história e cidadania, que nos levam a entender que o nosso empenho na busca de analisar a prática da leitura e da escrita numa perspectiva de transformação cidadã e educacional adequa-se as propostas e metas do documento que rege o andamento da escola Alfredo Gomes.

De acordo com os dados apresentado no item rendimento escolar percebe-se que a taxa de aprovação dos alunos do ano de 2008 para 2010 teve uma alta de mais de 20%, o que representa um avanço significativo para o desempenho da escola, considerando que o projeto escolar “Da Informação ao Conhecimento” foi implantado exatamente no início do último ano comparado, o que nos permite dizer que se tornou uma realização produtiva.

Esta produtividade é comprovada pelo crescimento acentuado dos índices de aprovação nos mostram indícios de que se a Escola Estadual Alfredo Gomes der continuidade ao Projeto escolar, anteriormente citado, obteremos avanços significativos nos anos subsequentes, possibilitando-nos uma abertura maior para a transformação da prática educativa.

Conforme podemos ver, os resultados apresentados no quadro do Projeto Político Pedagógico da Escola Alfredo Gomes que os três últimos anos a escola se encontra norteadas pelos seguintes itens: Compromisso do Núcleo Gestor com a aprendizagem e o sucesso da escola; Qualificação dos professores; Acompanhamento sistemático da coordenação pedagógica; Atuação competente dos Professores Coordenadores de Área; Maior entrosamento da família no processo de aprendizagem dos alunos. Esses elementos presente no PPP indicam o desejo de inovar na medida em que se tem o desejo de romper com o paradigma tradicional.

Considerando que Fino (2009) ao ressaltar que a escola industrial priorizava o ensino em massa para conseguir o tipo de adulto que atendessem às expectativas de trabalho exigido

pela sociedade industrial, percebe-se um pequeno passo de mudança nas metas estabelecidas pelo PPP da Escola Alfredo Gomes quando busca uma educação de qualidade que focaliza a aprendizagem para que o educando se torne um sujeito mais participativo que consegue se impor de forma crítica e atuante para ressaltar a sua contribuição no processo do ensino aprendizagem.

A busca de uma aprendizagem significativa enquadra-se no desejo da inovação pedagógica que ressalta a necessidade de mudança na prática pedagógica, portanto, esta mudança se concretiza na relação escola e família, quando juntas favorecem a aprendizagem para desmistificação da herança cultural e o acesso a informação e o aperfeiçoamento do conhecimento.

Ainda abordando o compromisso com a aprendizagem e o sucesso da escola, encontra-se nas palavras de Fino (2007) que sugere acreditarmos que a inovação pedagógica decorre da mudança consciente e deliberada. Partindo da análise crítica da escola, enquanto produto da modernidade, e perante o fosso cada vez mais acentuado entre ela e a sociedade no seu todo. A escola não pode ser apenas joguete de mudanças externas, mas deve assumir, ela própria, a mudança desejada.

A relação família e escola deve contribuir para o desempenho de uma função importante que é fazer com que os pais também tenham acesso a informação e participe das ações que possibilitam a aprendizagem dos alunos, o que resulta numa parceria que faz com que a escola se torne mais aberta para entender a realidade vivenciada pelos estudantes e encontre possibilidade de mudança no desempenho das práticas educativas.

Assim, devemos recordar que as práticas não devem ser restritas apenas às atividades rotineiras do cotidiano, e sim como um processo social que envolve a abordagem de um conteúdo que desperte o lado político e estratégico do ser humano, tendo em vista que haverá transformação na educação quando a escola passar a ser vista como instituição geradora de superação e mecanismo para transformação social.

Neste contexto, enquadra-se a importância da etnografia na pesquisa educacional, que segundo Ludke (1986) envolve uma preocupação em pensar o ensino e a aprendizagem num contexto cultural mais amplo e não se restringe ao que se passa no âmbito escolar e sim ao que é apreendido dentro e fora da escola.

Ao mesclar o que os autores defendem a relação entre o papel da escola na desmitificação da herança cultural (BOURDIEU, 2008), busca de transformação para obter inovação (FINO, 2007) e a importância da etnografia na educação (LUDKE,

1986) fortalecem os itens norteadores do Projeto Político Pedagógico da Escola Estadual Alfredo Gomes na perspectiva de encontrar mudanças qualitativas para a prática educativa aplicada.

5.2 O projeto escolar “Da Informação ao Conhecimento” numa abordagem da leitura e da escrita para construção da autonomia do educando

Conforme já dito no 4º capítulo o projeto foi criado com o intuito de melhorar práticas de leituras dos estudantes para atender a demanda de formar bons leitores em busca de firmar o compromisso com a aprendizagem e promover o sucesso da escola diante do empenho de profissionais da educação que visam uma mudança significativa para transformação das práticas pedagógicas, iniciadas no ato da leitura e da escrita.

Assim, a leitura pensada primeiramente com leitura de mundo norteia o referido projeto. “Adequando-se ao conceito Freire (1987)” “identificar a palavra constitui consciência do mundo”. A palavra instaura o mundo do homem. A palavra, como comportamento humano, significante de mundo, não designa apenas as coisas, transforma-as; não é só pensamento, é “práxis”.

Desta forma optamos pela criação de um quadro que retrata as partes do projeto escolar “Da Informação ao Conhecimento” com a intenção de favorecer melhor entendimento para o leitor da pesquisa.

QUADRO 06- REFERÊNCIA DO PROJETO ESCOLAR “DA INFORMAÇÃO AO CONHECIMENTO”

PARTES	SÍNTESE/ CONTEXTO
APRESENTAÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Parte em que se dá a apresentação do projeto tem por finalidade a implementação da prática educativa que valoriza a leitura e a escrita com base na construção da aprendizagem através das ações concretas

CONTEXTO	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Apresenta os sujeitos envolvidos na realização do projeto escolar com suas respectivas atribuições.
ORIGEM	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Faz uma explanação da iniciativa de se criar o projeto mostrando o porquê e para quem este instrumento foi criado.
JUSTIFICATIVA	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Justifica-se na ideia de expandir o hábito da leitura e conseqüentemente da escrita para além dos muros da escola.
OBJETIVOS	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Ressalta-se o que se pretende alcançar no decorrer da realização do projeto escolar
RESULTADOS	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Enfatiza o percentual de desenvolvimento que se espera atingir com a implementação do projeto.
SUGESTÕES DE ATIVIDADES	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Relaciona atividades divididas para cada área com a perspectiva de mostrar que a leitura e a escrita devem ser trabalhadas em todas as disciplinas.
METODOLOGIA	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Faz uma breve explanação de como será realizada a prática da

	leitura sugerida pelo projeto escolar.
PROGRAMAÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Apresenta um cronograma dos primeiros meses de trabalho com o objetivo de demonstrar planejamento, organização e controle das atividades trabalhadas.
REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Indica os autores que nortearam a criação do projeto escolar.

Fontes: DADOS RETIRADOS DO PROJETO ESCOLAR “DA INFORMAÇÃO AO CONHECIMENTO” APLICADO NA ESCOLA ESTADUAL ALFREDO GOMES.

Sendo assim, a criação deste projeto escolar ressalta uma iniciativa de buscar um despertar de consciência e criticidade por parte do aluno para que tenhamos uma educação de qualidade através da prática pedagógica que envolve a leitura e a escrita como instrumento principal de uma formação cidadão para o indivíduo.

Para este feito, o projeto escolar ressalta como objetivo específico a necessidade de Estar em convívio constante com os instrumentos tecnológicos que facilitam a aprendizagem através da leitura e da produção textual para valorização da linguagem.

Contextualizando o dizer de Freire (2008, p. 47):

O conceito de relações, da esfera puramente humana, guarda em si, como veremos conotações de pluralidade, de transcendência, de criticidade, de consequência e de temporalidade. [...] Há uma pluralidade nas relações do homem com o mundo na medida em que responde à ampla variedade dos seus desafios.

Nesta relação os aprendizes vão se descobrindo para si mesmo e para o mundo, tomando consigo o processo de conscientização de que cada um tem seu potencial e suas habilidades, portanto a individualidade passa a ser respeitada, através do contexto da coletividade que vem ressaltada na metodologia do projeto escolar “Da Informação ao Conhecimento” quando propõe um trabalho coletivo para despertar o interesse do

aluno e pela leitura e pela informação para favorecer abertura para um novo caminho da escrita, compreensão e raciocínio lógico.

O projeto escolar ressalta ainda a necessidade do uso da leitura para que o aluno conheça o mundo através das várias formas de leitura, o que nos faz entender que o despertar crítico parte do conhecimento de que vivemos numa sociedade movida pelo excesso de informação que chega de todos os lados e por movimentos acelerados que exigem do educando a capacidade de refletir com agilidade diante dos desafios que surgem desenfreadamente nos dias atuais. Pois, como diz Freire (1987): “[...] aprender a ler é aprender a dizer a sua palavra. E a sua palavra humana imita a divina: é criadora.”.

Assim, pensamos no projeto escolar “Da Informação ao Conhecimento” como um instrumento de autonomia para o educando por permitir-lhe que se torne capaz de formar seus próprios conceitos e de possuir argumentos para questionar o que não condiz com o que considera adequado para uma vivência digna.

Esta argumentação surge das reflexões feitas sobre os diversos tipos e gêneros textuais que se utiliza para trabalhar a leitura e a escrita com a perspectiva de levar a escola a formar cidadãos desenvolvidos sócios culturalmente e capazes de adotar uma relação construtivista diante da transferência de saberes que se dá na reflexão coletiva.

Neste sentido Perrenoud (2000, p.64) afirma:

A transferência passa por uma aprendizagem na situação, uma “reflexão na ação”, um trabalho de ampliação, de recombinação, de generalização, de extrapolação, de correspondência ou de invenção a partir daquilo que o indivíduo já sabe. Para fazê-lo, é preciso sentir-se capaz disso, o que se supõe, além da autoconfiança, uma forma de epistemologia de representação “realista” do saber e da maneira como ele se constrói.

Esta transferência de saber adequa-se a ideia de que as práticas educativas devem envolver um o processo de leitura coletiva para melhorar o nível cultural dos alunos, levando-os a se inserirem num contexto educativo que estabelece relação entre escola e sociedade e os faz reconhecer que a construção se dá a partir do respeito as diferenças e da dignidade conquistada para vivencia de cada um.

Sabemos que esta construção de autonomia não é uma conquista fácil, porém não é impossível, portanto a aplicabilidade deste projeto permite que a escola trabalhe a leitura e a escrita não no sentido evasivo, e sim com a perspectiva de favorecer ao aluno um letramento significativo que abrange a diversificação textual.

É por isso que o projeto escolar propõe atividades como Charge, notícias, tirinhas, propagandas para fazer com que o aluno perceba que ler é um ato prazeroso que se dá em qualquer situação e não se limita apenas aos textos do livro didático que ele é obrigado a praticar sua oralidade diante dos colegas e depois é feita a correção da entonação da pontuação, sem nenhuma preocupação com o que foi compreendido por todos dentro da sala de aula.

Esta diversificação de textos e de mecanismo enriquece o nível cultural do aluno que passa a agir de forma diferenciada em que ele se desprende da postura de ser rebelde em que se expressa através de palavrões e adota um perfil de ser sensato e capaz de se expressar com expressões e vocábulos que lhe coloque num patamar de ser respeitado.

É interessante percebermos que a partir do enriquecimento desta abertura dada ao estudante para enriquecer suas expressões e vocabulários, ele adquire maior facilidade para se comunicar e conseqüentemente amplia sua visão de mundo para buscar conhecimento por si só, o que já eleva significativamente o trabalho pedagógico que é de responsabilidade da escola.

Para estabelecer a importância da ampliação de vocábulos para o enriquecimento da língua Balkhtin (2010, p. 16) nos lembra de que:

A palavra veiculada, de maneira privilegiada, a ideologia; a ideologia, é uma superestrutura, as transformações sociais de base refletem-se na ideologia e, portanto, na língua que a vincula. [...] para ele a palavra serve como “indicador” das mudanças.

Esta busca de favorecer o desenvolvimento cultural dos alunos através da leitura adequa-se ao objetivo específico do projeto escolar “Da Informação ao Conhecimento” que visa resgatar a importância da escola na formação dos cidadãos e no desenvolvimento sócio cultural deles e encaixa-se na busca de traçar rumos para a melhoria da qualidade da educação da Escola de Ensino Fundamental e Médio Alfredo Gomes, favorecer uma maior integração entre escola e comunidade.

Desta forma, podemos dizer que a análise da prática educativa que aborda a leitura no projeto escolar “Da Informação ao Conhecimento” se adéqua aos preceitos de formar cidadãos que se enquadrem na abordagem interativa construtivista que Regis (2002; p.38) vê como uma tendência que constrói o pensamento através de situações e desafios vivenciados pelo ativismo do aluno sob a mediação do professor.

Tendo como base a leitura que busca uma nova forma de aquisição para o conhecimento e visa tornar os alunos aptos para realizarem novas descobertas, através de pesquisas e capacitações imprescindíveis para efetivação das políticas de inclusão que passam a integradas numa educação de qualidade oferecida por uma escola que mantém relação harmoniosa e participativa nas realizações de eventos que promovam o desenvolvimento da aprendizagem escolar voltada para aprendizagem de mundo do educando.

Diante da análise documental comentada até agora tomamos como empréstimo o pensamento de Freire (1999) que associa a criticidade a uma curiosidade indagadora que nos move a fazer algo pelo mundo para construirmos e reconstruirmos uma experiência histórica e social que possibilita ao homem a capacidade de debater e discutir através do diálogo.

E este diálogo se retrata no Projeto Político Pedagógico da Escola Alfredo Gomes quando toma como referência teórica lá no item 5 a opção de se tornar uma escola democrática no acesso e nas relações internas e externas e no projeto escolar “Da Informação ao Conhecimento” quando se propõe na sua apresentação o empenho de uma equipe escolar que busca alcançar transformação para prática educativa para formar um novo perfil de aluno capaz de integrar-se aos avanços e desafios da sociedade moderna.

5.3 Os fazeres e dizeres dos educadores e educandos sobre o projeto escolar “Da Informação ao Conhecimento”.

Conforme já dito anteriormente, este estudo investiga as implicações do Projeto “Da informação ao conhecimento” na construção de uma prática inovadora que tem como meta principal a formação para a cidadania por meio da leitura.

Sendo uma investigação que busca mudança na prática pedagógica para conquistar um novo perfil de aluno que seja capaz de compreender a importância da leitura para dar continuidade aos estudos no percurso escolar para obter êxito para vida. Lembramos que Lajolo (1993) nos diz que “a leitura dos livros se aprende nos bancos formais da escola, porém outras leituras se aprendem na escola da vida”.

Portanto, tecemos aqui os dizeres e saberes dos professores que participam do Projeto escolar “Da Informação ao Conhecimento”, com a intenção de encontrar novas formas de despertar no aluno o interesse de se tornar um bom leitor e um cidadão crítico

e encontre na leitura e na escrita potencialidade para refletir, socializar-se e integrar-se para concretizar o que presenciamos em sala de aula na sua vivência em sociedade.

Por tratar-se de um Projeto que aborda a interpretação de diversos gêneros textuais que induzem os alunos a realizarem atividades reflexivas para combater as dificuldades encontradas por alguns professores para trabalhar a leitura e a escrita em sala de aula que são vistas com uma ação incômoda e enfadonha pelos alunos, enfadonho pelo simples fato de que ler não é uma atividade habitual no cotidiano desses estudantes.

Pois, tornou-se um fato comum ouvirmos professores relatarem a falta de interesse dos alunos no momento de trabalhar a leitura e as produções textuais, momento em que os alunos expõem a falta de interesse e desmotivação, pois não veem sentido em utilizar os textos do livro didático que se integram ao conteúdo exigido pela grade curricular que o professor é obrigado a cumpri-la.

Para romper com esta imposição o projeto escolar “Da Informação ao Conhecimento” aborda a leitura e a escrita com a perspectiva tornar mais fácil o acesso ao conhecimento, utilizando instrumentos adequados à realidade dos alunos para que eles conquistem autonomia e independência, através da compreensão de textos que abordam temas diversificados que lhes tragam maiores informações.

Levando-os a se engajarem nos eventos oferecidos na quadra poliesportiva da Escola Estadual Alfredo Gomes que oferece para toda a sociedade lazer e diversão, através das ações pedagógicas concretizadas nas manifestações culturais que retratam os costumes e valores da realidade vivenciada na própria cultura e desenvolvimento sócio educativo.

Desta forma torna-se necessário fazermos uma breve retrospectiva de alguns destes eventos que presenciamos durante as observações que fizemos na escola Alfredo Gomes, dentre os quais podemos destacar a realização de uma festa em homenagem ao dia das mães, tendo sido esta, coordenada por professores, funcionários e núcleo gestor, porém os autores principais do evento foram os estudantes que produziram e recitaram poesias, mensagens e relataram história de vida de suas próprias mães, através de vídeos e fotografias produzidos por eles mesmos.

Também queremos ressaltar que a escola festeja “Os Festivais Juninos” que acontecem durante os meses de junho e julho, sendo este um momento em que os alunos se empenharam em pesquisar as tradições da cultura popular que eram

valorizadas pelos seus antepassados, criam danças, produzem letras de músicas, paródias e outras atividades para costumes de gerações passadas.

Ainda neste período, os portões da quadra poliesportiva da escola são abertos para as apresentações do grupo junino formado por quarenta e oito estudantes, sendo 24 homens e 24 mulheres que participam dos Festivais Municipais há 10 anos. É importante dizer que a cada ano eles trabalham um tema diferente criado por eles mesmos e com base neste tema são criados os passos da dança e todas as produções escritas que são publicadas no informativo escolar

No mês de Agosto ocorrem os festejos da Padroeira da cidade, Nossa Senhora das Graças, sendo este um momento de realizar exposições com objetos artesanais confeccionados a partir das atividades realizadas em sala de aula ou em trabalhos de campo como: fotos, desenhos, entrevistas, relatórios, dentre outros.

A escola já dispõe de um livro que contextualiza os diversos gêneros textuais como: memória literária, cordel e poesia que resgatam a vivência histórica de gerações antigas da cidade de Nova Russas – Ceará-Brasil.

Este resgate foi feito através de pesquisa e depoimentos de pessoas antigas da cidade que os alunos ouviam e registravam para depois realizarem suas produções em sala de aula e explanavam a informações coletadas de uns para os outros para construir um processo de interação que ocorre não apenas em dia de festa ou datas comemorativas, e sim no cotidiano da própria escola. .

Esta realização aconteceu sob a nossa observação em sala de aula, que foi planejada e organizada de acordo com o consentimento dos professores para que não fosse criada uma situação incômoda entre todos os que se encontravam presentes no decorrer da aula.

Além deste momento, enfatizamos mais três que despertaram nossa atenção pela demonstração de autonomia e segurança dos alunos, sendo o segundo deles referente ao dia em que o professor de língua Portuguesa havia levado para sua aula do dia anterior, textos com temas diferentes para que os alunos formassem grupos com cinco elementos cada e elaborassem uma aula para eles mesmos ministrarem para o resto da turma.

Presenciamos a apresentação de dois destes grupos que desempenharam suas funções com eficiência e desenvoltura, respondendo aos questionamentos e argumentando convenientemente sobre o que discorriam. Durante a apresentação de um

desses grupos surgiu um questionamento que os apresentadores não estavam preparados para responderem, porém eles se saíram muito bem ao responderem que não estavam preparados para argumentarem a questão levantada e que seria um dado para ser pesquisado.

O terceiro momento de observação em sala ocorreu durante uma aula de produção textual em que o professor trabalhava a notícia, sendo este um dos itens do capítulo 50 do livro didático que aborda só textos informativos. Como sugestão para atividades o professor sugeriu que os alunos criassem um quadro dramatizado para fazerem suas apresentações que poderia ser dupla ou grupo de até cinco pessoas.

Durante estas apresentações surgiram duplas que satirizaram uma notícia sobre políticos corruptos, um grupo que apresentou a notícia com uso de fantoches e outros bem criativos, porém dentre eles destacamos uma dupla bem interessante que simulou um casal de jornalistas que apresentavam um jornal local então eles criaram um quadro informativo com tabelas e legendas de ocorrências locais utilizando como recurso tecnológico o data show do LEI (Laboratório Educativo de Informática).

O nosso quarto momento de observação em destaque se deu com o deslocamento de um grupo de alunos que se deslocou de sua própria sala de aula para outra de uma escolinha Municipal que atende pessoas carentes. Lá eles dramatizaram histórias infantis e conseguiram prender a atenção das crianças desde o primeiro momento da apresentação até o final.

Oportunamente, toda a observação do investigador foi realizada com o acompanhamento das atividades realizadas dentro e fora da sala de aula pelos alunos, mas não nos constrangemos em dizer que tivemos momentos muito prazerosos ao acompanharmos os trabalhos dos alunos. Aproveitamos bem a oportunidade para registrar todos os fatos acontecidos, descrevendo também a dedicação dos professores e das coordenadoras no apoio prestado ao ato de autonomia dos alunos.

Os fatos observados, as conversas ouvidas, os eventos presenciados e as cenas assistidas foram anotados no caderno de campo em forma de rascunho e em seguida, acoplados aos fragmentos soltos de textos lidos para serem transformados paulatinamente em textos que deram forma para descrição deste trabalho que ora se encontra em andamento.

Neste contexto, voltando um pouco ao mês de junho, reservamos um tempo para dialogar com os professores e coordenadores, que em suas conversas conosco,

muito contribuíram para a produção de corpo desta pesquisa como nos subsidiarão no capítulo da análise dos dados. Além disso, oportunizamos a aplicação dos questionários e entrevista direcionados para eles.

Na aplicação das entrevistas para os Gestores, constava o seguinte questionamento: O rendimento dos alunos melhorou após a implantação do Projeto “Da Informação ao Conhecimento” Em que aspecto?

Obtivemos a seguinte resposta tanto da Diretora Geral como das duas coordenadoras escolares: - *“Sim. O rendimento melhorou significativamente. Pois os alunos questionam mais os assuntos abordados, se sentem mais motivados para participarem dos eventos escolares e das atividades propostas em sala de aula, visitam mais a sala de Multimeios para pegar livros e conseguem produzir textos mais coerentes”.* (Fala de uma das coordenadoras escolares)

Para melhor entendimento do leitor descreveremos alguns dados dos sujeitos envolvidos nesta pesquisa abordados na seguinte ordem alunos do primeiro e terceiro ano do ensino médio, gestores (Diretora Geral e duas coordenadoras escolares) e os cinco professores de Língua portuguesa, considerando que o projeto “Da informação ao conhecimento” que é trabalhado com todas as turmas da escola, então, resolvemos não restringir o número de professores e limitamos para apenas duas turmas de alunos escolhidas como sujeitos para a pesquisa.

Dizeres dos alunos:

Portanto partimos agora para dizer que a aplicação das entrevistas e questionários se deu com 15 (quinze) alunos a turma do primeiro ano médio da turma “C” e 15 (quinze) alunos do terceiro ano médio da turma “A” que conta um total de trinta (30) alunos entrevistados. Lembrando que foram entrevistados 65 alunos, porém selecionados 30 entrevistas.

Ao perguntarmos para os alunos destas duas turmas sobre a quantidade de livros que leem por mês obtivemos a seguinte resposta: *Há mês que leio um livro e outros não leio nada porque prefiro bater papo com a turma.* Sendo esta relativa a um percentual de 40% (quarenta por cento) dos na turma do primeiro ano Médio e de 30% (trinta por cento) da turma do terceiro ano Médio.

Esta porcentagem nos faz entender que ainda precisa muito ser trabalhada a leitura para que tenhamos um grupo de bons leitores entre os jovens que cursam o

ensino médio na escola pública brasileira, pois mesmo já dispondo de aulas mais dinâmicas, percebemos que eles ainda se encontram distantes dos livros.

Outra questão que despertou nossa atenção foram às respostas dadas a seguinte pergunta: Qual a contribuição que a leitura e a produção textual favorecem para sua vivência escolar e sua vivência de mundo? Para tal questão os alunos nos responderam: *-Sei que sem ler não sou capaz de compreender muitas coisas na minha vida e tenho certeza de que através da leitura tenho uma outra visão de mundo. A leitura enriqueceu meu vocabulário, me tornou mais consciente do meu papel de cidadão.*

Enquanto o aluno B complementou dizendo: *- O momento da leitura é importante porque estimula o aprendizado e aumenta o conhecimento. Além disso, nos permite discutir assuntos interativos.*

O que nos propõe a concepção de que eles têm consciência de que a leitura é fundamental sua formação cidadã, mesmo que ainda se integrem ao grupo dos leem muito pouco. O que requer um pouco mais de esforço no trabalho pedagógico para encaixá-los no mundo da leitura.

Para o aluno C a leitura e a escrita devem ser trabalhadas para preparar o aluno para o exercício da cidadania, este dado fica claro quando ele afirma: *- A escola deve trabalhar leituras diversificadas e proporcionar abertura para discutirmos o que lemos de forma interativa, assim podemos reforçar o que aprendemos.*

A opinião deste aluno vai se adequa ao conceito de que para “inovar a prática pedagógica” precisamos investir no potencial, desenvolver a autoestima e a criatividade deles para que saibam se comunicar utilizando argumentos satisfatórios que justifiquem o seu papel de serem cidadãos críticos e conscientes.

Como sugestão para o aperfeiçoamento da prática que envolve a leitura, o aluno D propõe que a escola faça uma pesquisa com os alunos sobre os assuntos que mais lhes interessam e dê-lhes oportunidade de planejarem atividades e apresentações com as devidas abordagens.

Enquanto isso o aluno E complementa: *- Esta sugestão é boa porque há muitos alunos que não se interessam pela leitura e esta pode ser uma forma de despertar o interesse e a atenção dos que se encontram dispersos.*

Desta forma, o Projeto escolar da Informação ao Conhecimento torna-se instrumento de democratização e inclusão quando busca envolvimento dos alunos nas atividades pedagógicas e estimula-os para a fazerem escolhas que podem contribuir para

desenvolvimento da aprendizagem e torna-os seres mais ativos e críticos para buscarem a construção de uma sociedade mais justa.

Dizeres dos professores coordenadores

Ao analisarmos a ficha de registro livros emprestados aos professores que consta como controle da sala de Multimeios. Percebemos que eles também não são leitores assíduos, pois observamos que a maioria deles pega livros que os auxiliam no planejamento mensal ou em algum conteúdo que eles explanem em sala de aula.

Esta análise nos faz entender que o professor também precisa mudar sua postura de não leitor, pois um profissional que atua na área de educação não pode se deixar ao desleixo de não lê no mínimo dois livros por mês. E ao lhe perguntarmos sobre quantos livros leem por mês? Tanto o professor A como o professor B nos responderam: - *Há meses que não lemos nenhum livro porque trabalhamos os três expedientes e não nos sobra tempo, mas a realização deste projeto tem nos dado mais abertura para lermos junto com os alunos.*

Desta forma, percebemos que a mudança da prática educativa começa a dar seus primeiros passos com implementação do projeto escolar “da Informação ao Conhecimento”, embora ainda sejam necessários muitos outros passos no decorrer desta caminhada.

E para discorrer sobre a implantação deste projeto escolar, tomamos para categorização os depoimentos de uma das coordenadoras, um professor e um aluno (Com nome fictício) que foram selecionados com o intuito de reforçarmos as características citadas anteriormente.

Entraves encontrados:

- | |
|--|
| <p>a) <i>A maior dificuldade encontrada para realização deste trabalho foi a conscientização dos alunos, no início eles não manifestavam interesse em lê e geralmente não se concentravam, voltavam-se para brincadeiras ou xingamentos com os colegas. (Professora Maria)</i></p> <p>b) <i>No começo foi ruim porque eu não gostava de ler, não era uma coisa que tivesse costume de fazer, então era difícil ficar quieto ali tentando entender o que estava escrito. E outra coisa difícil foi fazer apresentação em público, tanto para os colegas na sala de aula como nos eventos lá na quadra. (aluna Joana)</i></p> <p>c) <i>O processo de conscientização tanto do professor quanto do aluno. Para trabalhar a leitura de forma diferenciada, o professor precisa alterar seu planejamento rotineiro, além disso, ele precisa ser mais atento nos momentos de debates, tem mais trabalho ao mediar os seminários e palestras que os</i></p> |
|--|

alunos organizam. E por sua vez o aluno rejeitou no início, pois passou a tomar decisões e isso incomoda que está acostumado com o comodismo.
(Coordenadora Violeta)

Sucesso encontrado:

a) A leitura aplicada através deste projeto escolar trouxe grandes benefícios para esta escola, pois os alunos melhoraram no desempenho das atividades e na desenvoltura, afinal é um projeto que faz com que eles escolham os temas que querem trabalhar e organizam e planejam suas próprias apresentações.
(Coordenadora Rosa)

b) A parte mais importante da leitura trabalhada neste projeto é o fato de descobirmos que podemos fazer coisas que às vezes pensamos que não sabemos, por exemplo, as aulas dramatizadas que apresentamos na.....

(Aluno Pedro)

c) O resultado do projeto “Da Informação ao Conhecimento” é maravilhoso, pois os alunos estão mais participativos e demonstram estar com o senso crítico mais aguçado, além disso, eles estão mais envolvidos e trazem mais informações para sala de aula para socializar conosco professores e com os colegas. (Professor João)

Características inovadoras:

a) O professor deixa que a gente tome decisões e as exposições dos nossos trabalhos servem para nos mostrar que somos capazes de criar coisas interessantes que podemos usar para ajudar nas despesas da família.

(Aluno Miguel)

b) O que considero inovador é o fato do aluno ser condutor da própria aprendizagem, o professor apenas faz a mediação do que está no contexto do projeto, mesmo sendo uma ação fora do currículo escolar, pretendemos levar adiante. (Coordenadora Violeta)

c) Vejo que inovação no fato dos alunos fazerem suas próprias escolhas conduzirem suas apresentações com segurança e autonomia e principalmente por já saberem argumentar dignamente sobre seus deveres aqui na escola e lá fora. (Professora Antonieta)

Diante dos entraves e sucessos encontrados na vivência educacional, percebe-se pelo comentário dos alunos que a rejeição deles em ler resulta da exclusão desta prática desde os primeiros anos de vivência escolar, pois apesar desta ação não ser inerente ao cotidiano escolar, notamos que o aluno reconhece a importância desta prática para sua formação cidadã, identificando no ato de ler uma abertura para o despertar de consciência crítica. Já para a docente e coordenadora a inovação encontra

na possibilidade do estudante ter a possibilidade de se colocar e de argumentar, isto é agente da sua própria aprendizagem.

Desta forma a observação da prática que envolve a leitura e a escrita no projeto escolar “Da Informação ao Conhecimento” torna-se um processo referente à quebra de paradigmas no momento em que dá abertura para que o aluno se torne um agente construtor da própria aprendizagem.

A constatação deste feito tornou-se evidenciada na pesquisa diante da organização das palestras e dos seminários, das aulas preparadas e apresentadas por eles, nos quais os estudantes têm autonomia para fazer escolha dos temas abordados e de participarem ativamente dos eventos escolares e das explanações dos conteúdos para os colegas em sala de aula.

Trabalham temas polêmicos como o apresentado no texto “**Violência epidêmica**” do médico Dráuzio Varella que consta na página 399 do Livro Didático adotado pela escola, o qual gerou discussões interessantes sobre a violência que ocorre nos grandes centros urbanos.

Ressaltamos agora um fragmento de texto do livro didático trabalhado em sala de aula no momento da leitura com o objetivo de analisarmos se há relação entre o assunto do texto e a vivência do aluno em sociedade, portanto refletirmos que além do assunto do texto citado se enquadrar na realidade dos sujeitos envolvidos nesta pesquisa, também estimula - os a dialogarem e debaterem em busca de soluções para possíveis problemas vivenciados.

Leia o fragmento do texto: *“A violência urbana é uma enfermidade contagiosa”. Embora possa acometer indivíduos vulneráveis em todas as classes sociais, é nos bairros pobres que ela adquire característica epidêmica. [...] na falta de alternativa, damos à criminalidade a resposta do aprisionamento.”*

Por ter sido um dos textos mais comentado dentro da sala de aula, os alunos do terceiro ano decidiram que seria necessária a convocação do Defensor Público da Cidade Nova Russas – Ceará – Brasil para fazer uma explanação mais aprofundada do assunto, e assim o professor João (nome fictício) cedeu o espaço de suas aulas para ocasionar um debate mais aprofundado dentro da sala de aula.

O que resultou na participação dos alunos em uma campanha para arrecadação de alimentos e objetos de uso pessoal para serem levados para única cadeia da cidade, numa tentativa de amenizar a angústia vivida naquele espaço fétido.

Por esta razão, podemos deduzir que a base para despertar a consciência crítica dos alunos está fundamentada na leitura reflexiva que deve ser trabalhada para fundamentar uma nova prática educativa que quebre as barreiras impostas pelo sistema tradicionalista que segue o paradigma fabril e condicionante.

Sabemos que a transformação nas práticas educativas se dá a partir da abertura dada pela escola que adota uma postura democrática que busca formar alunos capazes de pensar, serem autônomos, independentes e conscientes de seus direitos e deveres, ou seja, uma escola que aplica a prática que relaciona educação e sociedade contextualizada na abordagem de textos que despertem o anseio ao exercício da cidadania.

Desta forma, discorremos sobre uma prática educativa que sugere a implantação da leitura como uma ferramenta que promove desenvolvimento da aprendizagem seguindo uma abertura democrática para o acesso à informação e ao conhecimento que são considerados eixos geradores de movimentação para sociedade em que vivemos.

Buscamos retratar fidedignamente a opinião de profissionais da educação com a intenção de sugerir novos estudos que venham ampliar esta visão de que a educação precisa acompanhar os avanços e ocorridos nas outras áreas e para isto necessita passar por transformações que gerem mudanças significativas para romper com o atual paradigma que a cerca.

Assim partimos para as nossas considerações finais com os anseios de que novas descobertas sejam feitas através desta trilha descrita para concretização desta investigação que busca fortalecer as perspectivas de mudança para a prática educativa.

CONCLUSÃO

E é esse o sentido da inovação: antecipar no presente o futuro que se desconhece. Provocar, localmente e avant la lettre, paradigmas novos. Como dizia Thomas Kuhn, a mudança paradigmática é provocada por agentes de mudança. Queremos que os futuros Mestres em Inovação Pedagógica façam parte desse grupo.

Sousa & Fino (2007)

Este trabalho analisa uma iniciativa de mudança para prática educativa que atua como sugestões inovadoras e tem suas bases no curso de Mestrado na área Educação proposto pela Universidade da Madeira- UMA – Funchal- Portugal. O qual possui como objetivo central, o rompimento do sistema educativo com atual paradigma que rege as atividades educacionais.

A presente dissertação analisou um projeto de leitura vivenciado numa escola pública, a qual ocorreu entre 2011 e 2012, objetivando a efetivação de um trabalho acadêmico que tem a perspectiva de encontrar Inovação na prática da leitura e da escrita abordada no projeto escolar “Da Informação ao conhecimento” que vem sendo trabalhado nas práticas educativas aplicadas na Escola Estadual Alfredo Gomes na cidade de Nova Russas- Ceará – Brasil desde o início do ano de 2010.

O estudo evidenciado buscou na observação da referida prática a identificação de mudanças que representaram Inovação para o processo educativo para consolidar uma nova postura no sistema educativo. Para este feito foi tomado como base a referência de experiências vividas pelos profissionais que atuam na própria instituição escolhida para investigação.

Tendo em vista que a escola é a principal instituição responsável pela formação do ser humano e que esta responsabilidade atribui-lhe a missão de agir dignamente para com aqueles sobre os quais recai sua função. Portanto, ela não pode e não deve se manter distanciada de avanços e acontecimentos que movimentam a sociedade e a vivencia dos indivíduos que a ela se integram.

Assim na introdução deste trabalho enfatizamos uma realidade retratada na vivencia de jovens que chegam ao ensino médio sem capacidade de compreender o que leem e sentem dificuldade de interpretar questões que compõem testes e avaliações de

concursos e vestibulares. O que gera uma problemática educacional que ressalta a má qualidade da educação.

Para o qual buscamos resposta na análise do projeto escolar "Da Informação ao Conhecimento" que visa encontrar na prática de leitura os raios de inovação pedagógica que tornam as aulas mais dinâmicas e despertam nos alunos o interesse de participarem das atividades escolares que representam transformações para a prática educativa e para quebra de um paradigma que condiciona o aprendizado.

A partir dos debates e questionamentos que surgiram no decorrer da leitura, foram surgindo trocas de ideias que muito contribuíram para a formação de sujeitos participativos que compreendem e produzem diferentes tipos de textos para desenvolver uma aprendizagem significativa e construtora de cidadania.

Vimos que os estudantes, professores, coordenadores e gestores passaram a apresentar uma nova postura diante do conhecimento da leitura, associando-a como elemento necessário para continuidade dos estudos e para uma nova postura da escola para atender o objetivo de formar seres críticos e desenvolver a aprendizagem articulada ao exercício da cidadania através da leitura, conforme dito na introdução.

Desta forma a nossa visão de pesquisador sugere o empenho de investigações futuras relacionadas ao tema abordado para favorecer o acesso a concreticidade para conquista de suas idealizações, a capacidade de argumentar adequadamente durante as conversas, na descoberta de competências e habilidades que atendam os anseios de mudanças na educação da sociedade atual.

Para entendermos os conceitos definidos para uma sociedade que carrega consigo a inconstância da incerteza e da aceleração, nos reportamos as ideias de (Toffler 1972), (Papert; 2008) que nos alertaram teoricamente com o complexo pensamento que envolve os avanços tecnológicos propondo-nos que ainda dispomos de uma educação arcaica que se mantém longe desse desenfreada que nos sobrecarrega com informações que se tornam cada vez mais difíceis de serem acumuladas em nossas mentes.

Seguindo os traços da sociedade atual nos reportamos para (Bourdieu 2008), (Morin 2007), (Perrenoud 2000) e outros que corroboram com uma visão global da escola no sua função ideológica e dos contrastes que a sociedade apresenta, ressaltados na diferenciação de classes que buscam suporte na conscientização do cidadão como uma conquista inovadora da prática educativa, através da leitura reflexiva.

Diante da problemática que ressalta a existência de uma escolaridade deficiente por falta do hábito da leitura e da escrita, buscamos entender até que ponto a prática educativa aplicada no projeto “Da Informação ao Conhecimento” vem favorecendo o desenvolvimento da leitura para os jovens de uma escola do ensino Médio do Ceará de forma que e oportunizando a construção da cidadania?

Acreditando que a partir de uma compreensão reflexiva da leitura, o aluno se torne capaz de realizar outros tipos de leituras que podem ser consideradas fundamentais para seu aprendizado e para sua atuação diante da vida. Sendo esta, uma porta aberta para o acesso a informação e ao conhecimento, ressaltados na representação de desenvolvimento social e cultural concretizada na transformação da sociedade.

A interpretação e a produção textual possibilitam ressignificações a partir da prática que leva o aluno, a pensar, agir, criar e construir. Portanto, parte deste conceito a necessidade de diversificar temas para ampliar as ideias que surgem no momento da reflexão, desta forma, tanto o aluno quanto o professor adentram um universo que engloba o ensinar e o aprender coletivamente.

Pois, compreender e interpretar textos, através da leitura leva o aluno a seguir a linha do saber que alcança o universo de uma educação global, considerando a visão de que à medida que busca compreender ele apropria-se cada vez mais do conhecimento e encontra abertura para tornar-se um leitor capaz de criar, transformar e agir.

Diante das perspectivas de implementação do hábito da leitura no contexto das práticas educativas, focalizamos nesta linha de ideológica o sinal aberto para uma prática inovadora educativa que amplia o comprometimento escolar em formar cidadãos críticos, conscientes, participativos e comprometidos com a busca de construir a própria história e de se tornarem capazes de transformar conceitos e valores que provocam o desnivelamento da sociedade.

Assim verificamos por meio da pesquisa passa necessariamente por um grupo de professores encorajados, abertos a novos conhecimentos e que pensa a leitura e a escrita como instrumentos de uma boa qualidade de ensino que possibilitam ruptura com o paradigma fabril que rege a educação mundial.

Sugerindo mudanças significativas que ponha como foco educativo a centralização da aprendizagem significativa que leva o aluno a se descobrir como agente ativo e participativo do meio escolar e da sociedade, conseqüentemente a escola surge

com uma nova roupagem desmembrada de um modelo fabril e voltada para formação de cidadãos conscientes.

Ressaltando o conceito de Inovação para Educação na definição de sua vinculação com as práticas educativas que se inserem no contexto educacional de uma vivência escolar que valoriza a leitura e a escrita com a perspectiva de obter transformações conectoras de uma escola viável para a formação cidadã do estudante e a existência de uma nova postura profissional do educador.

Sendo esta, uma abertura significativa para o acesso a informação e ao conhecimento, ressaltados na representação de desenvolvimento social e cultural concretizada na transformação da sociedade amparada na prática que envolve interpretação e a produção textual para possibilitar ao aluno a competência de pensar, agir, criar e construir.

Portanto, parte deste conceito a necessidade de diversificar temas para ampliar as ideias que surgem no momento da reflexão, desta forma, tanto o aluno quanto o professor adentram um universo que engloba o ensinar e o aprender coletivamente.

Inserção desta vertente traçam os rumos de uma investigação que traz no seu âmago o anseio de implementar nas instituições escolares a leitura como um processo contínuo que favorece o acesso ao conhecimento e a informação para conquista da autonomia e criticidade no aperfeiçoamento da aprendizagem e na transformação da realidade escolar compartilhada com a realidade de mundo.

Desta forma, deixamos como consideração final a certeza de que a leitura e a escrita são ferramentas primordiais para promover transformações significativas na educação contemporânea, tomadas como referência para abrir portas para um novo caminho educativo, desvinculado do condicionamento imposto pelo paradigma fabril, rompendo fronteiras que limitam a aprendizagem e dando abertura para novos atores construtores do processo educativo.

Assim a importância desta pesquisa qualitativa de abordagem etnográfica propõe como sugestão a valorização do pensar e do agir por parte do aluno que se encontra respaldada no engrandecimento do ato de ler e conseqüentemente, de escrever adequadamente, para dar início a entrada de novas atitudes pedagógicas que provoquem inovação na área educativa, tornando-a capaz de acompanhar os avanços e as acelerações que ocorrem na sociedade Moderna.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRÉ. Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional**. 3 ed. Brasília: Liber livro Editora. 2008

_____ **Etnografia da Prática Escolar** . 16 ed. Campinas,- São Paulo: Papyrus. 1995

ANTUNES. Irandé. **Aula de Português – Encontro & Interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003

BAJARD. ÉLIE. **Caminhos da escrita: espaços de aprendizagem**. São Paulo: Editora Cortez, 2002

BAMBERGER. Richard. **COMO INCENTIVAR O HÁBITO DA LEITURA**. 1 ed. São Paulo- UNESCO: Editora Ática.1975.

BAKHTIN. Mikhail. **MARXISMO E FILOSOFIA DA LINGUAGEM: Problemas Fundamentais do Método Sociológico da Linguagem**. 14 ed. São Paulo. Hucitec. 2010

BOURDIEU, P. **Escritos de Educação**. 10ª ed. Petrópolis/Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2008.

BOURDIEU, Pierre & PASSERON, Jean-Claude. **A REPRODUÇÃO: elementos para uma teoria do Sistema de ensino**.Petrópolis- Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

BRASIL. **Lei Nº 9.394/96 - Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional – LDB**. Brasília, 1996.

_____ **Lei Nº 9.394/96 - Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional – LDB**. Brasília, 5 ed. 2010.

_____ Ministério de Educação-MEC. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio**. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Brasília: MEC, 1999.

_____ Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão-MPOG. **Relatório do Senso de 2009 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE**. Brasília:

MPOG, 2009. Disponível em: www.folhaderondonia.com.br/noticias. Acesso em: outubro/2010.

BRANDÃO, H. & MICHELETTI, G. Aprender e ensinar com textos / coordenadora geral Ligia Chiappini. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

BRAZÃO. Paulo. A Prática social, a tecnologia e a construção do currículo. In A. Bento & A. Mendonça, (Ed), **EDUCAÇÃO EM TEMPO DE MUDANÇA: Liderança/Currículo/ Inovação/Supervisão**. (pp-107-113) Funchal: CIE-UMA (ISBN; 978-989-95857-06)

BRAZÃO. (Org.). Políticas educativas: discursos e práticas. Funchal: Grafimadeira, pp. 192-209.

CAGLIARI. Luiz Carlos. **ALFABETIZAÇÃO E LINGUÍSTICA**. São Paulo: Scipione. 2009

CARRAHER, Terezinha Nunes. **APRENDER PENSANDO: Contribuições da Psicologia Cognitiva para a educação**. 17 ed. Petrópolis- RJ: Vozes. 2003.

CEARÁ. Secretaria de Educação do Estado do Ceará-SEDUC. **Boletim Pedagógico da Escola. SPAECE – 2009 / Ensino Médio – Língua Portuguesa**. Juiz de Fora-MG: Universidade Federal de Juiz de Fora/Faculdade de Educação/CAED, 2009.

FAZENDA. I. (org.). **Metodologia da Pesquisa Educacional**. 3ª ed. São Paulo: Editora Cortez, 1994.

FERNANDES. Margarida Ramires. **Mudança e Inovação na Pós-Modernidade: Perspectivas Curriculares**. Porto-Portugal: Porto Editora. 2000

FERREIRA. Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 1. ed. São Paulo: Nova Fronteira S.A. 1987

FINO, C. N. **Inovação Pedagógica: significado e campo (de investigação)**. In: **EDUCAÇÃO EM TEMPO DE MUDANÇA: Liderança/Currículo/ Inovação/Supervisão**. 2ª ed. Porto- Portugal: Execução Gráfica. 2010. Org. Antonio V. Bento e Alice Mendonça.

_____ (1996). "**Contra a unicidade curricular**". Arquipélago - Perspectivas e Debates, 1, 1, 39-46. Funchal, Primavera de 1996,

_____ (2008). "**A etnografia enquanto método: um modo de entender as culturas (escolares) locais**". In Christine Escallier e Nelson Veríssimo (Org.) Educação e Cultura. Funchal: DCE – Universidade da Madeira, pp 43-53.

_____ (2009). "**Inovação e invariante (cultural)**". In In Liliana Rodrigues & Paulo

FILHO. J. C. S & Gamboa. S.S. **Pesquisa educacional: quantidade-qualidade**. 5ed. São Paulo: Cortez. 2002.

FLICK. Uwe. **INTRODUÇÃO À PESQUISA QUALITATIVA**. Tradução: Joice Elias Costa. 3 ed. Porto alegre: Artmed, 2009.

FRANCO, C. **História da Pedagogia**. Tradução Álvaro Lorencini. São Paulo: Fundação Editora da UNESP (FEU), 1999.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia. Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1999.

_____ **Educação como Prática de Liberdade**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2008.

_____ **Pedagogia do Oprimido**, 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1987.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Pesquisa Retratos da Leitura**. São Paulo: IPL, 2007.

KLEIMAN. Angela. **Texto & Leitor: aspectos Cognitivos da Leitura**. 7 ed. Campinas: São Paulo: Pontes. 2000

KLEIMAN. Angela. et. al. in. **Português no ensino médio e a formação do professor**. São Paulo: Parábola Editorial. 2000

KOCH. Ingedore G. Villaça. **DESVENDENDO OS SEGREDOS DO TEXTO**. São Paulo. Cortez. 2006.

KOCH. Ingedore G. Villaça. **O TEXTO E A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS**. 9 ed. São Paulo: Contexto. 2010

KRAMER, Sonia. **ALFABETIZAÇÃO, LEITURA E ESCRITA: formação de professores em curso.** São Paulo: Ática. 2010.

KHUN. Thomas S. **A Estrutura das revoluções Científicas.** São Paulo: Perspectiva, 2009

LAJOLO, M. **Do Mundo da Leitura para a Leitura do Mundo.** São Paulo: Editora Ática, 1993.

LAPASSADE. Georges. **As microssociologias.** Tradução de Lucie Didio. Brasília: Liber Livro Editora. 2005.

LOPES. L.R. in **JANELAS BAKHTINIANAS: Refrações, Reflexões, e Rascunhos.** São Carlos- São Paulo: Pedro& João Editores, 2008.

LUDKE. Menga. e ANDRÉ Marli. E. D. **A Pesquisa em educação: Abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU. 1986.

LURIA. A.R.in **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem.**11 ed. São Paulo: Ícone. 2010

MACEDO. R.S. **Etnopesquisa Crítica, Etnopesquisa-Formação.** Brasília-DF: Editora Líber Livro, 2006.

MATOS. Kelma Socorro Lopes de. & VIEIRA. Sofia Lerche. **Pesquisa Educacional: o prazer de conhecer.** Fortaleza-Ceará: Edições Demócrito Rocha, UECE. 2001.

MENDONÇA, A. **O Insucesso Escolar: políticas educativas e práticas sociais.** Um estudo de caso sobre o Arquipélago da Madeira. Ramade – Portugal: Editora Pedagogo. Ltda., 2009.

MENDONÇA, A. e BENTO, A.V. (org.) **Educação em Tempo de Mudança.** Funchal: Grafimadeira, 2008.

MICHELETTI. Guaraciaba. **LEITURA E CONSTRUÇÃO DO REAL: Lugar da poesia e da Ficção.** 4 ed. São Paulo: Cortez 2006.

MINAYO. Maria Cecília de Sousa. **PESQUISA SOCIAL.** 25ª ed. Revista e atualizada- Petrópolis- RJ: Vozes, 2007.

MORIN, E. **Educar na Era Planetária: o pensamento complexo como método de aprendizagem no erro e na incerteza humana.** 2 ed. São Paulo: Editora Cortez, 2008.

NUNES. Maria Fernanda Rezende. In **Escolas Inovadoras: Experiências bem-sucedidas em escolas públicas.** Brasília: UNESCO, Ministério da educação. 2004

PAIVA, A. *et. al.* **Democratizando a Leitura: pesquisa e prática.** Belo Horizonte: Caele, Editora Autêntica, 2008.

PAPERT, S. **A Máquina das Crianças - repensando a escola na era da informática.** Porto Alegre: Ed. Artmed, 2008.

PERRENOUD, P. **Pedagogia Diferenciada: das intenções à ação.** Porto Alegre: Editora Artmed, 2000.

REGIS. Herman. **Construtivismo em Redação?.** Livraria Dherma. Minas Gerais- MG. 2002.

SARMENTO, Leila Lauar. **PORTUGUÊS: Literatura, Gramática, Produção de Texto:** Volume Único. São Paulo: Moderna. 2004.

SEVERINO. Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho Científico.** 23 ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez. 2007

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **UNIDADE DA LEITURA – TRILOGIA PEDAGÓGICA.** 2 ed. Campinas- SP: Autores Associados. 2008

SILVA. Vera Maria Tieztmann. **LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA:** um guia para professores e promotores da leitura. 2 ed.- ver- Goiânia: Câne Editorial, 2009

SOLÉ. Izabel. **ESTRATÉGIAS DE LEITURA.** Porto Alegre: Artmed. 1998

SOUSA, J. & FINO, C. **Inovação e Incorporação de Novos Saberes: O desenho curricular de um Mestrado em Inovação Pedagógica.** In Actas do VIII Congresso da SPCE. “Cenário da Educação/Formação. Novos espaços, culturas e saberes”. Edição em CD-ROOM. 2007.

SOUZA. João Francisco de. **Prática pedagógica e formação de professores.** In: BATISTA NETO, José; SANTIAGO, Eliete (Orgs.). **Prática pedagógica e formação de professores.** Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2009.

SOARES, Magda. Letramento: Um tema em três Gêneros. 3 ed. Belo horizonte: Editora Ática. 2009.

TOFFLER, A. **O Choque do Futuro**. Traduzido por Marcos Aurélio de Moura Matos. Rio de Janeiro: Editora Arte Nova, 1971.

YUNES, Eliana. **LEITURA E LEITURA DA LITERATURA INFANTIL**. São Paulo: FTD. 1988.